



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



DAS ANTIGAS QUINTAS DE RECREIO AOS NOVOS POLOS DE CENTRALIDADE

Reabilitação da Quinta da Torre d'Aguilha como Espaço Cultural e Comercial

SOFIA DE JESUS PIRES LOPES

(Licenciada em Estudos Arquitetónicos)

Proposta de Trabalho Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Neves da Silva Leite

Professor Doutor, Arquiteto, Jorge Firmino Nunes

JÚRI

Presidente: Professor Doutor, Arquiteto, Daniel Maurício Santos de Jesus

Vogal: Professora Doutora, Arquiteta, Maria da Soledade Gomez Paiva Sousa

Lisboa, FAUL, outubro, 2018

DAS ANTIGAS QUINTAS DE RECREIO AOS NOVOS POLOS DE CENTRALIDADE

Reabilitação da Quinta da Torre d’Aguilha como Espaço Cultural e Comercial

SOFIA DE JESUS PIRES LOPES

(Licenciada em Estudos Arquitetónicos)

Proposta de Trabalho Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Neves da Silva Leite

Professor Doutor, Arquiteto, Jorge Firmino Nunes

JÚRI

Presidente: Professor Doutor, Arquiteto, Daniel Maurício Santos de Jesus

Vogal: Professora Doutora, Arquiteta, Maria da Soledade Gomez Paiva Sousa

Lisboa, FAUL, outubro, 2018

Este documento foi redigido segundo o atual Acordo Ortográfico

| AGRADECIMENTOS |

Aos meus orientadores, Professor Doutor António Leite e Professor Doutor Jorge Nunes pela disponibilidade, partilha, dedicação e ajuda em cada conversa.

Aos meus pais pelo exemplo de educação, pelo apoio, carinho e confiança que depositaram em mim ao longo destes anos. Por todos os debates filosóficos e racionalistas do meu pai e por todas as conversas responsáveis e emotivas da minha mãe.

Aos meus tios, que me acompanharam desde sempre, presenteando-me em todos os momentos da minha vida. Pelos conhecimentos passados e pela cumplicidade e alegria de cada momento vivido. Pelo entusiasmo e companheirismo académico do meu tio, que foi essencial neste projeto e à minha tia pela sua jovialidade, amizade, dedicação e amor.

Aos meus avós, que caminharam sempre comigo.

Aos amigos de sempre. Ao grupo do CBS, em especial ao Tomás pela sua presença incondicional nos momentos de desespero e de “crises”. À Madalena e Adriana, pelas nossas conversas, risos e curiosidade constante ao longo deste processo. À Joana e Margarida que na incerteza e na brincadeira de um inacabado, sempre acreditaram que veriam um finalmente. Ao “Gui” pelas suas críticas e ideias motivacionais de trabalhador, que contribuíram para a demora deste processo, sendo transformadas em reflexões lógicas que vieram cooperar no progresso do mesmo.

Aos que de alguma maneira me permitiram sonhar, arquitetar e dramatizar e que possibilitaram um equilíbrio entre o trabalho, desporto e o social.

A todos, Obrigada.

| RESUMO |

| Título |

Das Antigas Quintas de Recreio aos Novos Polos de Centralidade

| Subtítulo |

Reabilitação da Quinta da Torre d’Aguilha como Espaço Cultural e Comercial

| Nome |

Sofia de Jesus Pires Lopes

| Orientação Científica |

Professor Doutor António Leite

Professor Doutor Jorge Nunes

Proposta de Trabalho Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Lisboa, outubro 2018

| PALAVRAS - CHAVE |

Quintas de Recreio
Novos Polos de Centralidade
Quinta da Torre d’Aguilha
Cultura e Comércio

| Número de Palavras |

291 Palavras

Matrizes de uma territorialidade, as Quintas de Recreio tiveram a sua origem na cultura islâmica e nos modelos italianos renascentistas. Na sua composição, para além da Casa Senhorial, era normalmente notada uma forte presença de jardins, pomares, espaços lúdicos e de lazer, tendo predominância de água, bem como uma relação entre o homem, natureza e paisagem. Porém, ao longo dos tempos e devido a mudanças de paradigmas de desenvolvimento social, estas quintas e as suas casas senhoriais tornaram-se incompatíveis com a cidade contemporânea, levando a um abandono, esquecimento e em alguns casos, adaptações a novos usos.

Esquecida pelo tempo, a Quinta da Torre d’Aguilha em São Domingos de Rana é uma dessas tipologias de Quintas que definiram um modo de vida, num regime aristocrático e quase feudal demonstrando uma forte soberania e impacto no território e na paisagem e que, infelizmente, se encontra devoluto e num estado de ruína.

Através de uma ligação entre o passado, presente e futuro, o trabalho apresentado parte de uma investigação e análise às quintas de recreio e relação, homem - paisagem, sendo posteriormente tratados temas sobre o estado de degradação geral das mesmas e suas projeções futuras, estando estas agrupadas no âmbito de uma adaptação para novas funcionalidades. A introdução de uma nova centralidade nos subúrbios, também apresentada e defendida através de estudos relativos à cidade e seu crescimento, assim como, questões do urbanismo comercial e que vão ao encontro dos objetivos programáticos do projeto, vem na expectativa de tornar a Torre d’Aguilha um espaço atrativo e de vivências. O projeto procura conjugar ambas as vertentes, a de uma quinta de recreio com uma nova centralidade, através de um programa de novos usos, transformando a quinta numa centralidade, um polo de interação cultural e comercial.

| ABSTRACT |

| Title |

From Old *Villas* to the New Centrality Poles

| Subtitle |

Rehabilitation of Quinta da Torre d'Aguilha like Cultural and Comercial Space

| Name |

Sofia de Jesus Pires Lopes

| Advisers Team |

Professor Doctor António Leite

Professor Doctor Jorge Nunes

Final Marter' Degree Proposal for the Master's Degree in Architecture

Lisbon, october 2018

| KEYWORDS |

Villa

New Centrality Poles

Quinta da Torre d'Aguilha

Culture and Commerce

| Number of Words |

291 Words

Villa as matrices of territoriality, had their origin in Islamic culture and Italian Renaissance models. In their location besides the Manor House, they consisted of a strong presence of gardens, orchards, leisure and play areas, with the predominance of water providing a central bridge between man, nature and landscape. But over time and due to changes in paradigms of social development, these farms and manor houses became incompatible with the contemporary city development leading to a neglect and abandonment or, in some cases, to adaptation to new uses.

Forgotten by time, Quinta da Torre d'Aguilha located in São Domingos de Rana is one of these cases. It was a *Villa*, which, after defining a way of life in aristocratic and almost feudal times, and demonstrating a strong sovereignty and impact on the local territory and landscape, was abandoned and left in a state of ruin.

Through the connection between past, present and future, the project here presented, starts with research and analysis at the birth of this concept as well as describing the relationship between man and landscape. Subsequently, topics will be discussed regarding to the state of their degradation and future projections as part of an adaptation to new functionalities. The introduction of a new centrality in the suburban area will be presented and defined through studies related to the city and its growth, as well as issues of commercial urbanism that meet the project objectives and in the expectation of making Torre d'Aguilha an attractive and experiential space. The project seeks to combine both aspects. One *Villa* with a new centrality, through a program of new uses turning the *villa* into a centrality through a program of new uses and thus in a pole of cultural and commercial interaction.

| ÍNDICE |

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS | 3 |
| 1.2 METODOLOGIA | 7 |
| 1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO | 9 |
| | |
| 2 A QUINTA DE RECREIO: <i>PASSADO, PRESENTE E FUTURO</i> | 11 |
| 2.1 <i>PASSADO: As Quintas de Recreio: Conceito, Vilegiatura, Paisagem, Jardim</i> | 15 |
| 2.2 <i>PRESENTE: O Abandono das Quintas de Recreio</i> | 21 |
| 2.2.1 <i>A Alteração do Modo de Habitar e do Regime Senhorial</i> | 22 |
| 2.3 <i>FUTURO: A Adaptação aos Novos Usos</i> | 25 |
| | |
| 3 NOVOS POLOS DE CENTRALIDADE | 29 |
| 3.1 <i>CIDADE COMO CENTRO E AS SUAS CENTRALIDADES</i> | 33 |
| 3.1.1 <i>Infraestrutura, Transportes e Mobilidade</i> | 35 |
| 3.1.2 <i>Lisboa, a metrópole Policêntrica</i> | 37 |
| 3.2 <i>O URBANISMO COMERCIAL: Comércio e Cidade</i> | 39 |
| 3.2.1 <i>Os Centros Comerciais: Um Novo Conceito de “Cidade”</i> | 43 |
| | |
| 4 CASOS DE ESTUDO | 47 |
| 4.1 <i>PALÁCIO E QUINTA DA BACALHOA: Uma Villa Renascentista</i> | 49 |
| 4.2 <i>FÓRUM SINTRA: Uma Nova Centralidade na Suburbanidade</i> | 53 |
| 4.3 <i>PALACETE RIBEIRO DA CUNHA “EMBAIXADA”: Património como Espaço Comercial</i> | 57 |
| 4.4 <i>PALÁCIO SOTTO MAYOR: Um Olhar Negativo</i> | 59 |
| | XVII |

| | |
|---|------------|
| 4.5 PASSEIO DOS CLÉRIGOS: <i>Um Novo Conceito de Rua</i> | 63 |
| 4.6 GALLERIA VITTORIO EMANUELE II: <i>À Imagem da “Cidade”</i> | 65 |
| 5 ENQUADRAMENTO: QUINTA DA TORRE D’AGUILHA | 67 |
| 5.1 ANÁLISE HISTÓRICA | 69 |
| 5.2 ANÁLISE DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO | 71 |
| 6 PROJETO | 75 |
| 6.1 CONCEITO | 77 |
| 6.2 PROGRAMA | 79 |
| 6.3 PROPOSTA URBANA | 81 |
| 6.4 PROPOSTA ARQUITÉTÓNICA | 83 |
| 6.4.1 A Pré-existência: <i>Cultura e Galerias Comerciais</i> | 83 |
| 6.4.2 O Novo Construído: <i>Galerias Comerciais, Restauração e Auditórios</i> | 85 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 89 |
| 8 FONTES DOCUMENTAIS | 93 |
| 10 ANEXOS | 101 |

| ÍNDICE DE IMAGENS |

|fig.1| Vista panorâmica sobre Florença e a Basílica di Santa Maria del Fiore, Itália.

In <https://www.pinterest.pt/pin/564990715737803263/?!p=true>

|fig.2| Vista panorâmica sobre Florença e a Basílica di Santa Maria del Fiore, Itália.

In <http://www.frompointato.com/2014/08/03/best-views-in-florence-is-there-room-for-another-view/>

|fig.3| Villa Carpa ou Rotonda, Veneto, arq. Andrea Palladio

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Carpa

|fig.4| Villa Carpa ou Rotonda, Veneto, arq. Andrea Palladio

In <https://www.tripadvisor.co.uk/LocationPhotoDirectLink-g187872-d2511632-i45401430->

|fig. 5| Villa Medicea di Poggio a Caiano, província de Prato, arq. Giuliano da Sangallo.

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Medicea_di_Poggio_a_Caiano

|fig.6| Villa Medicea di Poggio a Caiano em 1599, numa luneta de Giusto Utens conservada no Museu de Firenze com'era, Florença.

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Medicea_di_Poggio_a_Caiano

|fig.7| Villa Medici, Fiesole, arq Giorgio Vasari.

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Medici_em_Fiesole#/media/File:Villa_medici_di_belcanto,_veduta_00.JPG

|fig.8| Villa Medici, Fiesole, fresco de Domenico Ghirlandaio, 1480, Capela Tornabuono, Santa Maria Novella, Florença.

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Medici_em_Fiesole

|fig.9| Jardim Formal da Quinta e Palácio da Bacalhoa, Azeitão, Setúbal.

In <http://gqportugal.pt/museu-do-palacio-da-bacalhoa-abre-esta-semana/>

[fig.10] Jardim Formal do Palácio Marquês de Fonteira, Benfica, Lisboa.

In <http://www.greentrekker.pt/agenda/visita-ao-palacio-marques-de-fronteira-caminhada-por-monsanto/>

[fig.11] Downtown Abbey.

In <https://www.lightbox.co.nz/series/downton-abbey>

[fig.12] Downtown Abbey.

In <https://www.pbs.org/wgbh/masterpiece/episodes/downton-abbey-s1-e4/>

[fig.13] Perspetiva da fachada sul do Palácio dos Arcos, onde se destacam os dois torreões e o gradeamento da varanda que é sustentada por três arcos. Do lado esquerdo, vê-se parcialmente o edifício do lactário.

In Arquivos da Camara de Oeiras.

[fig.14] Perspetiva da fachada lateral, bem como da fachada sul do Palácio dos Arcos, onde se destacam os dois torreões e o gradeamento da varanda que é sustentada por três arcos.

In Arquivos da Camara de Oeiras

[fig.15] Perspetiva da fachada oeste do Palácio dos Arcos, atual Hotel dos Poetas, Paço d’Arcos, Oeiras.

In <https://www.vilagale.com/pt/hoteis/costa-de-lisboa/collection-palacio-dos-arcos>

[fig.16] Área nova do Hotel dos Poetas e respetiva piscina exterior, Paço d’Arcos, Oeiras.

In <https://www.booking.com/hotel/pt/vila-gale-palacio-dos-arcos.pt-pt.html>

[fig.17] Fachada principal do Museu da Cidade, Palácio Pimenta e respetivo jardim formal, Lisboa.

In <http://www.museudelisboa.pt>

[fig.18] Novo complexo construído nos jardins do palácio destinado a exposições temporárias, Museu da Cidade Lisboa.

In <http://www.museudelisboa.pt>

[fig.19] Área Metropolitana de Lisboa.

In Domingues, Álvaro, Teresa Sá Marques, Filipe Jorge, Fundação da Juventude, e Ordem dos Arquitectos (Portugal), eds. *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal = Ciudad y democracia: 30 años de transformación urbana en Portugal*. 1a. ed. Lisboa: Argumentum, 2006.

[fig.20] Área Metropolitana de Lisboa.

In Domingues, Álvaro, Teresa Sá Marques, Filipe Jorge, Fundação da Juventude, e Ordem dos Arquitectos (Portugal), eds. *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal = Ciudad y democracia: 30 años de transformación urbana en Portugal*. 1a. ed. Lisboa: Argumentum, 2006.

[fig. 21] Cidade de Redes.

In Domingues, Álvaro, Teresa Sá Marques, Filipe Jorge, Fundação da Juventude, e Ordem dos Arquitectos (Portugal), eds. *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal = Ciudad y democracia: 30 años de transformación urbana en Portugal*. 1a. ed. Lisboa: Argumentum, 2006.

[fig. 22] Cidade de Redes.

In Domingues, Álvaro, Teresa Sá Marques, Filipe Jorge, Fundação da Juventude, e Ordem dos Arquitectos (Portugal), eds. *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal = Ciudad y democracia: 30 años de transformación urbana en Portugal*. 1a. ed. Lisboa: Argumentum, 2006.

[fig.23] Esquema representativo do crescimento da mancha urbana da cidade de Lisboa.

In Barata Salgueiro, T., 2001. Lisboa, periferia e centralidade. Oeiras: Celta editora.

[fig.24] Rua Augusta, comércio local, 1890, Baixa.

In [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rua_Augusta_\(Lisboa\)#/media/File:1890_-_Rua_augusta_-_Lisboa.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rua_Augusta_(Lisboa)#/media/File:1890_-_Rua_augusta_-_Lisboa.jpg)

[fig.25] Rua Augusta, comércio local, atual, Baixa.

In <http://www.vounajanela.com/destinos/onde-fazer-compras-em-lisboa/>

[fig.26] “Hotel de L’Europe” e “Grandes Armazéns do Chiado”, 1910, Chiado.

In <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/01/grandes-armazens-do-chiado.html>

[fig.27] Armazéns do chiado, pós incendio, atual, Chiado.

In <https://www.lisbonlux.com/lisbon-shops/armazens-do-chiado.html>

[fig.28] Centro Comercial Amoreiras, Lisboa.

In <https://observador.pt/2015/07/25/ha-30-anos-abria-o-centro-comercial-das-amoreiras-ainda-se-lembra-como-foi/>

[fig.29] Centro Comercial Amoreiras, Lisboa.

In https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189158-d199138-Reviews-Amoreiras_Shopping_Center-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html

[fig.30] Centro Comercial Fonte Nova, Benfica, Lisboa.

In <https://shoppingspirit.pt/2016/08/03/fitness-hut-abre-portas-no-fonte-nova/>

[fig.31] Centro Comercial Vasco da Gama, Parque das Nações, Lisboa.

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Vasco_da_Gama

[fig.32] Centro Comercial Colombo, Lisboa.

In <https://www.idealista.pt/news/imobiliario/empresas/2015/10/19/29001-sonae-coloca-colombo-vasco-da-gama-e-norteshopping-a-venda>

[fig.33] Centro Comercial Colombo, Lisboa.

In <https://nit.pt/out-of-town/miudos/sessao-leitura-no-colombo-miudos>

[fig.34] Vista aérea do Palácio e Quinta da Bacalhoa, Azeitão.

In <http://media.alianca.pt/Restoration%20Book.pdf>

|fig.35| Vista aérea do Palácio e Quinta da Bacalhoa, por Catalão Monteiro, Azeitão.

In <https://www.flickr.com/photos/biblarde/17576157053>

|fig.36| Fachada Nascente do Palácio da Bacalhoa, 2015.

In autora

|fig.37| Fachada Norte do Palácio da Bacalhoa.

In <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/01/palacio-e-quinta-da-bacalhoa.html>

|fig.38| Fachada Poente do Palácio da Bacalhoa, 2015.

In autora

|fig.39| Fachada Sul do Palácio da Bacalhoa.

In <https://greentrekker.pt/agenda/visita-ao-palacio-da-bacalhoa-caminhada-por-terras-de-alcube/>

|fig.40| Casa das Pombas.

In Restaoration Of The Quinta Palacio da Bacalhoa. <http://media.alianca.pt/Restoration%20Book.pdf>.

|fig.41| Casa do Lago.

In Restaoration Of The Quinta Palacio da Bacalhoa. <http://media.alianca.pt/Restoration%20Book.pdf>.

|fig.42| Casa da India.

In Restaoration Of The Quinta Palacio da Bacalhoa. <http://media.alianca.pt/Restoration%20Book.pdf>.

|fig.43| Fórum Sintra e IC-19.

In <http://www.distribuicao hoje.com/retalho/forum-sintra-reforca-mix-de-lojas/>

|fig.44| Fórum Sintra e IC-19.

In <https://www.likealocalguide.com/sintra/forum-sintra>

|fig.45| Imagens interiores do Fórum Sintra.

In <https://www.archdaily.com/543993/forum-sintra-arx/5406a621c07a80ae220000d9-forum-sintra-arx-photo>

|fig.46| Imagens interiores do Fórum Sintra.

In <https://www.archdaily.com/543993/forum-sintra-arx/5406a621c07a80ae220000d9-forum-sintra-arx-photo>

|fig.47| Maquete do Fórum Sintra, ARX.

In <https://www.archdaily.com/543993/forum-sintra-arx/5406a621c07a80ae220000d9-forum-sintra-arx-photo>

|fig.48| Maquete do Fórum Sintra, ARX.

In <https://www.archdaily.com/543993/forum-sintra-arx/5406a621c07a80ae220000d9-forum-sintra-arx-photo>

|fig.49| Maquete do Fórum Sintra, ARX.

In <https://www.archdaily.com/543993/forum-sintra-arx/5406a621c07a80ae220000d9-forum-sintra-arx-photo>

[fig.50] Maquete do Fórum Sintra, ARX.

In <https://www.archdaily.com/543993/forum-sintra-arx/5406a621c07a80ae220000d9-forum-sintra-arx-photo>

[fig.51] Palacete Ribeiro da Cunha em construção, 1877- 1878; Praça do Príncipe Real, Calçada da Patriarca; por Henrique Nunes.

In <http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/10/palacete-ribeiro-da-cunha.html>

[fig.52] Palacete Ribeiro da Cunha, ant.1895; Praça do Príncipe Real, Calçada da Patriarcal; por Francesco Rocchin.

In Arquivo Municipal de Lisboa - <http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/10/palacete-ribeiro-da-cunha.html>

[fig.53] Interior da atual “Embaixada”. Respetivo espaço de restauração.

In https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189158-d7137405-Reviews-Palacete_Ribeiro_da_Cunha-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html

[fig.54] Interior da atual “Embaixada”. Respetivo espaço de loja.

In http://www.parqmag.com/wp-content/uploads/2013/09/Paez_-O-da-Joana_Sal_Menina-e-Mo%C3%A7a-5.jpg

[fig.55] Entrada Principal do novo espaço comercial e o logótipo “Embaixada”.

In <http://studiolabdecor.com.br/embaixada-loja-lisboa/>

[fig.56] Palácio Sotto Mayor, Lisboa.

In <http://www.cunhaferreira-arquitectos.pt/portfolio/palacio-sottomayor/>

[fig.57] Palácio Sotto Mayor, durante a sua reconstrução - execução de escavação e contenção de solos na envolvente do palácio - Lisboa.

In <http://www.elevogroup.com/pt/portfolio/palacio-sottomayor/>

[fig.58] Interior do Palácio enquanto Centro Comercial; por Fernando Guerra.

In <http://www.cunhaferreiraarquitectos.pt/portfolio/palacio-sottomayor/>

[fig.59] Piscina interior do Virgin Active, Palácio Sotto Mayor, Lisboa.

In www.virginactive.pt

[fig.60] IDEIA Hub Palácio Sotto Mayor, espaço cowork, Lisboa.

In <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/blog/abriu-um-cowork-no-palacio-sotto-mayor-091317>

[fig.61] Passeio dos Clérigos e respetiva cobertura verde, Porto.

In <https://mrfred1013.blogspot.pt/2015/09/passeio-dos-clerigos-praca-de-lisboa.html>.

[fig.62] Passeio dos Clérigos e respetiva cobertura verde, Porto.

In <https://www.pinterest.pt/pin/476255729325739239/?lp=true>

[fig.63] Passeio dos Clérigos. O comércio de rua e respetivas galerias, Porto.

In <http://www.construir.pt/2014/11/20/jll-conduz-italiana-pinko-ao-passeio-dos-clerigos/>

[fig.64] Passeio dos Clérigos. O comércio de rua e respetivas galerias, Porto.

In <https://www.engenhariaeconstrucao.com/2013/11/urbaclerigos-inaugura-passeio-dos.html>

[fig.65] Galleria Vittorio Emanuele II, Milão, Itália.

In <https://susanspiritugallery.com/artist/david-burdeny/2016-new-italy/galleria-vittorio-emanuele-ii-milan-italy/>

[fig.66] Galleria Vittorio Emanuele II, Milão, Itália.

In <https://www.cntraveler.com/shops/milano/galleria-vittorio-emanuele-ii>

[fig.67] Cúpula central de ferro e vidro, Galleria Vittorio Emanuele II, Milão, Itália.

In <https://www.picosmo.com/en/wallart/the-galleria-vittorio-emanuele-ii-in-milano/1067>

[fig.68] Pórtico de entrada para Galleria Vittorio Emanuele II e Piazza del Duomo, Milão, Itália.

In <http://www.layoverguide.com/2014/11/milan-layover.html/galleria-vittorio-emanuele-ii-in-milan-2>

[fig.69] Azulejo da Quinta da Torre d’Aguilha.

In Jornal A Nossa Terra, in Carlos A. Teixeira, Guilherme Cardoso, Jorge Miranda, Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos administrativos, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003.

[fig.70] Fotografia de um quadro pertencente à coleção particular do Sr. Conde de Almarjão, retratando a Quinta da Torre d’Aguilha no início do século XX.

In Arquivo Municipal de Cascais.

[fig.71] Quinta da Torre d’Aguilha, São Domingos de Rana, Cascais. Entrada principal para o espaço nobre da Quinta e o respetivo terreiro, após as remodelações do Arquiteto Guilherme Rebello de Andrade.

In Arquivo Municipal de Cascais.

[fig.72] Quinta da Torre d’Aguilha, São Domingos de Rana, Cascais. Entrada à Casa Senhorial da Quinta, após as remodelações do Arquiteto Guilherme Rebello de Andrade.

In Arquivo Municipal de Cascais.

[fig.73] Quinta da Torre d’Aguilha, São Domingos de Rana, Cascais. Fachada poente, organização das hortas em patamares e nora.

In Arquivo Municipal de Cascais.

[fig.74] Quinta da Torre d’Aguilha, São Domingos de Rana, Cascais. Hortas situadas num dos patamares da quinta.

In Arquivo Municipal de Cascais.

Capítulo | 1 |

INTRODUÇÃO

1.1 | ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

A questão de reabilitar o património tem vindo a adquirir interesse ao longo dos anos e como herança do passado e marco de uma identidade e sociedade, o património passa a adquirir alguma supremacia. Nesse contexto, as quintas de recreio enquanto símbolo de uma memória de vivências sociais, de um estatuto de classes e de uma matriz na territorialidade e, deste modo, na paisagem, terminam por ser alvo de requalificação e adaptação para novos espaços para usufruto nos dias de hoje. A Quinta da Torre d’Aguilha é um exemplar dessa tipologia que, à semelhança de muitas outras, se encontra num total estado de degradação e que descreve um estado de uma época. Localizada em São Domingos de Rana e numa área atualmente urbanizada, foi outrora delimitadora de um território pecuário e agrícola, nos arredores da cidade. Com uma arquitetura e acessibilidade de excelência, a Quinta da Torre d’Aguilha potencia a projeção de uma nova centralidade na suburbanidade, um veículo para a mudança de vivências no lugar, fornecendo uma nova luz, conceito e estado.

Por fim, o presente projeto constitui numa proposta de reabilitação da Quinta e na adaptação funcional da mesma e do seu território, indo ao encontro das necessidades da sociedade dos dias de hoje e que permita a sustentabilidade económica, social e ecológica do lugar.

Primeiramente, dever-se-ão impor determinadas questões que auxiliaram a partida para o desenvolvimento do trabalho. Essas perguntas são:

- Qual foi a importância da Casa Senhorial como entidade estruturadora do território? Por que será importante reabilitá-la?
- Como criar um programa com novas funções contemporâneas para um edifício em fase de reabilitação, sem lhe causar danos que possam vir a influenciar o seu valor patrimonial?

- Como construir uma ligação de uma estrutura nova a uma antiga? Como criar essa coexistência, sem descaracterizar o antigo?
- Quais os limites de uma intervenção, sem pôr em causa a sua autenticidade?
- Como criar conexão/ ligação com as urbanizações da envolvente mais próxima? Através de um novo programa para a sociedade?
- Como intervir na paisagem, criando uma relação com a pré-existência?
- Como resolver a questão da água, neste caso a linha de água presente no território? Através de uma “estrutura verde” contínua?
- Poderá esta Quinta, no futuro, ser considerada património arquitetónico e natural?

Por conseguinte, através das componentes deste trabalho – teórica e prática - pretende-se:

- Entender o valor e a importância das Quintas de Recreio de outrora, para os dias de hoje e a sua relevância no lugar;
- Aprofundar o conhecimento sobre o crescimento da cidade e dos novos conceitos de comércio;
- Desenvolver uma proposta de programa urbano para a envolvente próxima, tornando-o um ponto de permanência e de vivências, e uma forma de ligação entre o antigo, paisagem e o novo, desenvolvendo-se um programa que integre múltiplos usos de atratividade;
- Criar uma estrutura ecológica, uma vez que as Quintas de Recreio têm vindo a ser consideradas como um modelo de paisagem ordenada, um caso fundamental para a criação e gestão de zonas verdes urbanas com características económicas, sociais e ecológicas. Esta proposta viabiliza a criação de uma área de espaço verde a grande escala com função recreativa, ao longo de toda a linha de água, Ribeira da Abóboda, existente no local a intervir. Uma estrutura ecológica urbana, que incluiria um sistema húmido através da linha de água existente, permitindo a conceção de bacias de retenção, de receção de águas pluviais e áreas adjacentes. Na mesma proposta propor-se-á a existência de uma barreira verde que se iria tornar em “rain gardens”, isto é, jardins que têm a capacidade de auxiliar o escoamento das águas pluviais armazenando-a, e transferindo-a gradualmente para o solo. Neste caso, os jardins que irão constituir o projeto irão absorver as águas da chuva e, através de um sistema mecânico, essa água irá ser armazenada, para possíveis usos num futuro próximo. Este programa estará inserido em toda a área com proximidade à autoestrada A5, permitindo a proteção sonora e visual de quem ali passa e usufrui do local. Assim, a criação de uma Estrutura Ecológica Urbana passa a ser fundamental para a viabilidade económica e

ecologicamente sustentável do projeto. Por Estrutura Ecológica Urbana deve entender-se que “ (...) reconhece a atividade agrícola como uso compatível da estrutura ecológica urbana ao definir que os “espaços verdes” são “áreas com funções de equilíbrio ecológico e de acolhimento de atividades de ar livre de recreio, lazer, desporto e cultura, agrícolas ou florestais, coincidindo no todo ou em parte com a estrutura ecológica municipal”. *“A Estrutura Ecológica Fundamental define uma estratégia de valorização e salvaguarda dos sistemas naturais fundamentais, os quais, em articulação com a rede ecológica definida à escala metropolitana, estabelecem as matrizes do sistema de corredores estruturantes, do sistema húmido e do sistema de transição fluvial estuarino”. (...)*”¹¹;

- Introduzir uma nova unidade comercial inserida nos antigos limites da Quinta da Torre d’Aguilha. Uma vez que o complexo comercial E’Leclerc demonstrou ser um problema a ter em conta no projeto, assim, a solução de demolir o edificado tornou-se a melhor opção, sendo projetado um novo conjunto de edifícios no mesmo local, albergando as mesmas funções comerciais juntamente com áreas destinadas à restauração e lazer. Este novo complexo terá o objetivo de não impor a sua presença, passando a albergar coberturas verdes e tangentes aos respetivos pontos de acesso, acompanhando a topografia do terreno;

- Preservar e reabilitar, ou seja *“atualizar o edifício para cumprir, conforme possível, os padrões atuais”* ¹², a Casa Senhorial transformando-a num espaço cultural, convidativo a exposições, palestras, seminários, respeitando as características e vivências o próprio lugar, de modo a não intervir de forma destruidora e irreversível sobre a pré-existência.

¹¹ CANCELA, Jorge. *A agricultura urbana na operacionalização da estrutura ecológica municipal: O estudo do caso do parque agrícola da Alta de Lisboa*. Tese de doutoramento em urbanismo, elaborada para a obtenção do grau de doutor, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Abril 2014. p. 99 e 122

¹² PEREIRA, António. *Para uma terminologia da disciplina de protecção do património construído*, in *Jornal dos Arquitectos*, nº 213, Nov/Dez 2003. p. 27 a 32.

1.2 | METODOLOGIA

O projeto final de mestrado desenvolveu-se ao longo de diversas etapas, que englobaram, paralelamente e em complementaridade, a componente prática e teórica. Nesse caso, a parte teórica procurou responder às questões de partida, consistindo numa investigação detalhada dos conceitos a tratar. A prática desenvolveu um projeto para a quinta em São Domingos de Rana que incluiu a reabilitação da Casa Senhorial e a adição de um novo complexo arquitetónico, não esquecendo do tratamento do território.

Inicialmente o trabalho consistiu na escolha do local e da respetiva quinta, dado o tema “ A Casa Senhorial como Matriz da Territorialidade”, do 1º semestre da turma C, a questão do local seria de toda a importância uma vez que a Casa Senhorial era ordenadora do território á sua volta, a Quinta da Torre d’Aguilha pareceu-me uma proposta para intervenção bastante interessante do ponto de vista urbano e arquitetónico.

- Análise histórica, conceptual, organizacional e estrutural da tipologia de Quinta de Recreio e da Casa Senhorial, recorrendo a pesquisas e estudos no âmbito de documentos, livros e teses, que permitiram o conhecimento e o entendimento da importância deste tipo de construções no território;
- Investigação no âmbito do urbanismo, de maneira a compreender as cidades, o seu crescimento, a dispersão demográfica, o aparecimento de novas centralidade e redes viárias. Seguindo-se de um estudo mais específico sobre o urbanismo comercial e o novo conceito de comércio e de centros comerciais;
- Pesquisa sobre a história e evolução arquitetónica da Quinta da Torre d’Aguilha, cujo processo foi facilitado graças ao Arquivo Municipal de Cascais e o Arquivo Municipal de Oeiras permitindo a aquisição de alguns elementos informativos como: Imagens da Quinta, Artigo – A Casa Portuguesa,

Ilustração – Torre da Guilha; Jornal Nacional, Público – Torre da Aguilha Escapa à Demolição; Jornal Regional, Cantinhos da Região e antigas cartografias.

- Recorreu - se aos Arquivos da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e o Instituto Português de Cartografia e Cadastro para a aquisição de cartografias atuais do local, assim como, registos fotográficos e visitas ao local que permitiram entender o estado atual da casa senhorial e estudar o território e a sua envolvente;
- Pesquisa sobre casos de referências tipológicas e conceptuais, que auxiliam na compreensão do problema e que respondam a determinadas questões levantadas inicialmente;
- Descrição de uma síntese da resposta que a arquitetura dá à problemática inicialmente lançada;
- Definição do programa com base nas pesquisas realizadas ao lugar;
- Elaboração de maquetes e desenhos conceptuais, incluindo o programa, novo e pré-existência, de maneira a chegar à solução final.

1.3 | ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O trabalho apresentado estrutura-se em quatro capítulos principais, existindo uma componente prática e teórica. No corpo do trabalho, é ainda apresentado um capítulo introdutório - capítulo 1 - que dá a conhecer as questões e objetivos de trabalho, como a metodologia realizada para o desenvolver e uma conclusão, com uma reflexão crítica ao trabalho apresentado

Os temas Quintas de Recreio e Novos Polos de Centralidade, apresentados nos capítulos dois e três respetivamente, surgem como parte fundamental para o entendimento do lugar e do programa de reabilitação da Quinta da Torre d'Aguilha e por conseguinte, como apoio da vertente prática do trabalho. Para o efeito, o segundo capítulo retrata as Quintas de Recreio, num contexto passado, presente e futuro. O surgimento do conceito, a importância da paisagem são temas que irão ser abordados, seguindo-se do fator ruína, atual estado de muitos edifícios com a tipologia em estudo, fruto de alterações no modo de habitar. Por ultimo falar-se-á dos novos usos que serão propostos para estas antigas Quintas, a sua adaptação para a contemporaneidade. Paralelamente o capítulo número três, *Novos Polos de Centralidade*, irá ao encontro da cidade, da sua expansão e com isto, a criação de novas centralidades bastante influenciadas pelas infraestruturas de transporte. Será mais concretamente retratado o caso de Lisboa e sua metrópole. Neste capítulo haverá uma referência ao urbanismo comercial e os novos centros comerciais, um novo conceito de cidade, indo ao encontro da questão programática do projeto.

Para além destes dois temas, os casos de estudo vêm reforçar os assuntos tratados nos capítulos anteriores. Para este capítulo quatro considerou-se uma referência de uma Quinta de Recreio restaurada, de um centro comercial que veio marcar uma nova centralidade, dois casos de intervenções em antigas estruturas apalaçadas e que foram alvo de uma reintegração na cidade pelos novos usos adquiridos, sendo uma delas, atualmente, galeria comercial, terminando com dois exemplos, de épocas diferentes, de um conceito de comércio de rua.

O quinto capítulo surge como uma análise à Quinta da Torre d’Aguilha, estudando tanto as suas questões formais, como a sua história, território e paisagem que a rodeiam.

O sexto capítulo será então dedicado ao desenvolvimento de uma ideia de projeto para o território e edifício em questão; retratando a sua história e arquitetura. Uma reestruturação do programa de usos para que a Quinta da Torre d’Aguilha volte a ser inserida na cidade. No mesmo módulo serão também incluído bases conceptuais que iniciarão o desenvolvimento do desenho prático.

Capítulo | 2 |

A QUINTA DE RECREIO

PASSADO, PRESENTE E FUTURO



[fig.1]

Vista panorâmica de Piazzale Michelangelo, Florença, Itália.



[fig.2]

Vista panorâmica sobre Florença e a Basílica di Santa Maria del Fiore, Itália.

Uma vez que sofreram influências islâmicas e dos modelos de *villas* renascentistas italianas, as Quintas de Recreio ou *villas* suburbanas unem o prazer e lazer com a vida de campo, aliada à produção agrícola, desempenhando esta um papel secundário. Estas *villas* tendiam sempre a representar um domínio territorial sobre um espaço alargado, adquirindo um carácter simbólico.

“Chama-se Quinta de Recreio à propriedade rústica que, independentemente da dimensão, inclui terrenos de cultivo, hortas e pomares, edifícios de apoio à exploração agrícola e pecuária, habitações de trabalhadores rurais e, junto à residência do proprietário, zonas de lazer, designadamente jardins, pavilhões, fontes, lagoas, pombais e matas, variando em função do estatuto social dos moradores”¹³¹

Contudo, ao percorrer os arredores da cidade de Lisboa deparamo-nos com diversas habitações em declínio, residências essas que outrora pertenceram a grandes senhores. Algumas reconstruídas e aproveitadas para novos usos, em contrapartida com outras que ainda hoje se encontram em decadência devido a múltiplos fatores que ainda hoje são possíveis de se questionar.

¹³¹ MESQUITA, Marieta Dá. *História da Arquitectura, Uma proposta de investigação – O Palácio dos Marqueses de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal*, Tese de Doutoramento em História da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1992 (Policopiado), p.241.

2.1 | PASSADO: AS QUINTAS DE RECREIO: CONCEITO, VILEGIATURA, PAISAGEM, JARDIM

As *Villas* começaram a surgir à volta das mais prósperas cidades italianas devido à recuperação dos ideais clássicos renascentistas provenientes da cultura greco-romana, que interpretados por artistas e postos em prática graças a “senhores do dinheiro”, oligarcas ou mecenas, que empenhados em deixar a sua marca, renovaram o modo de pensar – dando um contributo para o que hoje chamamos a Época Moderna.

O Renascimento, como foi posteriormente chamado, representava o renascer do Homem para uma nova realidade, aliado aos ideais humanistas e individualistas, onde a posição central do Homem tinha que se interligar de modo privilegiado com a Natureza, contemplando-a e integrados na estrutura da cultura cristã. Na Arquitetura, o movimento renascentista prescreveu o modo de projetar medieval, recuperando o vocabulário dos castelos feudais (torres, blocos irregulares, muralhas e ameias, substituindo-o por novas linhas.

“Villa is a building in the country designed for its owner’s enjoyment and relaxation. Thought it may also be the center of an agricultural enterprise, the pleasure factor is what essentially distinguishes the Villa residence from the farmhouse and the Villa estate from the farm. The farmhouse tends to be simple in structure and to conserve ancient farms that do not require the intervention of a designer. The Villa is typically the product of an architect’s imagination and asserts its modernity.”¹⁴¹

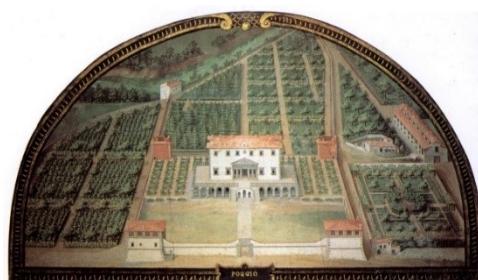
¹⁴¹ ACKERMAN, James S. *The villa: form and ideology of country houses*, Princeton University Press, Washington D.C, 1985, p. 5. “*Villa* é um edifício num país desenhado para o prazer e relaxamento de seu proprietário. Pensei que também pode ser o centro de um empreendimento agrícola, o factor de prazer é o que essencialmente distingue a *Villa* residência da e da *Villa* propriedade da Quinta. A casa de Quinta tende a ser simples em estrutura e para a conservar não é exigido a intervenção de um designer. A *Villa* é tipicamente o produto da imaginação de um arquiteto e afirma sua modernidade” (tradução da autora).

Vilegiatura é uma designação atribuída ao ato de habitar num espaço rural, em que o lazer se encontra aliado à produção agrícola. Este conceito teve a sua origem na Antiguidade Clássica, sendo recuperado nos inícios da Renascença. As famílias urbanas ricas, para além das suas casas urbanas, mantinham as ditas *Villas* dedicadas ao ócio. Desta forma, a ideia de *Villa* torna-se no lugar ideal para a recuperação da fadiga e das obrigações relacionadas com a cidade, onde o ócio contrapunha o negócio. No século XV, foi a família Medici a primeira, que com o crescente sentimento de segurança - apesar de como já foi dito, inicialmente, a *Villa* ainda apresentar um pendor marcadamente defensivo - decidiu reabilitar o conceito perdido no Classicismo. Começaram a surgir luxuosas residências pertencentes à alta nobreza e burguesia no exterior das urbes. No caso de Florença, primeira cidade que recuperou a *Villa*, foram aparecendo nos limites da mesma, nas colinas que a rodeiam.



|fig.3| e |fig.4| *Villa* Carpa ou Rotonda, Veneto, arq. Andrea Palladio.

Mandada construir entre os anos de 1550 e 1559 é um exemplo típico de arquitetura renascentista, onde os conceitos primordiais da cultura romana – o útil, o belo e o correto – se ligam num jogo de rigor geométrico, matemático e de proporções.



|fig.5| *Villa* Medicea di Poggio a Caiano, província de Prato, arq. Giuliano da Sangallo.

|fig.6| *Villa* Medicea di Poggio a Caiano em 1599, numa luneta de Giusto Utens conservada no Museu de Florença.

Conhecida também por *Ambra* ou *capriccio del Magnifico*, é uma das mais famosas *villas* da Família Médici, que mandou construir uma *Villa* que se tornaria uma residência senhorial rústica em 1470. Atualmente é propriedade é um museu, propriedade do estado.



[fig.7] Villa Medici, Fiesole, arq Giorgio Vasari.

[fig.8] Villa Medici, Fiesole, fresco de Domenico Ghirlandaio, 1480, Capela Tornabuono, Santa Maria Novella, Florença.

Construída entre 1451 e 1457, também é conhecida por Belcanto ou Il Palagio de Fiesole, o Palácio de Fiesole. Apesar de ser uma das Villas renascentistas da família Medici menos notada, é uma das mais em conservadas.

Devido ao seu propósito ligado ao prazer, a *Villa Suburbana* distingue-se da *Villa Rústica*. A primeira, para além de produção agrícola tem funções recreativas e representativas (casa de recreio/casa de campo), residências secundárias de nobres, que possuíam residência oficial na cidade, enquanto a segunda apenas apresenta funções agrícolas. A *Villa Suburbana*, uma idealização da vida no campo por parte do cidadão urbano, propõe um habitar oposto ao da cidade mas também complementar, uma vez que é determinada a partir desta (depende economicamente na sua construção e manutenção, de capital ganho nos centros urbanos). A *villa* simbolizava a relação entre o homem, a natureza e a paisagem, uma ligação baseada no sistema formal de dimensões e proporções estruturais de acordo com a figura humana.

Com efeito, as *Villas* albergam estes três aspetos: projeto agrícola feito para tal e obedecendo ao belo, integração da Natureza na arquitetura através dos jardins e projeção da paisagem como pano de fundo. Desta maneira, a *Villa* renascentista assenta sobre três palavras-chave - topografia, geometria e perspetiva; criada a partir da simetria, ortogonalidade, simetria axial, racionalidade e rigor geométrico, inspiradas nas fachadas clássicas e de plantas centralizadas (segundo o Tratado de Vitruvius), também com jardins igualmente cingidos à ordem da razão e ligações visuais com a paisagem envolvente.

" (...) a paisagem revela, na estratificação da sua forma, a sua composição vegetal, a sua história geológica e as geometrias correspondentes aos sistemas de abastecimento de águas, redes de caminhos, organização das parcelas de terreno, edifícios e jardins. O desenho da paisagem, com objetivos arquitetónicos definidos, identifica-se geralmente pela leitura da forma básica do seu

traçado original, integrante duma racionalização geométrica da topografia, da sua forma espacial, e da construção duma estrutura visual organizada em função do edifício (...).”¹⁵¹

O papel da natureza é constante, enquadrada através da arquitetura e, paralelamente, a arquitetura enquadrada cenograficamente no meio envolvente, usando elementos onde o interior se funde com o exterior, como as *loggias* - galerias abertas formadas por arcarias sustentadas por colunas das diferentes ordens, que para além de adicionarem às fachadas uma maior leveza e transparência, também tiram proveito da envolvente como pano de fundo decorativo. A Casa transpõe-se, deste modo, para o exterior usando a linha do horizonte como o seu limite, ao contrário das habitações nobres nas urbes onde o pátio interior e central reclamava para si toda a atenção. A relação arquitetónica da *Villa Paisagem* foi uma das muitas encontradas para refletir o domínio da ordem geométrica e racional sobre a desordem da natureza, relação homem/ natureza, humanidade/universo.

A relação espacial entre a arquitetura e a paisagem estabelece-se através da *Villa* e a sua envolvente e assim é incluída a paisagem como elemento fundamental na sua composição arquitetónica, no seu desenho formal. A paisagem modificada pelo homem pode ser analisada como uma “*estrutura formada por diversos sistemas de cultivo*”¹⁶¹ sobrepostos ao longo do tempo como resultado de uma série de transformações funcionais e morfológicas.

“A Quinta de Recreio é, no universo do património paisagístico, o espaço onde, de forma mais nítida, se expressa este sentir e desenhar a paisagem lúdica e simbólica.”¹⁷¹

A descoberta da perspetiva por Filippo Brunelleschi e pelas teorias de Leon Baptista Alberti contribuíram para a revolução na corrente estética dos jardins. Os denominados jardins “formais” do século XVI a XVIII caracterizam-se por uma forte geometria em que as plantas passam a ter um papel fundamental. Estes jardins do renascimento consistiam num prolongamento da casa, criando uma continuação com a respetiva paisagem, de modo a que a natureza fosse apreciada

¹⁵¹ PIRES, Amílcar Gil. *A quinta de recreio em Portugal: vilegiatura, lugar e arquitectura*. Casal de Cambra [Portugal]: Caleidoscópio, 2012, p. 140.

Contudo, através da recente descoberta das cidades romanas de Herculano e Pompeia, foi possível constatar que as *Villas* provenientes da Antiguidade Clássica não obedeciam de forma tão rígida aos parâmetros de simetria axial e rigor geométrico, eram por outro lado maioritariamente desenhadas a partir de eixos visuais que modelavam a sua forma. (nota da autora)

¹⁶¹ STEENBERGEN, Clemens. *Architecture and Landscape: The design experiment of the great european gardens and landscapes*. Hardcover, October 24, 2003, p. 20.

¹⁷¹ CARAPINHA, Aurora da Conceição. *Da essência do jardim português*, Tese de doutoramento no ramo das Artes e Técnicas da Paisagem: Universidade de Évora, 1995. (Policopiado), p. 198.

diretamente, procuravam buscar a grandiosidade dos jardins romanos com o seu estilo arquitetónico, mas tirando proveito da perspetiva e de elementos como escadarias e rampas. No caso de se tratar de uma encosta dava-se a modelação do terreno em socalcos com plataformas ajardinadas, estando a casa situada na plataforma mais elevada.

Os jardins apresentavam uma relação intimista evidente entre o domínio construído e o natural, e uma delimitação entre as zonas de vegetação natural intocada e as de intervenção humana de clara geometria – jardim formal, cuja configuração era por norma retangular ou quadrangular de composição axial e de organização segundo uma malha ortogonal onde eram desenhados os alinhamentos dos percursos e das zonas a ocupar com plantação. Elementos arquitetónicos e esculturas criavam uma passagem entre o que era natural e o que era construído. Entre estes elementos destacam-se grutas, “casas de fresco”, recantos miradouros, fontes, etc. que convidavam o homem a usufruir de um espaço de surpresa com percursos que ofereciam um constante perfume de árvores e flores, de sons e sombras, em que o principal são a água e a pedra esculpida ¹⁸¹. O desenvolvimento dos sistemas hidráulicos, nomeadamente os mecanismos elevatórios e condutores de água, permitiu definir o ambiente dos jardins através de tanques, espelhos de água, fontes, cascatas e lagos que se tornaram uma parte integrante dos mesmos.



[fig.9] Jardim Formal da Quinta e Palácio da Bacalhoa, Azeitão, Setúbal.



[fig.10] Jardim Formal do Palácio Marquês de Fonteira, Benfca, Lisboa.

Em Portugal, a tipologia de *Villa* Suburbanas italiano surgiu no século XVI, eram implantadas perto da capital e dos palácios reais, assim como, em locais cuja terra era boa para o

¹⁸¹ O jardim é como um jardim espetáculo que tem como objetivo a exaltação do prazer dos sentidos, a existência de uma excitação ao percorrer os longos caminhos em parceria com os longos cenários, concebidos para surpreender e impressionar quem decide andar por estes percursos. Uma metamorfose do espaço trabalhado pelo leitor, uma transfiguração do lugar físico em paisagem ou jardim, modificação do leitor transformando o espaço vivo, tornando o habitante-caminhante. (nota da autora)

cultivo, permitindo a autossustentabilidade da casa e das áreas com maior proximidade, sempre com uma fonte de água que pudesse fornecer o lugar. Com a adaptação deste conceito ao nosso tipo de clima, a tradição da Quinta de Recreio foi-se sedimentando na cultura tradicional portuguesa.

A Vilegiatura e a *Villa*, como materialização do conceito, foram portanto um assunto clássico tratado e reinterpretado ao longo dos anos com inúmeras e variadas linguagens arquitetónicas, contudo, mantendo sempre o mesmo conceito inicial – lugar de contemplação da Natureza.

2.2 | PRESENTE: O ABANDONO DAS QUINTAS DE RECREIO

“O que leva ao abandono do património construído, à consciência de perda irremediável, ao sentimento de que alguma coisa é descartável e infinita?”¹⁹¹

De acordo com a pesquisa feita pelo autor Gastão de Brito e Silva relativamente à “perda e destruição” e segundo diversos estudiosos da área, as ações como a perda das funções a que originalmente os edifícios foram projetados, a própria desvalorização do estilo arquitetónico da época de construção, o avançar das cidades e das novas implementações urbanísticas como intrusas na paisagem, tal como, os recentes vandalismos e as diversas maneiras de encarar o património como objeto documental para a memória de uma época e cultura, levaram a que muitas Quintas de Recreios ficassem descaracterizadas e a sua Casa Senhorial destruída ou em estado de ruína.

A degradação aqui apresentada é uma perda de autenticidade. Dado que o edificado construído deixa de estar enquadrado devido ao aumento da desumanização do espaço onde se situa, cria-se uma desigualdade entre o “lugar” de hoje e o “lugar” e “memória” de outrora. Posto isto, são essas fragilidades que levam a que a devida obra seja esquecida e abandonada, e muitas vezes vítimas de interesses paralelos que nem sempre não os mais acertados. Todavia, não é somente a ambição e a inconsciência da sociedade que levam ao esquecimento, as fortes guerras, as catástrofes naturais, incluindo o sismos, incêndios e as diversos períodos que conturbaram a nossa história, contribuíram para o desaparecimento de um ramo vasto de património.

Testemunhas de uma identidade e vivência de um tempo, as quintas de recreio constituem um exemplo triste de património destruído. Apesar de existirem algumas em bom estado de

¹⁹¹ E SILVA, Gastão de Brito. *Portugal em ruínas*. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2014, p. 23.

conservação, o mesmo não acontece com a maior parte dela, vítimas de uma evolução antipatriótica e padecentes de roubo, delapidação, desmemória ou simplesmente abandono.

2.2.1 | A ALTERAÇÃO DO MODO DE HABITAR E DO REGIME SENHORIAL

É numa lógica sociocultural e por sua vez, sobre uma estrutura familiar que a Casa depende. Estas ditas “Casas” caracterizavam-se por possuírem grandes dimensões, e um agregado familiar bastante amplo e que vivendo de forma permanente na habitação, incluindo, não só os senhores da Casa, como os seus respetivos sucessores, e restantes familiares, tios, primos, etc, era também abrangido, no habitar da Casa, um conjunto de criados que servia os Senhores. Em Portugal, o número de criados, entre os séculos XV e XVI, numa Casa Senhorial, ultrapassava as centenas, contudo esses números foram descendo ao longo dos séculos, verificando-se este fator em toda a Europa.

Com a afirmação da classe trabalhadora ou burguesa, ao longo do século XVIII e XIX, devendo-se maioritariamente a acontecimentos como, a Independência dos Estados Unidos da América em 1776, a criação da Carta Constitucional dos Direitos do Homem enquanto cidadão e a Revolução Francesa, em 1789, promoveu o declínio da aristocracia, assim como, uma mudança no mundo rural.

“ O individualismo agrário é um dos aspetos mais marcantes da luta que então (séculos XVII – XIX) se tratava contra o regime feudal/ senhorial. Parte considerável da terra não era alodial – passível de ser transacionada – mas estava ligada, por vínculos, a dois ou mais proprietários. Destacavam-se os domínios direto (o possuidor efetivo) e o domínio útil (aquele que tinha o direito de cultivar a terra) ”¹⁰¹.

O estatuto da terra era um domínio do senhor, contudo estas terras eram arrendadas e cabia ao arrendatário cultivá-las e cuidá-las usufruindo da maioria dos lucros que esta dava. Assim, os senhores viviam das rendas que estes arrendatários lhe pagavam, e caso este último quisesse abandonar a propriedade, cabia ao senhorio arrendá-la ou cultivá-la ele próprio, mas tal não era comum acontecer. Assim sendo, muitos destas antigas Casas de Senhores decaíram devido à falência do seu Senhor, que vivia, em grande escala, das rendas que recebia das suas terras. Este

¹⁰¹ LÉVY, Jean-Philippe. *História da propriedade, Coleção Praxis nº 21*. Lisboa: Editorial Estampa, 1973, p. 83.

tipo de sistema deixou de ser economicamente sustentável com o avançar dos anos, tal como o modo de vida opulento e grandioso. Desta forma, estas antigas casas feudais nem sempre foram adaptadas ao novo contexto social, sendo incoerentes para o novo modo de habitar.



|fig.11| e |fig.12| Downton Abbey.

A série televisiva inglesa de Jullian Fellowes, Downton Abbey, retrata um drama histórico passado em Downton Abbey, uma Casa Senhorial em Yorkshire e que vai descrevendo a história da família aristocrática, os Crawleys e os seus criados nos inícios do século XX, durante o reinado de George V. Entre os temas debatidos estão, o nascimento do socialismo que ameaça o sistema de classes, que vai enaltecer a classe trabalhadora e a falência da classe alta, forçando a venda das suas grandes propriedades, inseridas, também, num sistema economicamente insustentável.

2.3 | FUTURO: A ADAPTAÇÃO AOS NOVOS USOS

“Concebemos cada monumento e cada sítio como um “lugar de passagem” entre dimensões. E acreditamos na capacidade regeneradora do património, pelo que as intervenções não se esgotam em ações pontuais ou na resolução “estreita” de um problema. Pelo contrário, a intervenção no património implica sempre uma projeção do futuro, uma perspetiva de gestão global”. ^[11]

O património renova-se e essa renovação deverá acompanhar o “património antigo”, transformando – o em “património novo”, que compreende-se pelo uso de novas funções, de maneira a que o edifício seja mantido. Posto isto, a implantação de estratégias para a sua adaptação terão que ser eficientes, um trabalho feito por uma diversificada comunidade científica que no seu conjunto garanta a o valor da memória, do lugar, do simbolismo e da autenticidade.

“ (...) Para que um edifício se mantenha vivo é necessário dar-lhe um uso, é necessário conservá-lo usando-o (...)”. ^[12]

Ainda hoje é possível encontrar algumas destas Quintas com o seu uso original, o da habitação juntamente com as suas produções agrícolas que na maioria das vezes reduziu, existindo apenas uma agricultura de subsistência, porém estes casos revelam hoje uma grande falta de cuidado no que se refere à sua arquitetura e espaços verdes. Deste modo, a implementação de estratégias, que vão ao encontro da sustentabilidade física e económica para a salvaguarda destas antigas tipologias, passam por uma cuidada análise de propostas possíveis de novos usos - “*tendo*

[11] PEREIRA, Paulo. *Lugares de passagem e resgate no tempo*, in Revista Estudos, Lisboa, IPPAR, 2001, p. 15.

[12] PIRES, Amílcar Gil, ed. *A villa renascentista: arquitetura, jardins, e paisagem: visão pluridisciplinar dos espaços e vivências da quinta de recreio de conceção renascentista*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016, p. 277.

*“... sendo mais felizes nos resultados de preservação da sua integridade patrimonial nuns casos do que em outros”*¹³¹ - evitando, desta forma, o caminho para a ruína.

Atualmente é comum ligarmos as antigas Quintas de Recreio mais precisamente os respetivos palácios ou “Casas” às funções de cultura, ensino, turismo/ hotelaria/ lazer, como é o caso do Palácio dos Arcos, atual Hotel dos Poetas, em Paço d’Arcos, ou diversas outras Casas Senhoriais que agora fazem parte do conjunto das Pousadas de Portugal, ou que foram transformadas em museus, como o Palácio Pimenta, que alberga hoje o Museu da Cidade.



[fig.13] Perspetiva da fachada sul do Palácio dos Arcos, onde se destacam os dois torreões e o gradeamento da varanda que é sustentada por três arcos. Do lado esquerdo, vê-se parcialmente o edifício do lactário.

[fig.14] Perspetiva da fachada lateral, bem como da fachada sul do Palácio dos Arcos, onde se destacam os dois torreões e o gradeamento da varanda que é sustentada por três arcos.

O antigo Palácio dos Arcos constitui um exemplar deste tipo de reabilitação. Situado nas margens do Rio Tejo, encontramos, hoje, apenas o Palácio e os seus grandes jardins, assim como os seus dois torreões ligados por uma varanda que é suportada por três arcos da sua arquitetura original.

¹³¹ PIRES, Amílcar Gil, ed. *A villa renascentista: arquitetura, jardins, e paisagem: visão pluridisciplinar dos espaços e vivências da quinta de recreio de conceção renascentista*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016, p.45.



[fig.15] Perspetiva da fachada oeste do Palácio dos Arcos, atual Hotel dos Poetas, Paço d’Arcos, Oeiras.

[fig.16] Área nova do Hotel dos Poetas e respetiva piscina exterior, Paço d’Arcos, Oeiras.

Departamento de Projetos Especiais da própria Câmara assegurou o concurso que conduziu a adaptação para uma unidade hoteleira, com o objetivo claro de recuperar e reabilitar o antigo Palácio e jardins. O prémio é atribuído a cadeia de Hotéis Vila Galé. Em 2014 ganha o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana na categoria de Melhor Intervenção Turística.



[fig.17] Fachada principal do Museu da Cidade, Palácio Pimenta e respetivo jardim formal, Lisboa.

[fig.18] Novo complexo construído nos jardins do palácio destinado a exposições temporárias, Museu da Cidade Lisboa.

Atual sede do Museu de Lisboa e classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1936, o Palácio Pimenta constitui-o uma velha casa senhorial de veraneio no Campo Grande, na primeira metade do século XVIII. Em 1962 passa a pertencer à Câmara Municipal de Lisboa e utilizado como Museu da Cidade, em 1979, após requalificação do edifício e jardins. Composto por um jardim de aparência selvagem onde habitam espécies típicas da nossa flora, tais como zambujeiros, sobreiros e buchos, encontramos, dividido por um muro alto, o Jardim do Bucho ou Jardim Bordallo Pinheiro. Encontramos ainda um jardim formal à entrada do Palácio. Todo o seu interior foi mantido e preservado. Como Museu de Lisboa, o Palácio dispõe de uma área para exposições de longa duração, os pavilhões preto e branco, complexos novos situados nos jardins do palácio, onde decorrem exposições temporárias, normalmente do Museu e da Galeria de Arte Contemporânea e um centro para documentação e de serviços.

Capítulo | 3 |

NOVOS POLOS DE CENTRALIDADE



[fig.19] e [fig.20]

Área Metropolitana de Lisboa.

As cidades têm vindo a sofrer transformações que se verificaram ao longo do século passado, a passagem demográfica dos centros para as periferias das cidades, devido a uma mudança no modo de habitar; o próprio “sprawl” demográfico, palavra que apareceu nos anos 60, nos EUA, para descrever o fenómeno de crescimento urbano, significando “espalhar”, “estender”; o alargamento da própria periferia criando novos polos de centralização; uma nova adaptação dos centros e a criação de uma rede de centralidades. Outro fator foi o desenvolvimento dos transportes e comunicações que levaram ao aparecimento de uma fragmentação espacial, direcionando para uma cidade policêntrica. Uma cidade composta por múltiplos centros e cuja delimitação de um limite se torna tarefa inexecutável.

3.1 | CIDADE COMO CENTRO E AS SUAS CENTRALIDADES

A questão da Centralidade constitui uma ferramenta essencial na compreensão dos sistemas de urbanidade, como na sua dinâmica e organização. Alvo de estudos das mais diversas áreas, das quais a geografia, arquitetura, sociologia e economia, estas procuram entender a diferença na distribuição de pessoas entre os espaços e equipamentos.

Segundo o dicionário de geografia urbana, a palavra Centralidade define *“Propriedade do que está no centro de um espaço ou de um território e, sobretudo, do que é considerado centro. Observando, em diversas zonas, a localização de pequenos centros urbanos na sua relação entre si, percebemos que se dispõem segundo certas regularidades, principalmente nas planícies onde o relevo é bastante uniforme. Estas regularidades no espaçamento das cidades de tamanhos semelhantes podem explicar-se pelo facto de os seus comércios e equipamentos atraírem e servirem uma clientela dentro de um certo raio. Fora disso, o tempo de transporte torna-se demasiado longo e vale mais ir a uma cidade mais perto. Uma cidade situa-se pois no centro de círculos de tamanhos idênticos. Uma cidade maior tem mais equipamentos e a sua influência exerce-se num círculo mais alargado que os outros. (...)”*¹⁴¹

Sinteticamente, a Centralidade compreende-se como uma área onde existe a ocorrência das mais diversas funções, tendo o comércio e os serviços como principais usos, é também associada à reformulação da estrutura da cidade tradicional, que tende a expandir criando múltiplos centros, com simbolismo diferentes que se complementam. Numa análise à palavra centro no campo do urbanismo, entende-se por *“Centro, s. m. (do lati. centru -). (...) 17 URB área ou parte central de (bairro ou cidade) onde se concentram atividades comerciais, burocráticas e de serviços <c. bancário> <c. da cidade> 17.1 URB área ou parte de uma cidade ou região onde se concentram empresas dedicadas a atividades industriais de grande porte. (...) 17.2 p. ext. URB qualquer área,*

¹⁴¹ LACOSTE, Yves. *Dicionário e geografia: da geopolítica às paisagens*. Dicionários Teorema. Lisboa: Teorema, 2005, p.74.

região etc. Que concentre a produção e/ou comercialização de certos produtos em níveis significativos ou que concentre certas atividades de lazer ou de cultura <c. náutico> <c. cultural>”.

1151

O “centro” possui desde sempre as funções urbanas direcionais e de referência, uma polaridade e a zona de mais fácil acesso, contemplando um carácter monumental, patrimonial, simbólico, etc. A praça, a rua, os espaços públicos, os edifícios excepcionais e emblemáticos, a arte, eram elementos que caracterizavam um lugar para a prática mais adequada da cidadania, e dos costumes da polis. Urbe e Polis coincidiam no centro, pelo menos, assim se pensava (Álvaro Domingues, 2006). A área central identifica-se pela sua terciarização, pela grande utilização dos solos, pelo reduzido número de moradores e pela atração turística, empreendedora e comercial.

Ao longo da história da expansão da cidade como uma única centralidade, o centro era tido como uma imagem da própria, a sua identidade urbana. Passando por diversos períodos cronológicos, como a cidade metrópole, a cidade medieval ou cidade fluvial mercantilista; ou pela perda de algumas funções, o centro sofreu apenas algumas mudanças de alargamento reduzido, não alterando o seu serviço referenciador.

“ (...) o centro não é mais o que costumava ser e as periferias desenvolveram-se e adquiriram muitas funções anteriormente características do centro, tal como as áreas intermédias. Deste modo, em territórios vastos onde se dispersam as atuais metrópoles individualizam-se áreas com especialidades diversas, bairros dormitórios, concentrações de emprego, às vezes muito especializado, zonas de compras e de lazer entre as quais se partilham as deslocações dos cidadãos, numa rede mais complexa e volátil de escolhas.” **1161**

As novas centralidades que aqui aparecem, processo de uma cidade em constante transformação e detentoras da estruturação da região, são alvo de uma falta de rigor no entendimento do seu conceito. Os mais otimistas acreditam que estas “novas centralidades” vieram trazer recentes atividades no território, resolvendo os problemas de localização das novas dinâmicas a construir. Contrariamente, as críticas negativas que estas centralidades sofreram foi pelo facto de virem a intimidar os antigos centros das cidades, os que hoje chamamos centros tradicionais, levando à sua de teorização, e não contendo a essência do típico centro uma vez que são consideradas meras centrifugações, apenas uma passagem de funções.

1151 HOUAISS, António. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas & Debates, 2003, p. 673.

1161 SALGUEIRO, Teresa Barata. *Oportunidades e transformação na cidade centro*. Lisboa: Finisterra, V.XLI, n.81. 2006, p.15.

*" (...) a "cidade" que se perde qualidades, dá lugar ao urbano sem qualidades, à multiplicação dos "não lugares", amplificando-se mais a nostalgia do centro".*¹⁷¹

Com o aparecimento da linha férrea e, por conseguinte, do comboio, este centro manteve o seu simbolismo, sendo o mesmo reforçado com a construção da nova tipologia de estação ferroviária, seguindo-se a projeção de novas centrais ferroviárias, que visaram a mobilidade, transformação económicas e sociais, como, a arquitetura do vidro e do ferro.

3.1.1 | INFRAESTRUTURA, TRANSPORTES E MOBILIDADE

A cidade teve o seu crescimento segundo uma lógica histórica, que se veio a romper com o aparecimento de novas formas de mobilidade. A construção de novas vias rápidas, autoestradas e de novas infraestruturas, assim como o aumento do uso do automóvel, alterou de forma radical a forma de como habitamos o espaço urbano. O que então era periférico passa a ser algo de rápido e de fácil acesso, aumentando a flexibilidade de movimento e com isto os destinos.

*"O tempo é a matéria-prima desta cidade em movimento. Não o tempo único do relógio de praça. Mais, uma proliferação de tempos diversos que permite habitar uma cidade numa cidade feita de distâncias. O sistema das estradas assegura uma medida-unidade de tempo que estabelece compatibilidades com as outras tantas medidas de uma cidade sem confins. Ainda hoje, sobretudo hoje, a estrada determina a mudança de sentido das formas de localização, quase sempre sem que estes efeitos sobre o território tenham sido programados. É a presença destes sistemas de infraestruturais que atua sobre a forma e os usos da "metrópole pequena", organizada sobre relações entre polaridades e sem um centro principal único. A arquitetura para as metrópoles é, por isso, também a arquitetura das conexões."*¹⁸¹

¹⁷¹ DOMINGUES, Álvaro; MARQUES, Teresa Sá; JORGE, Filipe. *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal = Ciudad y democracia: 30 años de transformación urbana en Portugal*, Fundação da Juventude; e Ordem dos Arquitectos (Portugal). 1a. ed. Lisboa: Argumentum, 2006, p.34.

¹⁸¹ DOMINGUES, Álvaro; MARQUES, Teresa Sá; JORGE, Filipe. *Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal = Ciudad y democracia: 30 años de transformación urbana en Portugal*, Fundação da Juventude; e Ordem dos Arquitectos (Portugal). 1a. ed. Lisboa: Argumentum, 2006, p.25.

Os novos nós de acesso às redes viárias tornam-se portanto o elemento fundamental de estruturação da nova cidade, que de acordo com as novas proximidades que estas redes trazem, vêm junto a estas os fatores distância - tempo e fluidez. A recorrente utilização do transporte próprio dificulta, não só, o desenvolvimento e expansão do transporte coletivo, como atua de forma negativa na cidade, criando congestionamentos, uma mobilidade dificultada dentro das cidades, e problemas de estacionamento automóvel. Estes fatores criam problemas de centrifugação.



|fig. 21| e |fig.22| Cidade de Redes.

Segundo Álvaro Domingos, já na década de 90, com a aprovação do primeiro PDM, a delimitação de perímetros urbanos e de áreas de expansão contínua, era tarefa complicada, uma vez que existiam áreas não construídas ou fragmentadas dentro de território urbanizado, e dessas áreas pouco se podia fazer, já que continham um tamanho pequeno ou eram severamente descontínuas para serem consideradas como reservas, espaços verdes, ou espaços públicos.

As novas urbanizações, já no século XXI, carentes de infraestruturas, completam o que é agora um novo urbanismo assente numa organização labiríntica de caminhos que se encontram, a maioria, sem conexão com as questões da política associada ao urbanismo, gerando novos polos públicos e privados, ou centralidades periféricas - um dos elementos mais marcantes da cidade alargada.

Desta maneira, aquilo que considerávamos como cidade tradicional, um aglomerado de funções, desfez-se, levando ao aparecimento de múltiplas zonas de escolha para habitação, emprego, comércio, entre outras funções, locais programados estrategicamente, como por exemplo, perto de nós de ligação ou de vias de circulação rodoviária.

3.1.2 | LISBOA, A METRÓPOLE POLICÊNTRICA

Lisboa tem sido palco de uma fragmentação social e espacial. Apesar de a sua demografia ter alcançado números mais reduzidos nas últimas décadas, a sua localização estratégica tem conseguido chamar novos recursos a nível de conhecimento, tecnologia e de serviços, sendo um dos centros mais competitivos do país. Os investimentos nos subúrbios e a criação de centros de polaridade na área metropolitana de Lisboa, tal como o desenvolvimento da acessibilidade e mobilidade rodoviária que está incluído neste processo de centralização, não atenuam a ideia central que a cidade de Lisboa traz, pelo contrário, melhoram a atividade de toda a estrutura urbana.

Nos inícios do século XIX, a cidade ocupava cerca de 9,47 Km², porém é a meio deste século que começa o alargamento da cidade para as suas áreas mais adjacentes, formando 12,24 Km². Nos finais do século, o norte da cidade passa a Avenida da Liberdade e entra num processo de urbanização dos terrenos envolventes e cria-se o plano das Avenidas Novas, no século XX. Na verdade, a cidade pouco cresceu durante o período da primeira grande guerra, ao contrário do que sucedeu durante a Segunda Guerra Mundial, período este que levou Lisboa a sofrer uma expansão repentina. Assistimos à criação de novas áreas urbanas em antigas ruralidades, uma melhoria nos transportes e uma rede mais variada dos mesmos.

Lisboa como cidade policêntrica é formada por marcos, iniciados na década de 80 com a construção do Amoreiras, situado nos limites da cidade. Constituído por unidades de habitação, escritórios, comércio e estacionamento, é de estilo pós-modernista, que criticado por muitos, veio alterar profundamente a imagem de uma cidade que se caracterizava pelas suas sete colinas, pontuando com o uso da verticalidade (Salgueiro, 2001).

Desenvolvem-se novas construções industriais, comerciais, hipermercados, hotéis, grandes sedes empresariais, etc, novos marcos que criam essa mesma polaridade de atração. No entanto, existiam alguns empreendimentos industriais perto da linha do Tejo e possuindo um acesso melhor em relação a outros pontos da cidade, incluindo transportes públicos, criaram-se melhorias e construíram-se novas urbanizações perto destas indústrias (Alcântara, Xabregas e Janelas Verdes).

O centro tradicional perde a sua hegemonia após o incêndio do Chiado. Projetam-se novos centros, como é o caso do Centro Cultural de Belém (CCB), a Culturgest, a Gulbenkian (já existente), levando a que o centro lisboeta perdesse a sua supremacia face à cultura.

As ligações de transportes públicos rodoviários fazem as suas paragens na zona Norte da Cidade, Marquês de Pombal, Praça de Espanha, Entre Campos, Campo Grande, Sete Rios, etc; deixando o centro tradicional esquecido.

Os transportes vieram facilitar o próprio alargamento da cidade de Lisboa, usufruindo do aumento das redes viárias mais rápidas, de viadutos e acréscimos no metropolitano. Primeiramente, áreas residenciais de periferia começaram localizar-se na outra margem do Tejo, como Almada, Seixal, Barreiro e Montijo; e próximas de linhas de elétrico como Benfica e a seguir de estações ferroviárias, linha de Sintra, Amadora, Queluz; e da Linha de Cascais, Paço d'Arcos, Oeiras, Caxias, etc.

Com a construção da nova ponte sobre o Tejo, ponte Vasco da Gama, e a antiga 25 de Abril, a passagem para as zonas suburbanas da cidade é facilitada. Acontece que, em 1998, a ponte 25 de Abril é alvo de alargamentos, passando a haver 6 faixas de rodagem e posteriormente a implementação de uma linha de comboio. Paralelamente, é construída a Vasco da Gama, fazendo a ligação da cidade ao Montijo, Palmela e Setúbal; neste local existiam ainda muitas zonas de evidente ruralidade com importante produção agrícola, que atualmente já se encontram urbanizadas. Completam-se os radiais da cidade e as suas linhas de cintura, Alcântara e o Areeiro. Presenciamos um fortalecimento das periferias e um surgimento de novos centros terciários que promoveram o descongestionamento dos centros.



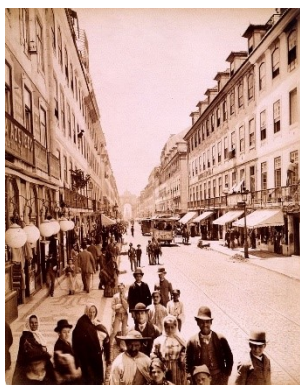
[fig.23] Esquema representativo do crescimento da mancha urbana da cidade de Lisboa.

3.2 | O URBANISMO COMERCIAL: *COMÉRCIO E CIDADE*

O comércio sempre teve um papel essencial na cidade, esta proporciona as trocas necessárias que muitos autores consideram a resolução do urbano, como Henry Pirenne “as cidades são filhas de mercado” ou Max Webber “a cidade é um lugar de mercado”. As trocas comerciais são importantes e, de certa maneira, é esta atividade que influencia a localização da cidade, pensada estrategicamente de forma a criar conexão com as áreas vizinhas, normalmente situam-se perto de vias de comunicação, de portos, ao longo de linhas de água ou em nós de ligação. Também, o ócio, o lazer, novas formas de conhecimento, como de aquisição de contactos e de inovação, são outras características importantes no comércio e que ultrapassam a sua função puramente comercial.

Como metrópole, Lisboa apresenta-se com 60 % da localização do sector terciário. Este sector encontra-se na raiz dos núcleos de comércio e de serviços e de todos os centros populacionais que servem a urbe. Nos anos 80, após a queda do setor industrial, foram os serviços, comércio, hotelaria e restauração que com o seu crescimento mantiveram a oferta de emprego. Enquanto os serviços tendiam a aglomerar-se no centro da metrópole, há um afastamento do comércio para as zonas suburbanas de Lisboa.

Lisboa sempre se encontrou numa forte posição comercial, devido à sua aproximação com o Tejo. Na época dos descobrimentos, o comércio situava-se na zona baixa perto do rio, para além disso a administração pública veio juntar-se-lhe com a vinda da família Real para o Paço da Ribeira. Até aos anos 60 a chamada “Baixa” de Lisboa, manteve o seu papel comercial e de administração, como centro tradicional e, por conseguinte, centro histórico. A cidade cresce e multiplica-se criando polarizações e novas áreas comerciais, mas não no antigo centro.



|fig.24| Rua Augusta, comércio local, 1890, Baixa.



|fig.25| Rua Augusta, comércio local, atual, Baixa.

Desde o começo do século XIX até os anos 60 do século passado, o Chiado foi considerado o centro do comércio, cultura, da excelência e da diversão em Lisboa. Palco de teatros, cinemas e lojas, começa a perder a sua hegemonia com o aumento demográfico e pelo alargamento da cidade, todavia após o incêndio de 1988, o Chiado deixa de ser a preferência dos lisboetas e a própria Baixa não consegue acompanhar o desenvolvimento do comércio.



|fig.26| "Hotel de L'Europe" e "Grandes Armazéns do Chiado", 1910, Chiado.



|fig.27| Armazéns do chiado, pós incêndio, atual, Chiado.

Nos últimos 30 anos, presenciamos um crescimento de novas formas de comércio, onde encontramos uma vasta variedade de produtos num local destinado e construído para o efeito comercial, muitas dessas mudanças devem-se a um aumento do nível de vida, nos anos 60, e a mudança das mentalidades, nos anos 70, assim como, a integração de Portugal na Comunidade Europeia.

As atividades comerciais são dependentes das acessibilidades e procuram ir ao encontro do consumidor, deste modo, os centros de comércio tendem em agrupar-se numa praça ou quarteirão ou ao longo de uma linha de tráfego rodoviário.

Os centros de comércio podem ser classificados segundo uma hierarquização, pois dada a vasta diferença existente entre eles, no que toca a aglomeração de pessoas, tipos de mercado, ritmos, etc, torna-se essencial a compreensão desta hierarquia. As de mais baixo valor constituem o comércio local, que vai ao encontro da venda de alimentos, caracterizam-se por um mercado muito reduzido e de uso familiar, com bens de utilização diária e frequente e com clientes habituais, na maioria habitantes da zona.

Passando para o nível seguinte, encontramos o comércio de bairro, este já a uma escala maior, que mantendo o negócio alimentar é constituído, também, por outras funções. São dispersos ao longo de ruas e algumas delas vão convergir numa praça, as pessoas vêm a pé fazer as compras, conhecem os vendedores e muitas vezes possuem pontos específicos de encontro. Encontramos este tipo de comércio na maioria dos bairros de Lisboa.

Este comércio de bairro, por diversos fatores, passou a albergar outros usos não frequentes, gerando uma aproximação de clientela que ultrapassou meramente o bairro, ou seja, pessoas de outras zonas e bairros vêm à procura de determinados produtos ou serviços, que não encontram nos seus, como exemplo temos o bairro de Campo de Ourique que ainda hoje desempenha este papel, apesar da localização do Centro Comercial Amoreiras não o favorecer.

Na verdade, podemos referir o Amoreiras, como o início de uma nova forma de comércio em Portugal, e a par deste encontramos modernas construções comerciais, em alternativa á Baixa tradicional. As Avenidas Guerra Junqueiro, Roma, ou o bairro de Benfica caracterizam já um nível mais elevado do que o do bairro. No caso de Benfica, o valor comercial vem a ser reafirmado com a construção do Centro Comercial Fonte Nova e mais tarde com o Colombo. Anos mais tarde o mesmo acontecimento é descrito no Parque das Nações, cuja oferta é feita pelo Centro Comercial Vasco da Gama. No mesmo patamar estão outros polos que garantem a vasta oferta de serviços e produtos aos clientes mais próximos ou de fora e que aí procurem a satisfação das suas necessidades.



| fig.28 | e | fig.29 | Centro Comercial Amoreiras, Lisboa.

O Centro Comercial Amoreiras, inaugurado em 1985 e desenhado pelo arquiteto Tomás Taveira, revitalizou uma antiga área de estação de autocarro que se encontrava desativada. Representava um novo conceito, “comércio integrado”, onde existia uma agregação de espaços que projetavam-se conforme uma cidade de pequenas dimensões sob habitações e escritórios. Nos anos 90 continuou a ser o lugar escolhido pelos portugueses para as suas compras, uma vez que os armazéns do Chiado tinham ardido e o Imviz ou o centro Comercial Alvalade não possuíam as dimensões necessárias para haver concorrência.

Um fator que devemos considerar é que o comércio e a modificação do mesmo, veio alterar a forma da paisagem urbana e da própria cidade, promovendo um acesso facilitado à fruição do espaço por parte das pessoas, influenciando os percursos citadinos. É, também, uma forma de polarização de acordo com as atividades que o ato de comercializar adquire, atraindo população e dinamizando e revitalizando o respetivo espaço em que se insere.



| fig.30 | Centro Comercial Fonte Nova, Benfica, Lisboa.

| fig.31 | Centro Comercial Vasco da Gama, Parque das Nações, Lisboa.

3.2.1 | OS CENTROS COMERCIAIS: *UM NOVO CONCEITO DE "CIDADE"*

Os Centros Comerciais comportam uma grande variedade de espaços, dimensões e localizações. Normalmente apresentam um arranjo de espaço mais cuidado e com uma diversidade de lojas, de maneira a atrair as populações e que segundo o dicionário de Geografia Urbana, “ *A expressão pode ser entendida em dois sentidos: ou é uma cidade cujos equipamentos comerciais exercem atração sobre localidades mais pequenas das quais ela é o centro; ou, e este é em muito o sentido hoje mais corrente, é uma “grande superfície” uma enorme loja ou um conjunto de lojas situado na periferia de uma cidade ou, pelo menos, num sitio onde o terreno é barato, para que seja possível destinar grandes espaços a estacionamento e que a zona de influencia seja o mais vasta possível, pois a clientela vem por norma efetuar as suas compras de automóvel*”.¹⁹¹ Posto isto, são exemplos típicos de descentralização do comércio urbano, de distribuição em massa e uma alternativa ao centro, baseado no acesso automóvel. Contudo, os que se encontram junto do centro da cidade constituem um complemento para as trocas locais – Centro Comercial Fonte Nova - ou simplesmente vieram trazer comércio a zona onde tal era inexistente, alargando e melhorando zonas afetas aos serviços.

Os novos Centros Comerciais periféricos tiveram a sua aparição nos anos 50, como os “Malls” nos EUA, e nos anos 60 na Europa. A designação mais comum dos estudiosos diz “*um grupo de estabelecimentos comerciais que dispõe de parque de estacionamento próprio, sendo planeado, construído, possuído e explorado por uma entidade única e cuja localização, dimensão e tipo de estabelecimentos foi programada em função da área de mercado que serve*”¹²⁰¹, estando esta definição apenas associada a empreendimentos com uma área bruta superior a 500m² e a um número mínimo de 12 espaços de venda e projetados como um único conjunto de atividades, implicando uma gestão qualificada e conhecedora deste tipo de edifícios.

O mais antigo Centro Comercial foi criado em 1827, em Providence, Rhode Island, porém foi a partir de 1955 que se desenvolveu esta nova maneira de comércio, havendo um crescimento exponencial entre 1964 e 1980, nos EUA.

Os Centros Comerciais têm tendência a localizar-se, inicialmente, na periferia das cidades ou de grandes aglomerações, e de seguida aparecem em zonas mais centrais, paralelamente à revalorização dos próprios centros, constituindo-se em galerias com áreas de menor dimensão.

¹⁹¹ LACOSTE, Yves. *Dicionário de geografia: da geopolítica às paisagens. Dicionários Teorema*. Lisboa: Teorema, 2005. p.75

¹²⁰¹ Urban Land Institute de Washington, 1957.

Em Portugal, a construção destas tipologias comerciais deu-se a partir de 1971, após fracasso de diversas tentativas. Sendo depois alargada nos anos 80 pelas capitais litorais e as suas suburbanidades, implantadas nos novos centros terciários, como as Avenidas Novas, em Lisboa, e Boavista, no Porto. Em 1990, 1991, os hipermercados são então ligados aos centros comerciais e cria-se uma localização mais periférica. Este comércio de alimentos oferece uma nova escolha e variedade aos clientes, que até à data não existia, criou-se o Carrefour, um hipermercado periurbano, com grande capacidade de armazenamento e com multifunções e desconhecido, até ao aparecimento do CascaisShopping.

Num âmbito cenográfico e onírico os centros comerciais são hoje compostos de “ruas” que vão ao encontro de uma “praças”, a “praça” enquanto local mais importante do espaço público, distinguindo-se dos restantes espaços e a “rua” como elemento morfológico linear e contínuo do espaço público da cidade, que pode ser tida como um percurso ou até mesmo um lugar e que ladeia o “quarteirão”, “quarteirão” construído por lojas. O conceito de “shopping center” vem ao encontro de uma lógica de cidade dentro de um espaço fechado, ou seja, estes ditos centros comerciais são a recriação de um complexo destinado ao comércio urbano artificial com dimensões semelhantes à da cidade. As lojas, nestes estabelecimentos, são então dispostas ao longo de “ruas” que são dirigidas para uma “praça” ou “praças” existindo uma praça central. Desta forma a o elemento urbano “praça” atinge o seu significado puro, um espaço privilegiado.



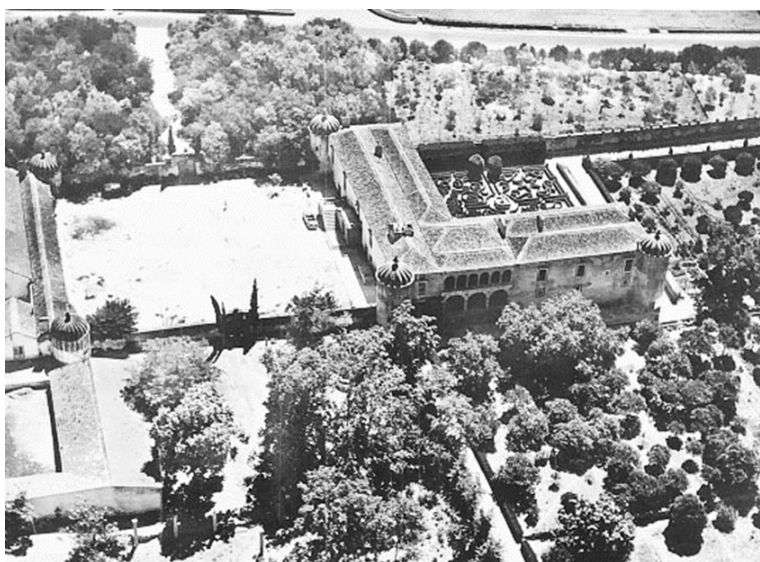
|fig.32 | e |fig.33| Centro Comercial Colombo, Lisboa.

O Centro Comercial Colombo que se encontra na grande cidade de Lisboa é o que mais se destaca no sector de Centro Comercial – Cidade, uma vez que é notório a ideia de “ruas” que se cruzam e que formam um percurso de compras, bastante atrativo ao consumidor e que no final se descobrirá uma “praça” que proporcionará um tempo de descanso e de conforto e desta surgirá outros caminhos que levaram a um “praça central” o “praça principal” que é acessível por todas as “ruas” projetadas.

Na verdade o Centro Comercial veio alterar a forma de consumo, acentuando a degradação do centro típico, contudo este centro é, nos dias de hoje, alvo de um demorado processo de reabilitação e renovação, que não prejudicará o normal funcionamento dos centros comerciais.

Capítulo | 4 |

CASOS DE ESTUDO



[fig.34]

Vista aérea do Palácio e Quinta da Bacalhoa, Azeitão.

Na imagem é visível a fachada norte e nascente do palácio, assim como o seu jardim formal e a restantes zonas de cultivo e pátio de honra.



[fig.35]

Vista aérea do Palácio e Quinta da Bacalhoa, por Catalão Monteiro, Azeitão.

Na imagem é visível a fachada sul e poente do palácio, assim como o seu jardim formal e a restantes zonas de cultivo e pátio de honra.

4.1 | PALÁCIO E QUINTA DA BACALHOA: *UMA VILLA RENASCENTISTA*

O Palácio e Quinta da Bacalhoa situada em Vila Fresca de Azeitão é um dos primeiros e mais belos exemplos da arquitetura civil renascentista em Portugal. De arquiteto desconhecido, há quem presuma que este tenha sido Andrea Contucci, dito Sansovino, enviado por Lourenço de Medici a D. João II para elevar as artes em Portugal. Existe também a possibilidade dos planos do palácio terem sido traçados por um outro Mestre de Itália para seu país e terem sido enviados para Portugal. A Bacalhoa atravessou três épocas marcadas por algumas alterações a nível arquitetónico e pelos seus três proprietários, contudo, apenas duas se salientam. D. Brites foi a edificadora e, mais tarde, Brás de Albuquerque o reformador ¹²¹. Em 1936 a Bacalhoa é adquirida por Mrs. Orlena Scoville, estando num estado de ruína avançado. A partir de 1937 são realizadas longas obras de restauro. Na década de 70 a tradição vinícola que lhe é reconhecida hoje em dia é introduzida pelo seu neto. Em 1998 a Bacalhoa é vendida a Joe Berardo, atual proprietário, fazendo do piso nobre do palácio a sua casa de férias e do piso térreo galeria de arte visitável, ostentando um avultado acervo de peças de pendur clássico e da Antiguidade, como painéis de azulejo romano, assim como uma grandiosa coleção de esta arte portuguesa.

A Quinta da Bacalhoa assenta numa topografia irregular, pouco acentuada. O recinto foi dividido em dois terraços separados por um muro situado a meio, que suporta a diferença de

¹²¹ Filho de Afonso de Albuquerque, viu na quinta e palácio da Bacalhoa uma oportunidade única de criar e ostentar o seu gosto pelo fausto. Gosto este que terá sido adquirido durante a sua passagem por Itália, em 1521, onde se apaixonou-se pelo Renascimento Italiano e acaba por trazer para Portugal os traços atualizados desse estilo, terminando por promover algumas transformações, desta maneira os módulos passaram a ser construídos através de estruturas livres e inovadoras embora se notasse a persistência da simetria, das plantas centradas, do ideal da imitação de fachadas antigas e do rigor geométrico, também enriquece com belos azulejos e apontamentos esculpidos e manda construir as casas de prazer existentes na Quinta, a Casa do Lago, a Casa das Pombas e a Casa da Índia.

alturas entre os dois níveis. O terrapleno inferior continha vinha ¹²²¹, sendo que o superior ¹²³¹, organizado por patamares, tem nas extremidades do muro de suportes dois pavilhões, a Casa da Índia e a Casa das Pombas. O Palácio com o jardim formal, a nascente e a poente, possui outros três pavilhões ligados entre si - a Casa do Lago, com um lago que se estende em frente a eles.

O corpo do Palácio desenvolve-se em “L”, envolvendo o jardim privado, é composto por dois pisos, O rés-de-chão, dedicado à quinta agrícola, servindo principalmente de armazém devido às suas boas condições higrotérmicas e o andar nobre, onde está localizada a habitação privada da família proprietária da Quinta. Ao todo, segundo Joaquim Rasteiro, um estudioso da Bacalhoa, a casa tem dezoito salas em que no andar nobre a maioria é servida por um salão centralizado.

O estilo do Palácio em geral é nu de ornamentação, apenas se visualizam algumas peças escultóricas, nichos com bustos e alguns apontamentos em azulejo liso ou com relevo, utilizando sempre temas de cariz clássico, bem adequados ao gosto renascentista. A fachada nascente sendo a principal, dá acesso ao pátio de honra e entrada do recinto, assim como ao terrapleno inferior. É a mais próxima do ideal de simetria e regulação dos módulos a partir de um eixo axial central. Do lado oposto ao da fachada desenvolve-se uma galeria. A fachada virada a Norte, das mais poéticas do Palácio, apesar de não ser totalmente simétrica, ilustra fortemente alguns dos conceitos primordiais da renascença italiana, as duas torres cilíndricas, rematam o pano de fachada à semelhança da fachada principal. A fachada poente tem a particularidade de na sua *loggia* inferior, ser possível ver esbatida na linha do horizonte a cidade de Lisboa emoldurada pela Serra de Sintra, sendo denominada - a “Janela de Lisboa”. Encontramos, também, uma das fachadas que está direcionada com o jardim formal do Palácio, tem uma aparência mais fechada e pesada, conferida principalmente pelo primeiro piso; no segundo piso, foi introduzida uma *loggia*, uma autêntica varanda que tira proveito das perspetivas sobre o jardim e sobre a Casa do Lago e o seu espelho de água ¹²⁴¹.

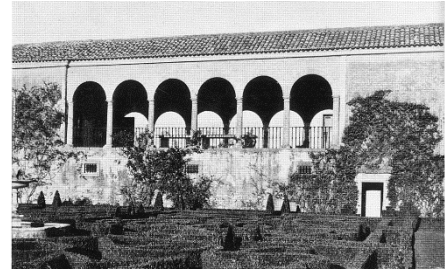
¹²²¹ Para além da óbvia produção de vinho tinha o objetivo de simbolizar o ato da ressurreição de Cristo, a vida eterna, criando um percurso de Via Sacra onde é possível se ler em latim: “dirige meu caminho diante de ti, ó Senhor meu Deus”, na porta de entrada.

¹²³¹ Neste terreiro existem referências bíblicas como mitológicas e celebridades da história dos povos, estando frente-a-frente o “sagrado/religioso” com o “profano/pagão”.

¹²⁴¹ A galeria tem representada em painéis de azulejos uma alegoria aos rios Eufrates, Mondego, Danúbio e Douro. Sobre a porta que dá para o jardim, lê-se em latim: “Satisfeito quando sua glória aparece”



[fig.36] Fachada Nascente do Palácio da Bacalhoa,2015.



[fig.37] Fachada Norte do Palácio da Bacalhoa.

A fachada Sul que também dá para o jardim privado aparenta monotonia e vazio. A pouca relação que as duas fachadas que dão para o jardim privado têm com as restantes, a nível de sofisticação estética levam a crer que o projeto inicial possa não ter sido acabado ou até mesmo adulterado. Anteriormente o muro que parte do jardim, junto à fachada poente, e que vai até à Casa do Lago estava pontuado por medalhões de louça com bustos de centuriões e imperadores da Roma Antiga. Atualmente, esses medalhões são de origem portuguesa com fabricação nas Faianças Bordalo Pinheiro ^[25]. O jardim formal da Bacalhoa de forma quadrada contém no seu centro uma fonte de onde partem as linhas que subdividem o jardim em quatro quadrados ^[26].



[fig.38] Fachada Poente do Palácio da Bacalhoa,2015.



[fig.39] Fachada Sul do Palácio da Bacalhoa.

^[25] Encomendados e desenhados para fazer referência aos desaparecidos medalhões italianos Della Robbia, que se pensa-se serem semelhantes aos que encontramos no Hospital de Ceppo, em Pistóia, do arquiteto florentino Michelozzo di Bartolomeo.

^[26] Esta morfologia de jardim pode simbolizar, se assim o entendermos, o arquétipo do paraíso cristão – o Jardim do Éden, um jardim idílico sujeito à ordenação clássica em forma de quadrado onde no centro surge uma árvore ou fonte. No caso da Bacalhoa, quatro eixos partem em direção aos pontos cardeais que podem ser interpretados como a representação simbólica dos quatro evangelhos, com Jesus Cristo no centro. Aliado à simbologia religiosa, este jardim traduz conceitos base do inovador modelo de pensamento da época renascentista, o Humanismo e Individualismo, através da sua organização geometrizada e racional reflete o domínio da razão sobre o ímpeto de desordem presentes na natureza, que por sua vez, ilustra a ordem cósmica a que toda a matéria está sujeita. Estes jardins portugueses têm uma tripartição em horto, pomar e mata. A horta nas Quintas de Recreio aparece com funções de produção e de recreio, inserida no conceito de jardim como um espaço fechado, que procura reproduzir tanto quanto possível o Paraíso.

O restante espaço do terrapleno superior era tido como jardim informal, agora apenas dedicado à produção vinícola. Com caráter mais português permitindo uma liberdade morfológica, influências da cultura muçulmana pois existe uma apropriação de águas agrícolas para efeitos recreativos, elaborado através de hortas e um pomar composto por laranjeiras, limoeiros e cidreiras ¹²⁷¹. Ao longo deste jardim vão surgindo pavilhões, cinco ao todo, dedicados à fruição dos diferentes ambientes e à arquitetura de prazer.



[fig.40] Casa das Pombas.

[fig.41] Casa do Lago.

[fig.42] Casa da Índia.

O Palácio e Quinta da Bacalhoa constitui um testemunho único do Renascimento em Portugal, e da tipologia de Quinta de Recreio. Apesar de nos últimos séculos não lhe foi dado o devido valor, a Bacalhoa acaba por deixar transparecer uma certa decadência, não a de ruína, porque já não é esse o seu estado atual, mas uma decadência dos costumes do nosso país.

¹²⁷¹ Segundo Aurora Carapinha, o jardim português caracteriza-se pela sua versatilidade, especificidade e riqueza criativa, sem a definição de limites no conceito de ambiente de jardim em todos os espaços, fazendo com que hortas e pomares possam usufruir do mesmo ambiente, conferindo à Quinta o carácter de Quinta de produção agrícola. Estes pontos distanciam da típica *Villa* italiana, garantindo, ao jardim português, a originalidade e identidade ao conseguir a apropriação das águas agrícolas para fins como a contemplação do gozo e para efeitos recreativos.

4.2 | FÓRUM SINTRA: UMA NOVA CENTRALIDADE NA SUBURBANIDADE

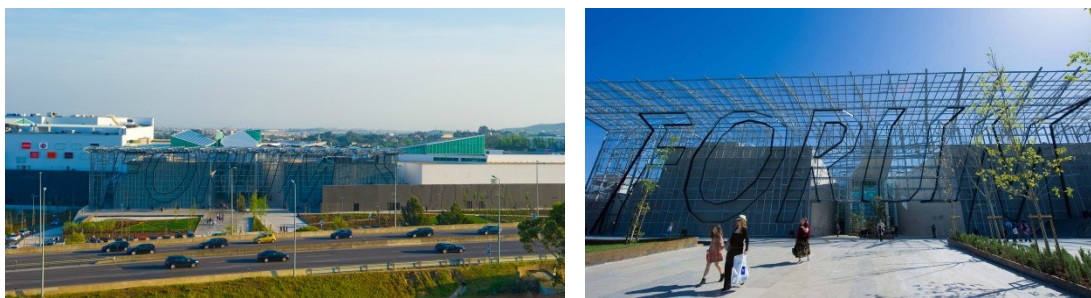
Inaugurado a 11 de Abril de 2011, a construção do grande complexo comercial Fórum Sintra em Rio de Mouro abrangeu a intervenção sobre uma pré-existência adjacente à cadeia de supermercados Feira Nova. Localizado junto à convergência da IC-19 com a A16, este projeto de 55.000 m² de área comercial e de 230.000m² de área bruta de construção é constituído por um total de 182 lojas, uma área de restauração destinada a 20 cadeias e uma zona de cinemas composta por sete salas e 2250 lugares de estacionamento.

Na verdade, a promotora Multi Mall Management investiu cerca de 170 mil milhões de euros numa unidade comercial de atração para os cerca de 621.000 habitantes, dado o facto de o concelho de Sintra não possuir nenhum centro comercial de grandes dimensões. O antigo Feira Nova manteve-se sendo apenas substituído pelo grupo Jerónimo Martins, constituindo o maior Pingo Doce do País, os restantes antigos espaços foram demolidos para dar início à construção do novo Fórum, desenhado pelo Atelier ARX e construído num período de dois anos.

*"A relação com a IC-19 é evidente, como é a relação com a Serra de Sintra e a sua reconhecível e ondulante silhueta, coroada pelo Palácio da Pena, reinvenção romântica de D. Fernando II."*¹²⁸¹

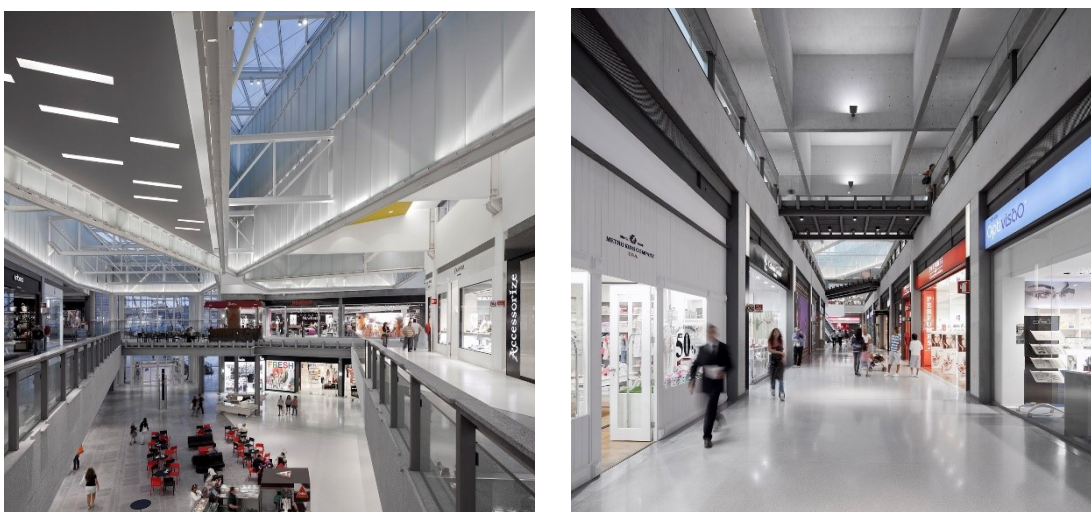
Desta forma, o projeto partiu de uma relação entre o contemporâneo com estímulos divergentes no tempo e espaço. O novo edificado propõe uma forma clara acompanhando a IC-19, composta por dois pontos verticais em lados opostos numa base em betão negro que permite ligar o próprio edifício ao chão e um segundo volume em branco mais atrás, que remonta para a cultura portuguesa. É este contraste de materiais e textura que permite ao edifício adquirir uma aparência mais moderna e claramente abstrata, contudo mantendo a elegância exigida.

¹²⁸¹ ARX, retirado em : <https://arx.pt/projecto/forum-sintra/>.



|fig.43| e |fig.44| Fórum Sintra, imagens exteriores.

O seu interior foi desenhado com esta mesma base de elegância, consistindo num jogo interessante de conceitos de projeto e trabalho. Cada “mall” interno vai ao encontro de uma praça, ponto de confluência e que procura criar uma atmosfera distinta das restantes devido às características construtivas dos espaços. De acordo com os ARX, “o “concrete mall” de tectónica forte, integralmente em betão à vista, ou o “elegant mall” em vidro preto, pedra preta e cuidados detalhes em aço inox, com uma luminosidade filtrada. Temos um surpreendente “green mall”, espaço etéreo, flutuante, que assume com naturalidade as suas infraestruturas e nos levita num ambiente vegetal abstrato, no verde dos vidros do seu pavimento. Temos ainda o “home mall” de estrutura e revestimento em madeira lamelada. A madeira tem a dimensão táctil insubstituível. Falamos de Casa (home). (...) “food court”, onde a esplanada ajardinada nos coloca numa relação visual recortada com a serra de Sintra, como se fosse o seu prolongamento.”^[29]

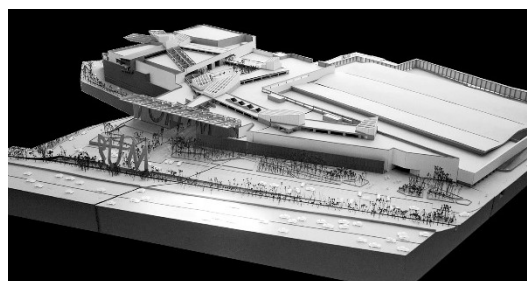
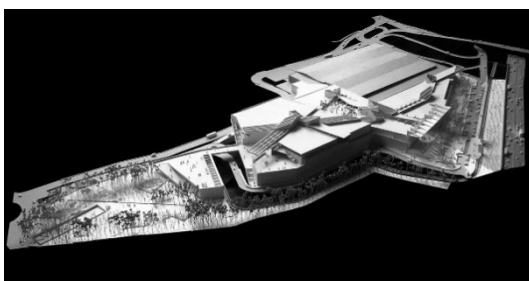


|fig.45| e |fig.46| Imagens interiores do Fórum Sintra.

^[29] ARX, retirado em: <https://arx.pt/projecto/forum-sintra/>.

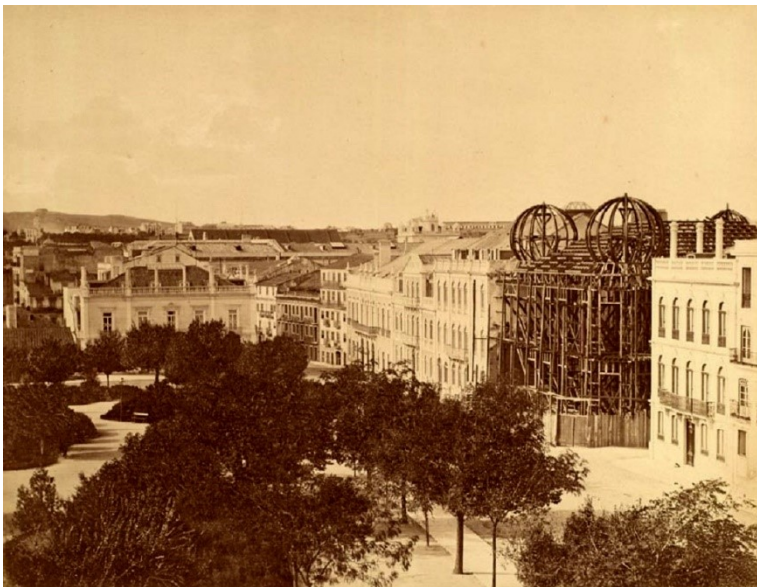
Na cobertura acontecem rasgos de luz natural formados por vidros opalinos de formas particulares e que se projetam no exterior com uma geometria semelhante que irão conferir a centralidade do novo complexo, com a envolvente. O grande elemento em metal dobrado onde é possível ler as palavras “ Fórum Sintra” que *“simboliza a condição do carácter arquitetónico do edifício, sem as habituais decorações supérfluas, mas elegantemente direto ao modo desconstruir”*¹³⁰ e complementa o edificado.

O Fórum Sintra desempenha o papel de uma nova centralidade criada na periferia da cidade, assim como outros centros destinados ao comércio. Situado numa área de redes e nós, que vem facilitar o acesso ao complexo e garantir o uso deste pela população local, garantindo uma oferta vasta de produtos, um local para a prática do lazer e do convívio.



[fig.47] | [fig.48] | [fig.49] | [fig.50] Maquete do Fórum Sintra, ARX.

¹³⁰ ARX, retirado em: <https://arx.pt/projecto/forum-sintra/>.



[fig.51]

Palacete Ribeiro da Cunha em construção, 1877- 1878; Praça do Príncipe Real, Calçada da Patriarcal; por Henrique Nunes.



[fig.52]

Palacete Ribeiro da Cunha, ant.1895; Praça do Príncipe Real, Calçada da Patriarcal; por Francesco Rocchin.

4.3 | PALACETE RIBEIRO DA CUNHA “EMBAIXADA”: *PATRIMÓNIO COMO ESPAÇO COMERCIAL*

Atual galeria comercial, o Palacete Ribeiro da Cunha foi mandado edificar entre 1877 e 1879 para residência de José Ribeiro da Cunha. Um edifício com traços mouriscos, devido aos arcos de ferradura, cúpulas bulbosas, platibanda com merlões e pátio com arcaria arabizante e com pormenores arte nova, projetado pelo arquiteto Henrique Carlos Afonso. Com uma planta regular, o palacete é composto por três frentes estando o alçado posterior articulado por um jardim e com vista para o jardim botânico. Embelezando a Praça do Príncipe Real e a Calçada do Patriarcal, o palacete Ribeiro da Cunha contém uma cave, piso térreo, piso nobre, sótão e duas entradas independentes, destacando – se uma cornija sobe platibanda assinalada por bases em esferas vazadas e terminadas em agulha, assim como quatro cúpulas situadas nos ângulos do edifício.

No seu interior encontramos três pontos de aparato, onde é feita a circulação, o vestíbulo, a escadaria de honra e o pátio. No vestíbulo encontramos uma escadaria integrada em dois níveis com duas zonas diferenciadas, neste local que dá acesso ao piso nobre da Casa. O pátio retangular apresenta três pisos em galeria e áreas ligadas dispostas em redor. Com temas mitológicos, geométricos e vegetais os estuques de Domingos Meira decoram as paredes e tetos; uma escadaria em pedra composta por balaustres em ferro ornamentada por duas estátuas de metal com vultos que seguram candeeiros, sobre colunas do mesmo material e com elementos vegetais; o pavimento possui um jogo geométrico de mosaicos cerâmicos com diversas cores.

Devido aos diversos proprietários a que pertenceu, o edifício sofreu algumas alterações. O sótão é modificado quando o palacete pertence à Universidade Nova de Lisboa, anos 80, tendo sido instalada a reitoria da universidade, tendo o piso nobre sido mantido como residência da família Manuel Carocha ou Lopo de Carvalho.

A atual galeria comercial com o nome “Embaixada” é desde setembro de 2013 localização de inúmeras lojas com as mais diversas marcas e artistas nacionais relacionado com o design, artesanato, moda, gastronomia e cultura portuguesa, inclui também uma área dedicada à arte e cultura onde acontecem diversas exposições com carácter temporário, possui ainda dois restaurantes com esplanadas nas traseiras viradas para o jardim. Sendo a peça principal do grupo Eastbanc de Anthony Lanier que iniciou o seu investimento na cidade em 2005, comprando à volta e 20 edifícios na zona do Príncipe Real com o *“propósito de os reabilitar, combinando o design, as funcionalidades modernas com a preservação do património arquitetónico, cultural e paisagístico”*.

[31]

Este espaço comercial pretende ir ao encontro das pessoas, colecionando experiências, tradição e contemporaneidade, uma junção do antigo património edificado com as ofertas inovadoras portuguesas. De futuro está previsto uma reconversão das cavalariças e outros pequenos edificados que se encontram dispersos criando, assim, três novos edifícios.

A “Embaixada” caracteriza-se pela inovação de programa de usos, trata-se de um edifício com algum valor patrimonial e de estilo neoárabe que se converteu num centro comercial destacando-se pela variedade de produtos que tem para oferecer. Dado que se situa numa zona turística e atrativa da cidade, a função contemporânea atribuída ao palacete, veio desenvolver a recuperação do mesmo, não permitindo o seu esquecimento e por conseguinte, o estado de ruína.



[fig.43] e [fig.54] Interior da atual “Embaixada”. Respetivo espaço de restauração (foto superior esquerda) e loja (foto inferior esquerda).

[fig.55] Entrada Principal do novo espaço comercial e o logotipo “Embaixada”.

[31] Eastbanc, em comunicado. Retirado em: <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/embaixada-e-o-novo-espaco-comercial-em-lisboa-atualizada/>.

4.4 | PALÁCIO SOTTO MAYOR: *UM OLHAR NEGATIVO*

Localizado no número 6 da Avenida Fontes Pereira de Melo, freguesia de Arroios, o Palácio Sotto Mayor promoveu um estudo interessante ao desenvolvimento deste trabalho final de mestrado.

De estilo eclético, o Palácio Sotto Mayor foi mandado edificar entre os anos 1902 e 1906 após a demolição do antigo Solar da família Mayer, em 1900, a pedido do banqueiro Cândido da Cunha de Sotto Mayor fazendo-o sua residência nas Avenidas Novas. Projetado pelo arquiteto Ezequiel Bandeira e terminado pelo Capitão de Engenharia do Exército António Rodrigues Nogueira, com a participação dos arquitetos Evaristo Gomes (Vestíbulo e Sala de Visitas), João António Piloto (conceção da Sala de Jantar) na decoração e organização do interior, o entalhador António Pucce e os pintores Domingos Pinto, Teixeira Bastos, Ordoñez e Ribeiro Júnior, o Palacete atual contém ao seu redor um sinuoso jardim com alguns anexos que, em tempos, funcionavam como cocheiras, habitações dos criados e lavadouro.

O edifício em estilo compósito e de inspiração francesa constituído por uma planta organizada por três retângulos com três andares, um conjunto de escadas em leque, neorrenascentista que vão ao encontro de um centro, um grande *"hall"* em forma de quadrado sob uma claraboia. Nas suas fachadas encontramos janelas com pilastras decoradas com cariátides, do escultor Jorge Neto, arcos de volta perfeita e corpos laterais com o mesmo estilo arquitetónico. Observa-se, ainda, um antigo torreão tardo-maneirista de planta poligonal, no extremo sudeste do edificado.

Em 1951 com a morte do proprietário, o palácio é herdado pela sua filha Maria Elsa Piedade Sotto Mayor Matoso e adquirido pela Torralta, em 1967, após ter ficado devoluto. Chega a haver um projeto de demolição do próprio palácio e implementação de uma unidade hoteleira de cinco

estrelas da autoria do arquiteto Conceição e Silva, nos finais dos anos sessenta, contudo não se concretiza, sendo mais tarde, já nos anos 80, que se torna propriedade do Banco Totta e Açores por via de penhora e vendido anos mais tarde à empresa imobiliária Gladstone.

Confirmado Imóvel de interesse público, em 1988, o edifício foi submetido no final do século XX e inícios do século XXI a uma renovação da autoria do Arquiteto Gastão da Cunha Ferreira, após a autorização da Câmara Municipal de Lisboa e do Instituto do Património e do seu interior ter sofrido um incêndio. O projeto integrou um centro comercial, escritórios, hotel e estacionamento, enquanto a sua fachada foi mantida.

Atualmente alberga diferentes usos, entre eles um complexo desportivo pertencente à cadeia de ginásios de luxo Virgin Active, que conta com mais de 6.600 m² de instalações, quatro salas e uma piscina, o ginásio inclui ainda um spa, assim como alguns escritórios de diversos serviços, entre eles um espaço cowork, com 70 m² de salas de reunião, dois espaços de hub desk e um auditório para mais de 50 pessoas que permite a ocorrência de reuniões, conferências, etc.

Este complexo é um exemplo de uma adaptação pouco conseguida, uma vez que o antigo palacete sofreu alterações no seu interior que não permite ser reconhecido como era outrora, sendo que olhamos para este caso com um olhar negativo, um exemplo do que não deve acontecer.



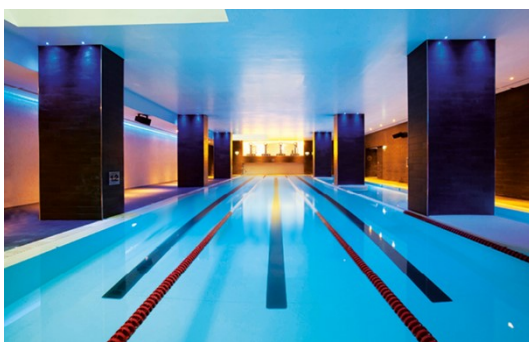
|fig.56| Palácio Sotto Mayor, Lisboa.



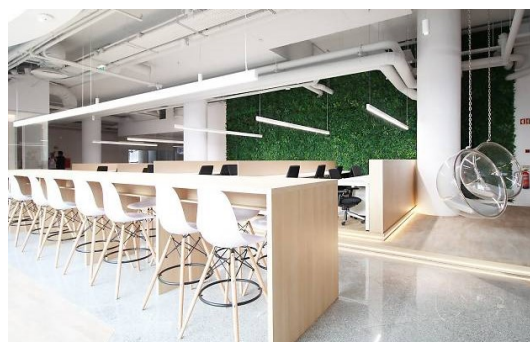
|fig.57| Palácio Sotto Mayor, durante a sua reconstrução - execução de escavação e contenção de solos na envolvente do palácio - Lisboa.



|fig.58| Interior do Palácio enquanto Centro Comercial; por Fernando Guerra.



|fig.59| Piscina interior do Virgin Active, Palácio Sotto Mayor, Lisboa.



|fig.60| IDEIA Hub Palácio Sotto Mayor, espaço cowork, Lisboa.



[fig.61] e [fig.62]

Passeio dos Clérigos e
respetiva cobertura verde,
Porto.

4.5 | PASSEIO DOS CLÉRIGOS: *UM NOVO CONCEITO DE “RUA”*

Antigo Mercado dos Anjos, o atual terreno do passeio dos Clérigos foi concedido à Câmara Municipal do Porto, em 1833, por D. Pedro IV. Em tempos, existiu o Recolhimento do Anjos que após a demolição, em 1837, deu origem à construção de um mercado destinado ao público. Deste modo, coube à Câmara encomendar uma obra que propunha a criação de um espaço disposto em triângulo. Em 1905 a Câmara propõe a renovação do mercado por razões de ordem urbanística e higiénica. Com uma crescente necessidade de melhoramentos a nível urbanístico naquela zona da cidade do Porto, a Câmara Municipal decide abrir concurso para a construção do novo mercado. Visto tratar-se de uma área com um valor patrimonial edificado elevado, a ser substituída por um estacionamento automóvel, seguindo-se de um centro comercial em 1990 que, rapidamente entra em declínio, é projetado para o local, um novo conjunto de galerias comerciais e de restauração a céu aberto.

Este projeto, ganho em concurso pela promotora UrbaClérigos em 2007, concebeu um comércio ligado ao exterior, onde a rua entre galerias é externa, sendo hoje lojas de rua e é esta mesma rua que cria ligação com o património ao redor, a Torre dos Clérigos e a Galeria Lelo, de uma forma “fluida e clara”, segundo o arquiteto Pedro Balonas. O novo Passeio dos Clérigos é um exemplo de uma nova centralidade na cidade e uma continuação do percurso da Baixa, promovendo novos conceitos de comércio numa integração urbanística inovadora.

A cobertura ajardinada com semelhanças a um prado e acessível foi um dos elementos mais marcantes desta obra. A própria estrutura é uma alegoria ao passado, já que nela foram plantadas cinquenta oliveiras, uma vez que naquele local tinha existido um olival. A introdução de uma diversidade de sementes de relva permitiu criar dinamismo no desenho da própria cobertura com mais de 4.500 m², desenhando percursos de passagem e que cujo acesso é permitido através de zona em que a cota da cobertura e do passeio sejam as mesmas.

"Aqui à volta temos arquitetura dos séculos XVIII, XIX e XX. A nossa será do século XXI. Estas oliveiras, algumas com cerca de três e quatro séculos, fazem a ligação entre o novo e o antigo. E este espaço, no passado, foi o Parque das Oliveiras". ¹³²

À semelhança da Galleria Vittorio Emanuele em Milão, o passeio que separa os espaços de lojas comerciais dos de restauração contém uma cobertura em vidro, protegendo de condições meteorológicas menos apropriadas para passeio na rua, no entanto mantendo a sensação de se estar no exterior.

O novo projeto constitui, primeiramente, numa demolição completa do existente acima do piso térreo, integrando atualmente as galerias comerciais evidenciadas por um elemento metálico, e acessíveis através da existência de uma escada rolante que vai desde o parque de estacionamento até à superfície. O projeto inclui as fundações do edificado antigo, assim como alguns elementos estruturais que foram reforçados com a nova construção. A fachada abrange numa estrutura branca pré-fabricada, tipo "gabardine" que, não só fornece algum sombreamento ao espaço comercial, como reveste algumas paredes no imóvel anterior.

Segundo o programa, o Passeio dos Clérigos de uma área bruta de 3600 m² possui oito lojas, em que a maior tem 1900m², um café e restaurantes e na sua cobertura podemos encontrar quiosques de uma arquitetura tradicional com esplanada, convidando o público a usufruir do espaço. Para além disto, o próprio programa propõe um espaço para espetáculos públicos.

O projeto permitiu uma inovação no conceito de comércio de rua, ligando dois marcos históricos da cidade e dando uma nova vida ao local.



[fig.63] e [fig.64] Passeio dos Clérigos. O comércio de rua e respetivas galerias, Porto.

¹³² Urbanclérigos, em comunicado à Lusa, retirado em : https://www.rtp.pt/noticias/economia/praca-publica-com-oliveiras-centenarias-nova-rua-e-galeria-comercial-abrem-em-setembro-no-porto_n558566

4.6 | GALLERIA VITTORIO EMANUELE II: À IMAGEM DA “CIDADE”

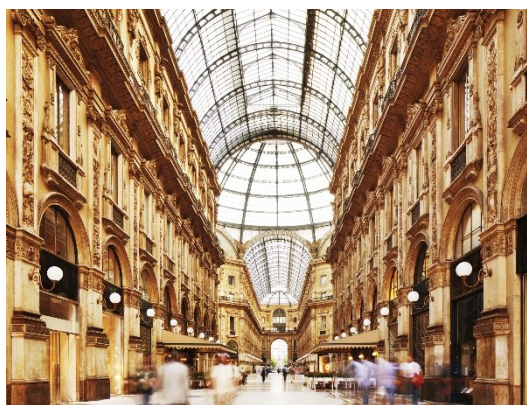
Chamadas “O Salão de Milão”, a Galleria Vittorio Emanuele II é um dos pontos de comércio mais antigo de Itália. Esta atração turística milanesa consiste numa estrutura composta por duas arcadas de abóboda ligadas por um octógono, que protege a rua que liga a Piazza del Duomo à Piazza della Scala, dois marcos da cidade, criando uma zona comercial fechada e protegida dos diferentes agente atmosféricos. Desta forma, a rua é coberta por vidros moldados inseridos num corpo de arcos primários em ferro fundido, num projeto semelhante a Burlington Arcade em Londres, a Galeria Saint – Hubert em Bruxelas, o Passazh em São Petersburgo, a Galeria Umberto I em Nápoles ou a Galeria de Budapeste.

A Galleria Vittorio Emanuele II construída entre 1865 e 1867 e projetada pelo arquiteto Giuseppe Mengoni em 1861 deve o seu nome a Victor Emmanuel II, o primeiro rei do reino unificado da Itália. A famosa cúpula de grande dimensão e de vidro situada no centro do espaço octogonal é sustentada por quatro abóbodas de berço de dimensões menores e por lanternas em cada parte da cobertura, fazendo esta galeria um projeto inédito e de referência para a arquitetura de ferro e vidro do século XIX. A arcada, também é bastante reconhecida, devido aos seus vãos, abóbodas, e espaço criado pela coleção de vidraria. As arcadas que existiam anteriormente não possuíam um tamanho tão grande, nem tinham uma cobertura tão complexa, uma vez que a atual é a combinação de um sistema de construção criativa, uma vez que não são visíveis os tirantes nos vãos das abóbodas e cúpula, que consiste numa unidade de quatro sistemas combinados por detalhes de construção característicos. O centro da rua é pontuado por quatro mosaicos que representam os brasões das quatro capitais do reino de Itália – Turim, Florença, Roma e Milão - estando o brasão de Turim um pouco danificado devido a uma crença popular. Toda a “Galleria” teve colaboração internacional.

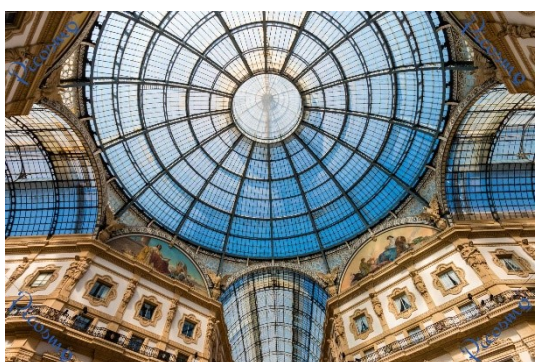
Sofreu algumas intervenções de manutenção contudo, durante o período da segunda grande guerra, devido aos bombardeamentos a cobertura ficou bastante danificada, assim como os restantes edifícios da cidade, tendo sido alvo de melhoramentos e modificações históricas, mantendo ainda assim alguns problemas de conservação. Em 2015 a galeria é submetida a limpeza e arranjos.

O “Salão de Milão” é assim chamado dado a sua variedade de lojas e restaurantes, alguns dos mais antigos e conhecidos de Milão, um ponto de encontro com restaurantes típicos da zona. Desde de 2013 o principal comércio é de luxo, alta costura, joalheria, arte, restaurantes, cafés, bares e uma unidade hoteleira, o Town House Galleria.

A Galleria Vittorio Emanuele II é uma das maiores em escala deste tipo de shoppings e que contribuiu para a evolução deste conceito de centro comercial envidraçado e fechado, sendo antecessora de muitos outros espaços dedicados aos comércio, lazer, arte e restauração.



|fig.65| e |fig.66| Galleria Vittorio Emanuele II, Milão, Itália.



|fig.67| Cúpula central de ferro e vidro, Galleria Vittorino Emanuele II, Milão, Itália.

|fig.68| Pórtico de entrada para Galleria Vittorio Emanuele II na Piazza del Duomo, Milão, Itália.

Capítulo | 5 |

ENQUADRAMENTO

QUINTA DA TORRE D’AGUILHA



[fig.69]

Azulejo da Quinta da Torre d'Aguilha.



[fig.70]

Fotografia de um quadro pertencente à coleção particular do Sr. Conde de Almarjão, retratando a Quinta da Torre d'Aguilha no início do século XX.

5.1 | ANÁLISE HISTÓRICA

A Quinta da Torre d’Aguilha em São Domingos de Rana remonta o século XVI, segundo os registos da Igreja da Freguesia, estando referida como “terreno próprio de cereais” e “terreno próprio para a cultura de trigo”, já que o nome “guilha” significa seara e remonta para “*colheita abundante de cereais*”¹³³¹. Esta Quinta insere-se na tipologia das Quintas de Recreio, contendo uma Casa Senhorial, neste caso, uma Casa Rústica.

A primeira imagem conhecida pertence ao ano de 1804 e é tida como património familiar da Família Souza de Falcon e/ou Freire de Andrade, sendo mais tarde anexada ao morgado dos Condes de Camarido. Anos mais tarde, já no século XX, a Quinta é adquirida pela família Norton, como possível lugar de frequência da “gente rica de Oeiras e Cascais”. Nesta altura a parte urbana encontrava-se em ruínas, assim, coube ao Arquiteto Guilherme Rebello de Andrade a sua reconstrução, aproveitando a organização geral da planta da casa, mantendo e respeitando as respetivas características do estilo arquitetónico. A 13 de Junho de 1948 a Quinta é comprada pela Congregação do Espírito Santo, acolhendo durante alguns anos, padres, tendo estes sido transferidos, poucos anos depois, para o novo edifício, o atual Seminário da Torre d’Aguilha. A antiga Casa não volta a ser habitada, acabando por sofrer um incêndio, provocado acidentalmente por um religioso, o que faz com que a Casa Senhorial se encontre, ainda hoje, totalmente degradada. Em 1983, os imóveis da antiga Quinta, assim como 20 dos seus 60 hectares são comprados por Fernando da Costa Santos, com o objetivo de urbanizar a propriedade, após manter alguma atividade agrícola e pecuária. Este pretendia construir uma estalagem para idosos com posses ou um condomínio fechado de luxo com centro de receções e seminários para empresas. Contudo muitas destas propostas implicavam a construção de novos edifícios que ficariam adjacentes à antiga Casa. Apesar do notório entusiasmo de Fernando da Costa na entrevista dada

¹³³¹ TEIXEIRA, Carlos A, CARDOSO, Guilherme, MIRANDA, Jorge, *Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos*, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003, p.258.

ao Público em 1995, este, vê-se abafado, uma vez que em 2000, numa entrevista dada ao Jornal Regional descreve a falta de interesse da Câmara no seu projeto, fazendo com que a Quinta da Torre d'Aguilha se encontre, ainda hoje, em completo estado de ruína.

Atualmente a Quinta da Torre d'Aguilha é constituída pela Casa Senhorial, uma capela dedicada a Santa Ana, ambas em estado de degradação e por dependências agrícolas e pecuárias, assim como o jardim.

5.2 | ANÁLISE DO ESPAÇO ARQUITETÓNICO

A Quinta está situada numa topografia de declive ligeiro, virada a poente e com a presença de uma linha de água, a Ribeira de Abóboda.

Nas Quintas de Recreio temos como objeto principal a Casa Senhorial. No caso de estudo, este núcleo encontra-se estruturado ao redor de um terreiro que será o antigo local de acesso à casa. Este terreiro é composto por dois quadrados adjacentes, formando um retângulo. Do lado oeste do terreiro encontra-se presente a antiga residência do proprietário, adjacente a esta, em direção ao sul, temos vestígios de algumas dependências agrícolas. Situado a norte, do lado contrário à entrada principal da Quinta é possível visualizar uma chaminé que nos dá indício de ter havido uma cozinha, complementada por outras áreas de serviço.



| fig.71 | Quinta da Torre d’Aguilha, São Domingos de Rana, Cascais. Entrada principal para o espaço nobre da quinta e o respetivo terreiro, após as remodelações do Arquiteto Guilherme Rebello de Andrade.

| fig.72 | Quinta da Torre d’Aguilha, São Domingos de Rana, Cascais. Entrada à Casa Senhorial da Quinta, após as remodelações do Arquiteto Guilherme Rebello de Andrade.

Do lado oposto, limitando a área do terreiro, encontramos novas instalações agrícolas e pecuárias, contudo em mau estado, que se desenrolam em dois pisos.

Toda a área edificada desenha a forma de “U” em planta. ¹³⁴

O acesso às antigas plantas da Quinta, da autoria do Arquiteto Guilherme Rebello de Andrade, garantiu a descrição interior da própria Casa Senhorial. Desta forma, ela desenvolvia-se segundo um pátio de entrada, acedendo-se a uma sala de entrada, passando por corredores, casa de jantar e cozinha. O pátio de entrada ou pátio de honra é, neste caso, representado por um terreiro, descrito acima, que funciona como um acesso e chegada à habitação. Este terreiro é delimitado por um muro alto, composto por um portão com as mesmas dimensões, marcando a entrada à propriedade. No interior da habitação encontrávamos a sala de entrada ¹³⁵. A cozinha era tida como o espaço mais popular da Casa de uma Quinta de Recreio. No presente caso de estudo encontrava-se no piso térreo, com acesso às restantes zonas da habitação e com uma localização próxima a uma possível entrada secundária.

A Casa Senhorial foi construída por volumes distintos, uma vez que esta sofreu remodelações e reconstruções em diversos períodos ao longo do tempo, contudo a fachada apresenta-se como um único plano dando destaque á entrada principal para a residência do proprietário, uma vez que esta assume-se como predominante em todo o cenário paisagístico. Na fachada está presente um ritmo de eixos horizontais e verticais. A métrica usada na projeção das janelas demonstram, não só a horizontalidade espacial, como evidenciam uma estruturação modular dos espaços.

Numa zona exterior à casa encontramos espaços planeados que se relacionavam, de uma maneira direta, com as atividades agrícolas e produtivas da antiga Quinta. A oeste encontrávamos os jardins, estes situavam-se bastante próximos da residência. Na Quinta estes jardins estavam organizados por patamares paralelos à casa e na área mais inclinada do terreno. Estas zonas elevadas estão interligadas visualmente e espacialmente ao edifício que constitui a casa e permitem o acompanhamento do terreno inclinado. Os muros que sustentam estas plataformas – muros de contenção - permitem que haja uma separação a nível visual entre o terreno e dos próprios planos,

¹³⁴ Esta tipologia surgiu no século XVII em Portugal, vinda de França como *Chateau de Villandry* e foi caracterizada por se orientar ao redor de um pátio em forma de “U” aberto ou fechado por muros.

¹³⁵ Esta era uma expressão da classe social e económica do proprietário, pretendia ser um espaço de entrada ou de receção e não uma área de estar. A passagem de divisões era feita diretamente, sendo o conceito de corredor praticamente inexistente até ao século XVIII. As salas era ligadas através de portas colocadas no mesmo eixo de enfiamento, que se encontravam constantemente abertas, de jeito teatral. Segundo o autor Amílcar Gil Pires, na sua obra *A Quinta de Recreio em Portugal*, as chamadas salas de jantar eram sítios destinados apenas para o ato da refeição, em meados do século XVIII.

assegurando a intimidade dos seus habitantes ¹³⁶¹. A comunicação entre os diversos patamares é feita através de escadas.

A horta e/ou pomar era um elemento fundamental, na medida em que garantia a produção agrícola (hortícola e frutícola), constituindo o seu suporte económico. Deste modo, na sua maioria, ocuparia as cotas altimétricas entre o edifício e a zona mais baixa do terreno, localizando-se sobretudo em encostas suaves, junto à Ribeira da Abóboda, para que as zonas de cultivo beneficiassem de boas condições de exposição solar e disponibilidade de água. Neste contexto, o desenvolvimento das zonas de horta e pomares ocorreriam em socalcos, uma vez que facilita o acesso, cultivo e colheita dos respetivos produtos, podendo estabelecer-se uma relação com o jardim formal através de áleas e caramanchões. Nesta antiga área de cultivo, encontramos ainda uma nora, um aqueduto, um aeromotor e uma antiga pedreira. Esta pedreira, muito importante para a produção de mármore vermelhos na época, forneceu os mármore para a construção da capela da Quinta de Manique e para a capela-mor da Igreja da Nossa Senhora da Graça em Lisboa.



[fig.73] Quinta da Torre d’Aguilha, São Domingos de Rana, Cascais. Fachada poente, organização das hortas em patamares e nora.

[fig.74] Quinta da Torre d’Aguilha, São Domingos de Rana, Cascais. Hortas situadas num dos patamares da Quinta.

A água é um elemento que aparece em todos os nossos jardins e, nunca a deixamos de aproveitar com o maior cuidado, o que se traduz em soluções hídricas que são relevantes, não só pela sua disposição e ornamentação, mas também pelo aproveitamento da água para a rega.

A norte, adjacente à área destinada à plantação das hortas e pomares, temos então o bosque ou mata, que se designa como espaço autónomo da quinta. Ocupando uma área com

¹³⁶¹ Pires, Amílcar Gil. Prova de aptidão pedagógica e capacidade científica - *A Quinta o lugar, o território*. p. 85.

pouca intervenção humana, a sua vegetação é composta por árvores e arbustos, colocados de uma forma natural e situados numa zona com um declive acentuado.

A Quinta da Torre d'Aguilha tem um valor paisagístico particular dado a forte presença da ribeira. O seu valor é ainda acrescentado com um legado histórico marcante que nos transporta até ao século XVI, com a presença de uma horta dedicada à agricultura de recreio e de produção de cereais, assim como uma mata. Visto que se encontra atualmente em estado de ruína uma intervenção correta e autêntica passa por uma pesquisa rigorosa e adequada.

Capítulo | 6 |

PROJETO

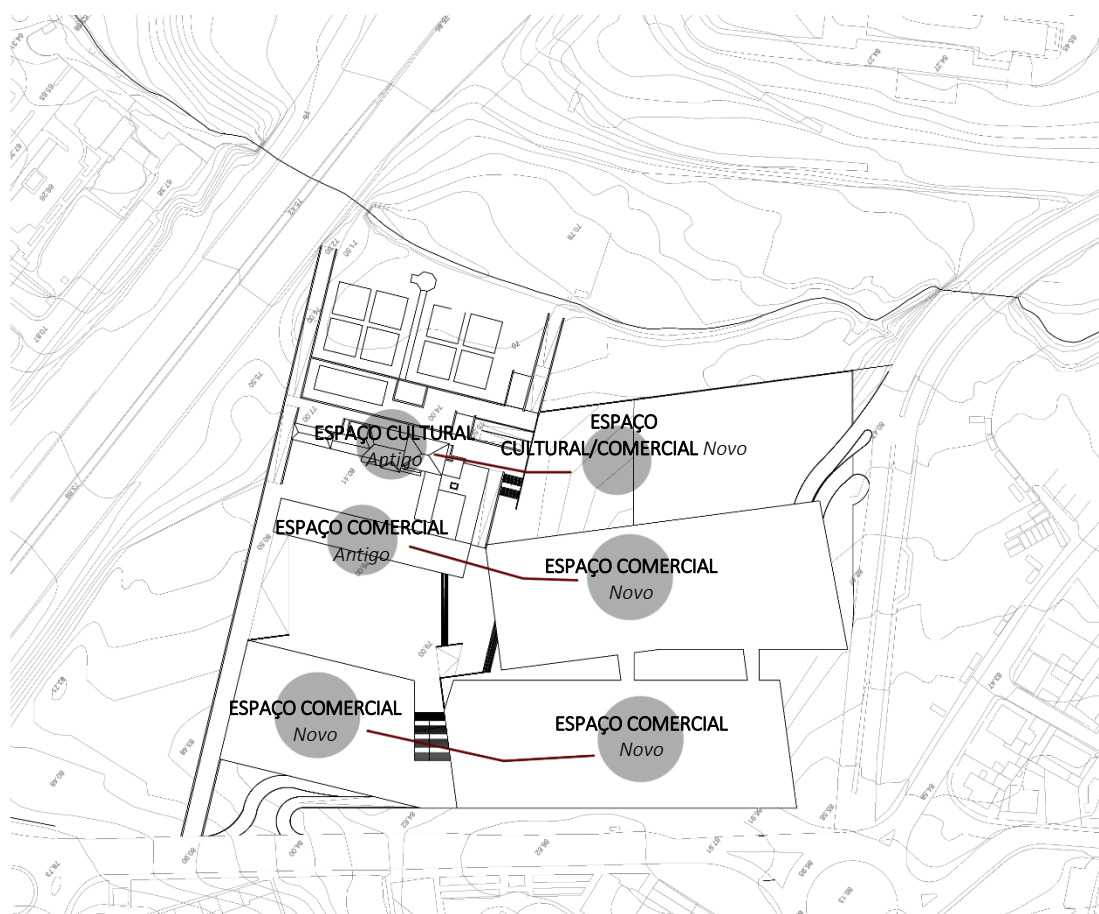
6.1 | CONCEITO

Neste caso de São Domingos de Rana, conselho de Cascais, a importância do património para a memória de um passado e o estado de destruição desta Quinta levaram à decisão de elaborar um projeto de reabilitação. Por reabilitação entende-se atualizar o edifício para funções, práticas e usos atuais, numa reinvenção das origens destas Quintas.

Nesse contexto, a propôs-se projetar algo assente sobre o passado de uma Quinta de Recreio, com um valor cultural e histórico que autenticam a valorização do lugar, sendo a Casa Senhorial o motor de desenvolvimento do projeto. Paralelamente, o território que em outros tempos foi fortemente marcado por uma paisagem rural, com campos de cultivo, pomares e zonas recreativas foi, também, outro fator a levar em conta na evolução do projeto.

Assim, tendo como base uma quinta de recreio que apenas sobreviverá através de um programa para novos usos, a ideia conceptual surge num diálogo entre uma antiga quinta de recreio reconstruída e uma nova centralidade criada, através de um complexo ligado à cultura e comércio, que tem por base o território em que insere, assim como, a herança deixada por uma Quinta e Casa Senhorial.

Através do conjunto com funções comerciais, criou-se o conceito de Centro Comercial enquanto “cidade”, um complexo comercial que se assemelha a uma cidade, num desenho de ruas que irão convergir numa praça ou praças, criando centros de convívio e permanência.



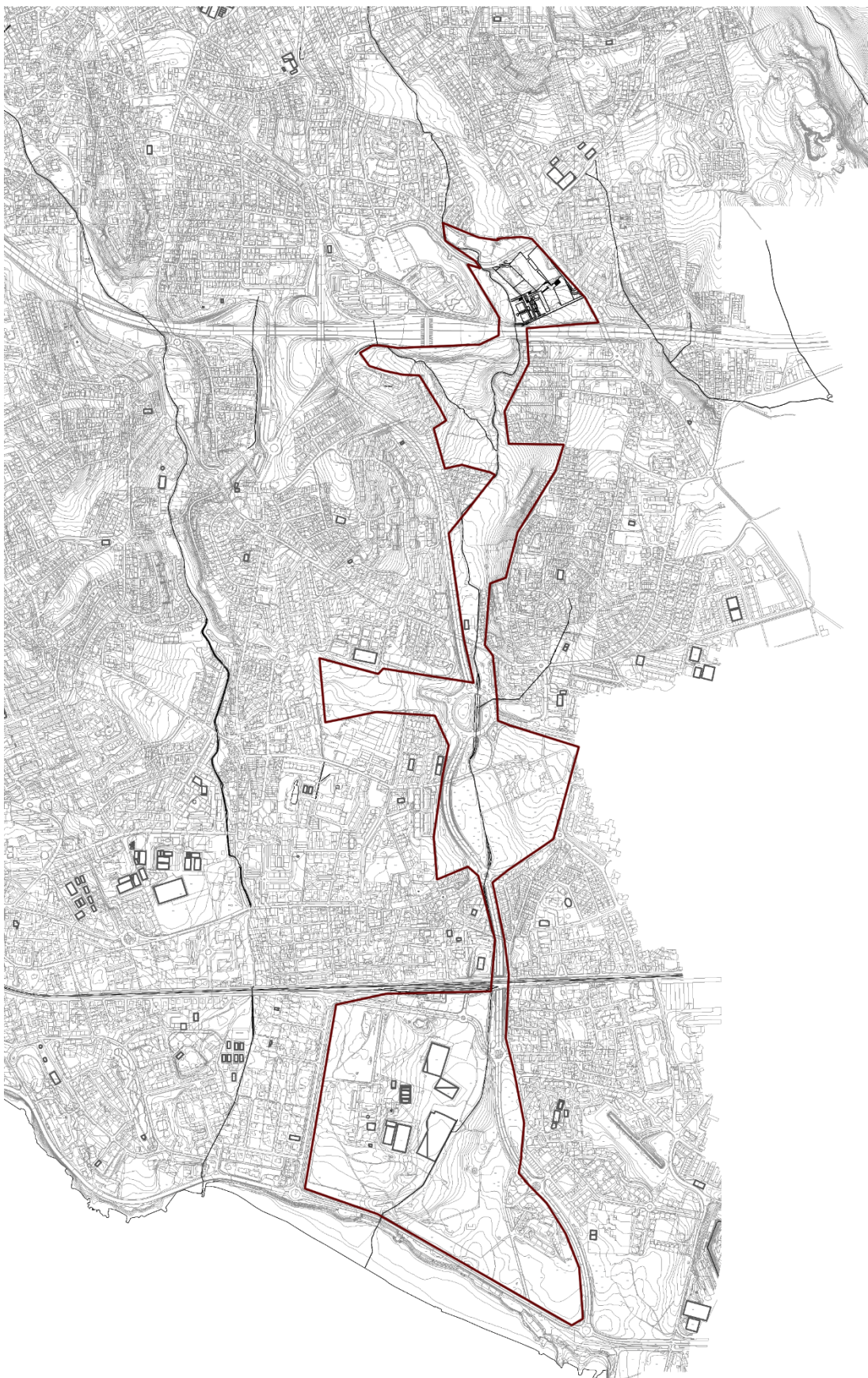
[fig.75] Proposta esquemática de organização do programa.

6.2 | PROGRAMA

Numa área com uma vasta extensão e rodeada por vias, nós de ligação e eixos viários, tornou-se perceptível que a Quinta da Torre d’Aguilha constituía um excelente ponto de encontro entre pessoas e assim, faria todo o sentido a criação de um novo polo que viria a criar esse mesmo encontro, determinando o potencial deste lugar para, o lazer, comércio e para a cultura.

É neste contexto que numa área debilitada de alguns serviços e comércio e com um edifício de interesse público cada vez mais deserto e degradado, propôs-se um programa para uma nova unidade comercial e cultural. O programa de reabilitação engloba, inicialmente, a área urbana, transformando-a num conjunto de percurso e caminhos ao longo de uma estrutura ecológica, convidativo à prática de desporto, passeios, picnics e que se enquadra nos espaços construídos. Este tipo de estrutura verde contínua garante sustentabilidade paisagística ao projeto. Segue-se, a proposta programática construtiva, que se insere principalmente em dois tipos de programas, o cultural e comercial, e que estão incluídos em ambas as partes - na construção arquitetónica, a pré-existência e o novo construído.

Posto isto, o núcleo cultural, para além de integrar espaços expositivos reveladores de memórias do passado e dinamizadores da cultura, que se enquadrem nos valores de reabilitação do património e da história deste lugar, é composto ainda, por espaços de trabalho e lazer, como salas de estudo, salas para exposições temporárias e periódicas – na pré-existente - e auditórios, que servirão de suporte para as exposições que ocorreram no edifício antigo – edifício novo. No segundo núcleo, o dedicado ao comércio, agrupará áreas de restauração e de compras em simultâneo, estando divididas pelo novo e antigos edifícios.



[fig.76] Área a intervir na proposta urbana, que se encontra ao longo da linha de água existente no lote do projeto - Ribeira da Abóboda.

6.3 | PROPOSTA URBANA

A proposta de reabilitação da Quinta da Torre d’Aguilha consiste em solucionar o problema de uma degradação constante da Casa Senhorial, estabelecer uma relação desta com a envolvente imediata e o território onde se insere. Desta maneira, devido à falta de relação patente entre o pré-existente – território – hipermercado E’Leclerc – englobou-se, para proposta de projeto, todo o lote que está delimitado pela autoestrada, estrada principal do Arneiro e a área arborizada dos Seminários da Torre d’Aguilha e onde por conseguinte o hipermercado está inserido. Propôs-se a destruição parcial do edifício do E’Leclerc e a construção de uma nova unidade comercial, respondendo aos problemas territoriais e que englobará um novo hipermercado, uma adaptação ao E’Leclerc.

A área a intervir é fortemente marcada pelo seu declive acentuado de Norte para Sul, assim como pela presença das estruturas viárias que a envolvem, dando principal atenção à autoestrada A-5, acesso à cidade de Lisboa, autorizando o aparecimento de uma nova centralidade na zona periférica da cidade.

A proposta de intervenção para o território envolvente da Quinta baseia-se num jogo de percursos exteriores que prelongam alguns dos eixos pedonais já presentes indo ao encontro de um novo caminho criado paralelamente à Ribeira da Abóboda, a linha de água que passa no lote de projeto e vai desaguar na praia de Carcavelos, pensado de maneira a englobar um circuito fitness outdoor, numa estratégia de reabilitação de espaços verdes e por conseguinte, na construção de uma estrutura verde ecológica. Esta estrutura baseia-se na conceção de bacias de retenção tendo como objetivo reter e normalizar caudais das águas pluviais evitando assim possíveis alagamentos devido à Ribeira da Abóboda, durante determinados períodos do ano.

A proposta culminará em áreas para contemplação da paisagem, compostas por plataformas – existentes na Casa Senhorial e no novo edificado - a diferentes cotas e ligados por rampas ou escadas, nascendo uma relação entre o homem, natureza e paisagem, assim como o novo e o antigo.

Neste contexto, projetou-se uma ligação subterrânea entre as duas partes que estão separadas pela presença da via rápida.

Com o objetivo de retratar uma cidade, foram criadas “ruas”, “praças” e “quarteirões” dentro da parcela. Desta forma, a “nova rua” é fruto de um rasgão feito ao logo de uma plataforma do novo edificado e que parte da rua do Arneiro e vem paralelamente à rua principal do Arneiro, abrindo se numa nova praça ladeada por outros dois complexos.

A estratégia urbana passa por garantir uma sustentabilidade económica e social, indo ao encontro de uma reestruturação das acessibilidades, de pontos de estar e lazer e das novas vivências geradas.

6.4 | PROPOSTA ARQUITÉTÓNICA

6.4.1 | PRÉ-EXISTÊNCIA: *CULTURA E GALERIAS COMERCIAIS*

A proposta de intervenção para a Casa Senhorial consiste, primeiramente, numa preservação dos elementos ainda existentes, a fachada e alguns componentes estruturais, mantendo assim a memória de um lugar, que fora outrora uma Quinta de Recreio. De seguida, prevê-se a adaptação para um novo uso que forneça uma nova integração e vivências à sociedade contemporânea. Nesse contexto a reconversão da pré-existência num espaço com duplas funções, destinado tanto à cultura como ao comércio, visa atrair a população local e periférica a este lugar, potenciando a criação de uma nova centralidade que estará interligada com o novo construído.

Posto isto, a entrada principal da Casa é mantida como acesso fundamental do complexo cultural sendo visível através da praça criada pelos antigos armazéns agrícolas e o novo espaço de galerias que se encontra paralelo aos mesmos, uma vez que existe um vão de grandes dimensões que permite observar a entrada. Para o efeito, teve que se redesenhar os antigos armazéns, dois conjuntos, passando a haver apenas um grupo cuja fachada selecionada é a que está virada para a fachada principal da Casa e a sua largura está relacionada com a métrica de construção do espaço nobre da mesma.

O antigo espaço nobre é destinado à parte administrativa, assim como a uma sala de chá, refeições, etc, ao mesmo tempo que permite o seu usufruto para leituras, estudos, etc – piso 0, 1 e 2. Nos antigos pisos -2 e -1 da casa senhorial, decidiu-se agrupá-los num único piso, obtendo-se um pé direito generoso para a ocorrência de exposições; uma de carácter permanente, que propõe albergar uma exposição sobre a história da Quinta, assim como do lugar, havendo uma breve menção sobre o património arqueológico da idade do bronze que aqui se encontrava, tendo sido destruído pela construção da autoestrada; e outra mais temporárias. Nos restantes espaços do piso

0, onde se situava a cozinha - que contem a chaminé – armazéns e arrumos, os elementos são mantidos e usados para o mesmo efeito, sendo que uma parte dos arrumos foram transformados em casa de banho para clientes. A própria área expositiva contém casas de banho para os visitantes e algumas áreas de apoio.

Por fim, os armazéns, sofreram algumas alterações, obtendo um pé direito generoso. Do antigo complexo manteve-se apenas uma das fachadas, como foi referido e propôs-se, desta forma, uma área comercial localizada no mesmo eixo do núcleo comercial novo. Esta nova ala virada para a nova praça criada, permite a ligação às duas praças – a nova e o terreiro da Casa Senhorial – a partir da abertura do vão que o antigo alçado continha, desenhando assim um novo caminho.

No mesmo momento, é necessária uma reestruturação dos seus acessos e da sua envolvência, assim, criou-se uma ligação da área de exposição para o patamar da sua mesma cota e onde se encontra parte do jardim formal da antiga Quinta (cota 74.00). Nesse mesmo patamar manteve-se o antigo lago e a respetiva nora e criou-se acessos para os diversos patamares que compõem esta Casa Senhorial.

Devido ao estado de destruição em que a casa se encontrava será necessário toda uma restauração, reavaliação estrutural, vãos.



[fig.77] e [fig.78] Proposta esquemática de organização do programa da Casa Senhorial – pré-existência.

Legenda: A. Espaço Cultural; B. Espaço Comercial – Galerias Comerciais; C. Área de Restauração; D. Armazéns/Arrumos; E. Administração. ■ Acessos e I.S ■ Espaço Público ■ Zona de Serviços



[fig.79] e [fig.80] Proposta esquemática de organização do programa da Casa Senhorial – pré-existência.

Legenda: A. Espaço Cultural; B. Espaço Comercial – Galerias Comerciais; C. Área de Restauração; D. Armazéns/Arrumos; E. Administração. ■ Acessos e I.S ■ Espaço Público ■ Zona de Serviços

6.5.2| O NOVO CONSTRUÍDO: GALERIAS COMERCIAIS, RESTAURAÇÃO E AUDITÓRIOS

O projeto para uma nova unidade comercial que agrupa uma área destinada à restauração e a auditórios de apoio à cultura e que se situa no local do antigo hipermercado E’Leclerc, surge como forma de reestruturação da envolvente da Quinta da Torre d’Aguilha dando – lhe uma nova vivacidade, conferindo-lhe uma procura mais atrativa e diversificada. Posto isto, é nesta lógica que se propõe um programa para o desenvolvimento de novo espaço dedicado ao comércio, serviços e cultura, habitando num novo edifício que outrora era um hipermercado, adquirindo um carácter mais semienterrado e constituído por patamares.

A intervenção proposta foi dividida em dois núcleos de maneira a englobar e clarificar todo o programa. O primeiro núcleo integra os espaços ditos como “galerias” comerciais e área de restauração, situados no piso 0 e cuja cobertura se encontra nivelada com a rua. Estas galerias e áreas de restauração estão fortemente relacionadas com o novo percurso criado, um rasgão inserido na cobertura que vem acolher luminosidade para a galeria, possibilitando o diálogo entre as lojas e espaço público. As galerias são sustentadas por zonas com um carácter de acesso mais limitados, acessos de serviços, armazéns de loja, espaços técnicos e casa de banho de serviço, enquanto a área da restauração, que engloba um total de quatro restaurantes, contém ainda,

balneários de serviço, cozinhas com respetiva zona de despensa e lixos. Tanto as galerias como os restaurantes possuem casas-de-banho reservadas ao público.

No piso -1, em toda a área nos dois núcleos acima descritos, encontramos um novo hipermercado que veio substituir o antigo E'Leclerc, completada por uma parte dedicada a cargas e descargas e armazéns que servem de apoio ao hipermercado, assim como uma pequena área para os funcionários. Paralelo a este, encontramos o estacionamento, ligado diretamente a este novo comércio de alimentos.

Numa segunda unidade, que apenas é constituído pelo piso -1 e se encontra tangente ao hipermercado, temos os auditórios; três salas destinadas a palestras, seminários, visualização de filmes ou documentários e que vêm suportar e completar as exposições ocorridas no piso -1 (engloba o piso -2 e -1 da antiga casa). Os auditórios em plano inclinado, obedecendo à tipologia do terreno, foram pensados segundo uma relação com a paisagem, para o qual foram abertos grandes vãos, dois ao fundo do palco /ecrã e outro ao longo da fila de assentos, que se enquadram com a vista às áreas verdes. Estes novos auditórios contém, uma bilheteira, foyer, arrumos, espaços técnicos e ainda, uma área de restauração, com comida leve e que servirá as áreas expositivas da antiga casa senhorial.

Em termos concepcionais, a forma, assim como toda a organização espacial do novo construído, surgiram através do cruzamento de três malhas de orientações distintas e constituídas por uma quadrícula de doze por doze metros.

Em síntese, toda a estratégia organizacional no programa vem ao encontro da linguagem de uma Quinta de Recreio, a organização em patamares, a ligação à paisagem, mas ainda numa forma de clarificar a envolvente à Casa Senhorial, tornando-a mais apetecível e indo ao encontro dos gostos do público.



[fig.81] e [fig.82] Proposta esquemática de organização do programa do Espaço Cultural e Comercial - novo construído.

Legenda: A. Espaço Cultural; B. Espaço Comercial – Galerias Comerciais; C. Área de Restauração; D. Armazéns/Arrumos; E. Administração; F. Estacionamento. ■ Acessos e I.S. ■ Espaço Público ■ Zona de Serviços

Capítulo | 7 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Quintas de Recreio são hoje um importante objeto de representação em termos históricos de uma sociedade identitária e uma memória de vivências coletivas. Apesar de se encontrarem localizadas, inicialmente nas periferias, com o crescimento das cidades, passaram a integrar o tecido urbano destas, paralelamente com a evolução da sociedade, o estilo de vida de uma época e que englobava estas Casas ou Quintas, deixa de ser entendido, levando à sua própria destruição.

Uma vez que as suas funções originais perderam a sua importância nos dias de hoje, a sua figura, peso cultural e relevância no território, potenciam a transformação para novas práticas que se integram nas cidades atuais e que promovem, de acordo com os programas, novas centralidades nas próprias cidades. Posto isto, a reabilitação e posteriormente, a reconversão da Quinta da Torre d’Aguilha como “Espaço Comercial e Cultural” seria o projeto ideal para dinamizar e transformar, o antigo num “ novo” polo de atração para a população, valorizando a pré-existência e tornando-a a contextualizada no território.

A intervenção na Quinta da Torre d’Aguilha, uma Quinta de Recreio datada do século XVI, surge como uma reestruturação do lugar que se transforma em espaços de convívio, contemplação e para a prática de atividades comerciais e culturais e desportivas no mesmo momento em que o concelho de Cascais vem ao encontro do seu património para desenvolver atividades do ramo cultural, comercial e turístico. Traduzida, numa maneira de trazer a população àquele local, viemos dar a conhecer a história e relevância que as quintas de recreio, em especial a da Torre d’Aguilha, tiveram no ordenamento do território.

Nesse sentido, através de uma intenção de entender a imagem forte e contrastante na paisagem, em parte devido ao seu carácter, tentou manter-se a linguagem construtiva e simbólica da antiga casa senhorial da Quinta da Torre d’Aguilha de uma conotação nobre e emblemática, contudo de menor valores comparativamente a outras quintas de recreio, apresentando a intervenção numa forma subtil e ténue. Esta vem constituir um prolongamento da nova existência comercial, criando um conjunto arquitetónico dedicado ao comércio e cultura e por conseguinte,

requalificar todo o espaço urbano ao seu redor, numa interpretação de cidade, onde a “rua” se encontra com a “praça” e se cruzam caminhos com espaços de convívio.

Assim sendo, toda a pesquisa e análise realizada e apresentada, como o desenvolvimento da proposta urbana e arquitetônica, vão ao encontro de um futuro que se liga ao passado. O novo funde-se com o antigo e com a terra, permitindo a contemplação da pré-existência e a centralidade restituindo a este lugar, uma nova vida, atraindo diversas faixas etárias, novas formas de viver, bem como a população ao redor e exterior a este ponto da cidade.

Capítulo | 8 |

FONTES DOCUMENTAIS

| QUINTAS DE RECREIO |

ACKERMAN, James S

The villa: form and ideology of country houses. The A.W. Mellon lectures in the fine arts 1985. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1990.

AZEVEDO, Carlos

Solares portuguesas, Introdução ao estudo da casa nobre. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.

CALDAS, João

A casa rural dos arredores de Lisboa no século XVIII. Porto: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto, 1999.

CANCELA, Jorge

A agricultura urbana na operacionalização da estrutura ecológica municipal: o estudo de caso do parque agrícola da alta de lisboa, tese de doutoramento em urbanismo, elaborada para a obtenção do grau de doutor, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Abril 2014.

CARAPINHA, Aurora da Conceição

Da essência do jardim português, tese de Doutoramento no Ramo das Artes e Técnicas da Paisagem: Universidade de Évora, 1995.

DIAS, Isabel

Jardim: Retorta de Alquimista. Philosophica, nº 32. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2008, pg. 69-76.

E SILVA, Gastão de Brito

Portugal em ruínas. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014.

FELICIANO, Ana Marta; LEITE, António

A casa senhorial como matriz da territorialidade: a região de Torres Vedras entre o tempo medieval e o final do Antigo Regime. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2015.

HAUPT, Albrecht

A arquitetura do renascimento em Portugal, Do tempo de D.Manuel, o Venturoso, até ao fim do domínio espanhol. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

LEITE, António

A casa romântica: uma matriz para a contemporaneidade. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.

LÉVY, Jean-Philippe

História da propriedade, Coleção praxis nº 21. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

MESQUITA, Marieta Dá

História da arquitectura, Uma proposta de onvestigação – O Palácio dos Marqueses de Fronteira como situação exemplar da arquitectura residencial erudita em Portugal, tese de Doutoramento em História da Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1992.

MILLON, Henry

Italian renaissance architecture from brunelleschi to Michelangelo. London: Thames and Hudson, 1994.

MONTEIRO, Nuno; MATTOSO, José

A idade moderna. História da vida privada em Portugal, direcção de José Mattoso ; 2. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2011.

PEREIRA, António

Para uma terminologia da disciplina de protecção do Património Construído, Jornal dos Arquitectos, nº 213, Nov/Dez 2003.

PERREIRA, Paulo

Arte Portuguesa – História Essencial. Maia: Círculo de Leitores, 2014.

PIRES, Amílcar Gil

Vilegiatura e lugar na arquitetura portuguesa, tese de doutoramento no ramo de Arquitetura, especialidade Arquitetura, volume I. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, fevereiro de 2008.

PIRES, Amílcar Gil

Vilegiatura e lugar na arquitetura portuguesa, tese de doutoramento no ramo de Arquitetura, Especialidade Arquitetura, volume II. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, fevereiro de 2008.

PIRES, Amílcar Gil

A villa renascentista: arquitetura, jardins, e paisagem: visão pluridisciplinar dos espaços e vivências da quinta de recreio de concepção renascentista. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016.

PIRES, Amílcar Gil

A Quinta de Recreio em Portugal: vilegiatura, lugar e arquitectura. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012.

PIRES, Amílcar Gil

Arquitetura e lugar da Quinta de Recreio de concepção renascentista em azeitão. In: Actas do 3º Congresso Internacional – Casa Nobre, Um Património para o Futuro, Edição do Município de Arcos-de-Valdevez, setembro 2013, pg. 671-687.

PIRES, Amílcar Gil

O lugar da villa renascentista na arquitectura portuguesa, Investigação por um património sustentável. In: Uma Utopia Sustentável: Arquitectura e Urbanismo no Espaço Lusófono: Que Futuro?, ed. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, pg. 252-259.

STEENBERGEN, Clemens

Architecture and Landscape: The Design Experiment of the Great European Gardens and Landscapes. Hardcover, 2003.

| NOVOS POLOS DE CENTRALIDADE |

DOMINGUES, Álvaro; MARQUES, Teresa; JORGE, Filipe

Cidade e democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal = Ciudad y democracia: 30 años de transformación urbana en Portugal, Fundação da Juventude; Ordem dos Arquitectos (Portugal). 1a. ed. Lisboa: Argumentum, 2006.

HOUAISS, António

Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Lisboa: Temas & Debates, 2003.

LACOSTE, Yves

Dicionário de geografia: da geopolítica às paisagens. Dicionários Teorema. Lisboa: Teorema, 2005.

SALGUEIRO, Teresa Barata

A cidade em Portugal: uma geografia urbana. Cidade em questão 8. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

SALGUEIRO, Teresa Barata; CACHINHO, Herculano; TEIXEIRA, José Afonso

Do comércio à distribuição: roteiro de uma mudança. Oeiras: Celta, 1996.

SALGUEIRO, Teresa Barata.

Lisboa, periferia e centralidades. Oeiras: Celta, 2001.

| QUINTA DA TORRE D'AGUILHA |

CEREJO, José

Torre da Aguilha escapa à demolição, Jornal Público, Mai 1995.

DE ANDRADE, Guilherme Rebello

Tôrre da Guilha, A Casa Portuguesa - Ilustração, nº 4, Abr 1926, p.20.

ENCARNAÇÃO, José

Jornal Regional, Cantinhos da Região, Out 2000, p.13.

HENRIQUES, João

Cascais, 605 anos de História: 650 anos Vila de Cascais 1364-2014, Câmara Municipal de Cascais Departamento de Inovação e Comunicação Gabinete de Arquivos Municipais Divisão de Marca e Comunicação. Cascais: Câmara Municipal, 2014.

TEIXEIRA, Carlos; CARDOSO, Guilherme; MIRANDA, Jorge

Registo fotográfico da Freguesia S. Domingos de Rana e alguns apontamentos históricos-administrativos, Junta de Freguesia São Domingos de Rana, Maio 2003.

| WEBGRAFIA |

AFACONSULT

Passeio Clérigos, Porto. Consultado a: 22 – 03 – 2018.

Disponível em: <http://www.afaconsult.com/portfolio/268611/92/passeio-dos-clerigos-porto>

AMASSCOOK

Old Markes of Porto – those you can't visit: Mercado do Anjo. Consultado a: 23 – 03 – 2018.

Disponível em: <https://www.amasscook.com/antigos-mercados-do-porto/#1463484121125-e8495b26-12c0>

ARCHDAILY

Forúm Sintra / ARX. Consultado a: 01 - 03 - 2018.

Disponível em: <https://www.archdaily.com/543993/forum-sintra-arx>

ARCHQUISITION

Praça de Lisboa/ Passeio dos Clérigos. Consultado a: 22 – 03 – 2018.

Disponível em: <http://archquisition.blogspot.pt/2014/02/praca-de-lisboapasseio-dos-clerigos.html>

ARX

Forum Sintra. Consultado a: 01 - 03 - 2018.

Disponível em: <https://arx.pt/projecto/forum-sintra/>

BACALHOA

Bacalhoa, Vinhos de Portugal. Consultado a: 2 – 02 – 2018.

Disponível em: < <http://www.bacalhoa.com/> >

BRITO, Paula

Embaixada é o novo espaço comercial em Lisboa (atualizada). Consultado a: 6 – 07 – 2018.

Disponível em: <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/embaixada-e-o-novo-espaco-comercial-em-lisboa-atualizada/>

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Palácio Sotto Mayor. Consultado a: 20 – 02 – 2018.

Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/palacio-sotto-mayor>

CARVALHO, Patrícia

Já nos podemos sentar sob as oliveiras no Porto. Consultado a: 22 – 03 – 2018.

Disponível em : <https://www.publico.pt/2013/11/15/local/noticia/no-porto-ja-e-possivel-sentarse-debaixo-das-oliveiras-1612665>

EASTBANC

Palacete Ribeiro da Cunha. Consultado a: 6 – 07 – 2018.

Disponível em: <http://www.eastbanc.pt/palace.php?pid=4>

EMBAIXADA: Galeria comercial portuguesa

Sobre a Embaixada. Consultado a: 6 – 07 – 2018.

Disponível em: <https://www.embaixadalx.pt/home-pt>

JUNTA DE FREGUESIA DE SÃO DOMINGOS DE RANA

Património: Quinta da Torre d'Aguilha. Consultado a: 10 – 10 – 2017.

Disponível em: <http://www.jf-sdrana.pt/freguesia/patrimonio/Quinta-da-Torre-d039Aguilha/121/>.

LISBOA DE ANTIGAMENTE

Palácio Sotto Mayor. Consultado a: 20 – 02 – 2018.

Disponível em: <http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2018/03/palacio-sotto-mayor.html>

LISBONLUX

Embaixada. Consultado a: 6 – 07 – 2018.

<https://www.lisbonlux.com/lisbon-shops/embaixada-palacete-ribeiro-da-cunha.html>

LOBO, Renata Lima

Abriu um cowork no Palácio Sotto Mayor. Consultado a: 20 – 02 – 2018.

Disponível em: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/blog/abriu-um-cowork-no-palacio-sotto-mayor-091317>

LUSA

Praça pública com oliveiras centenárias, nova rua e galeria comercial abrem em setembro no Porto. Consultado a: 22 – 03 - 2018

Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/economia/praca-publica-com-oliveiras-centenarias-nova-rua-e-galeria-comercial-abrem-em-setembro-no-porto_n558566

PAIXÃO POR LISBOA

O Palácio SottoMayor. Consultado a: 20 – 02 – 2018.

Disponível em: <https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/o-palacio-sottomayor-43379>

SANTOS, Marge

A Galeria Vittorino Emanuele. Consultado a: 12 – 07 – 2018.

Disponível em: <http://www.milaonasmaos.it/a-galeria-vittorio-emanuele-milao/>

WIKIPEDIA

Galleria Vittorino Emanuele II. Consultado a: 12 – 07 – 2018.

Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Galleria_Vittorio_Emanuele_II

Capítulo | 9 |

ANEXOS

| ÍNDICE |

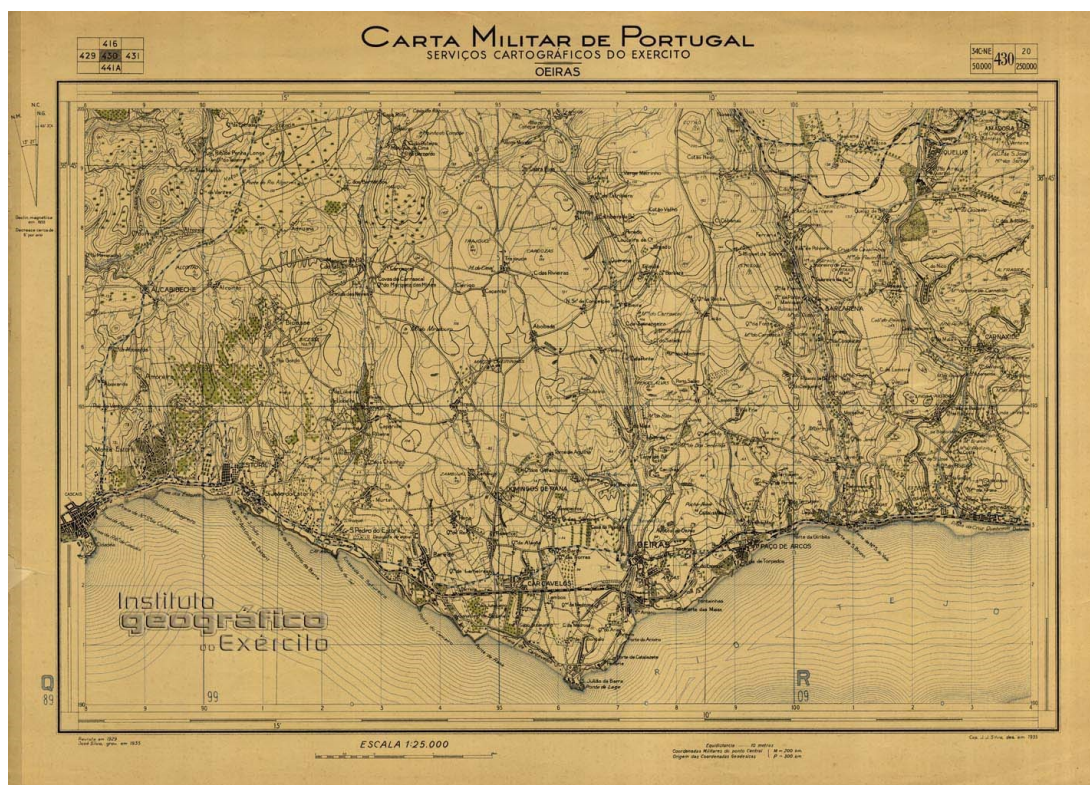
| | |
|---|------------|
| ANEXOS 1 LEVANTAMENTO DO LUGAR | 105 |
| 1.1 CARTOGRAFIA HISTÓRICA | 105 |
| 1.2 NOTÍCIAS DA QUINTA DA TORRE D’AGUILHA | 111 |
| 1.3 FOTOGRAFIAS AÉREAS DE SÃO DOMINGOS DE RANA | 115 |
| 1.4 FOTOGRAFIAS DA QUINTA DA TORRE D’AGUILHA | 116 |
| | |
| ANEXOS 2 PROJETOS DE REFERÊNCIA | 121 |
| | |
| ANEXOS 3 PROCESSO DE TRABALHO | 127 |
| 3.1 ESQUISSOS E DESENHOS | 127 |
| 3.2 MAQUETES DE ESTUDO | 128 |
| | |
| ANEXOS 4 PEÇAS DESENHADAS | 131 |

ANEXOS | 1 | LEVANTAMENTO DO LUGAR

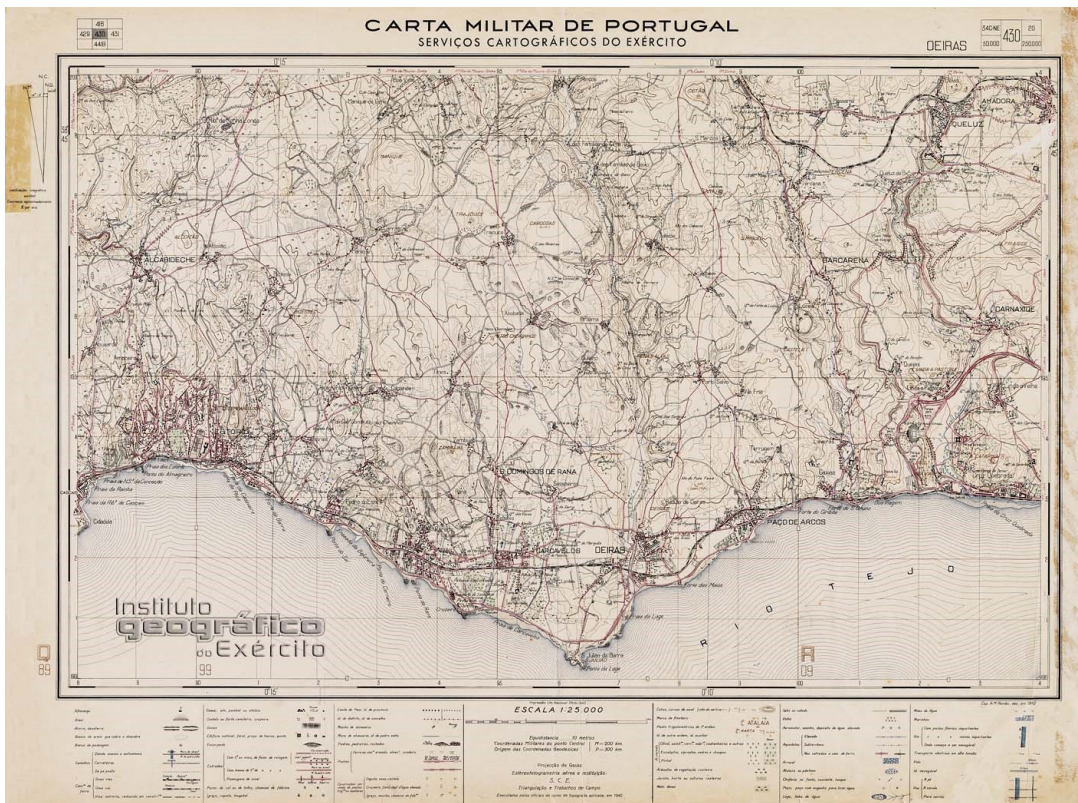
1.1 | CARTOGRAFIA HISTÓRICA



|fig.1| 1843 – 1846, José Carlos Conrado de Chelmicki e Augusto Cesar de Sousa Teles e Morais - Carta dos Arredores de Lisboa, Folha 2, Oeiras-Cascais. In Arquivo Municipal de Oeiras.



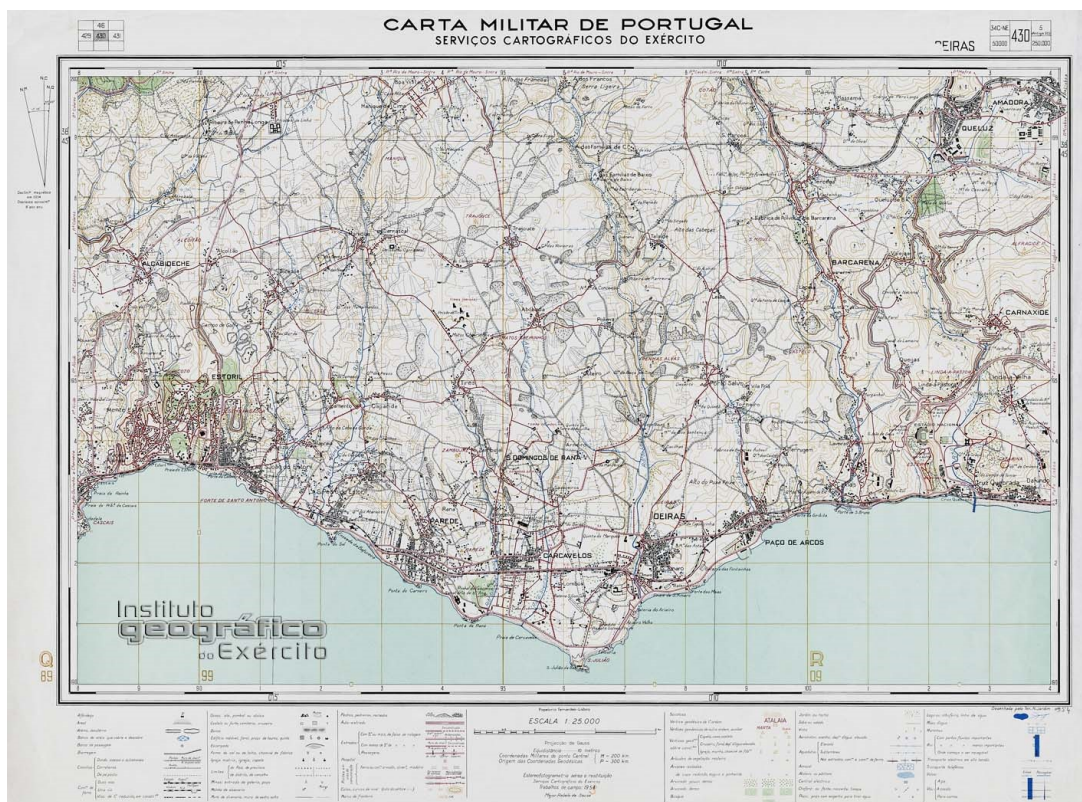
|fig.2| 1935, autor desconhecido - Carta Militar de Portugal, Oeiras – Cascais. In Instituto geográfico do exército.



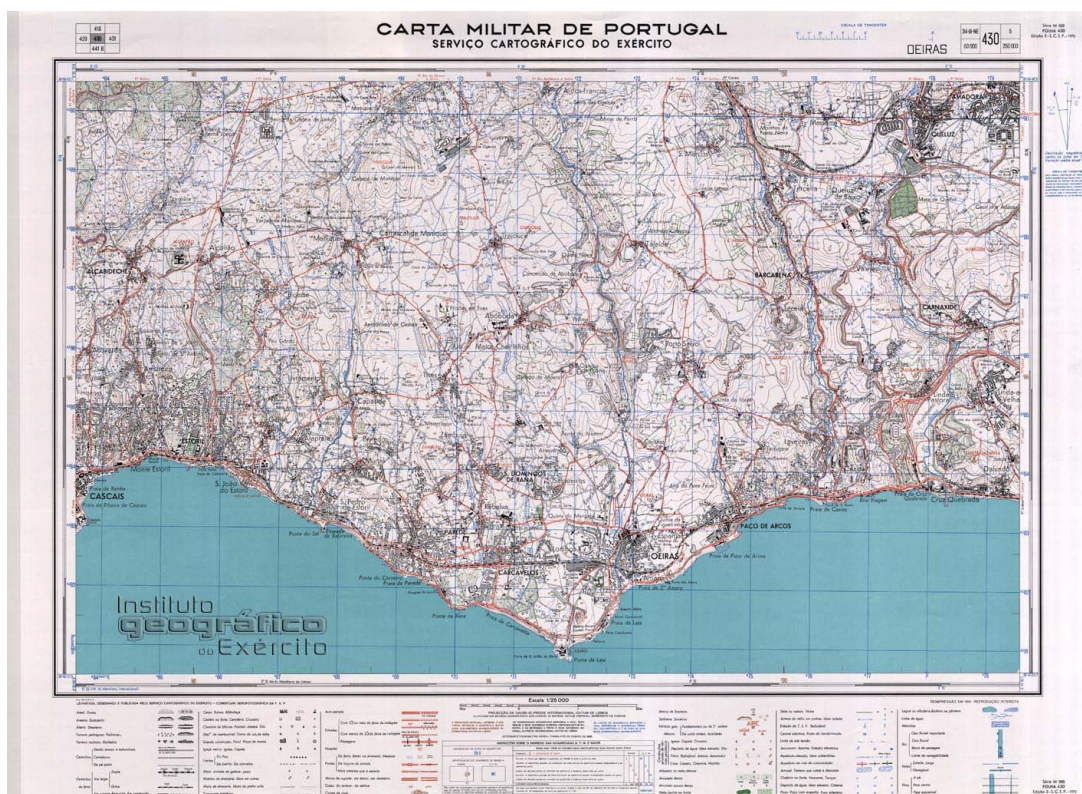
[fig.3] 1942, autor desconhecido - Carta Militar de Portugal, Oeiras – Cascais. In Instituto geográfico do exército.



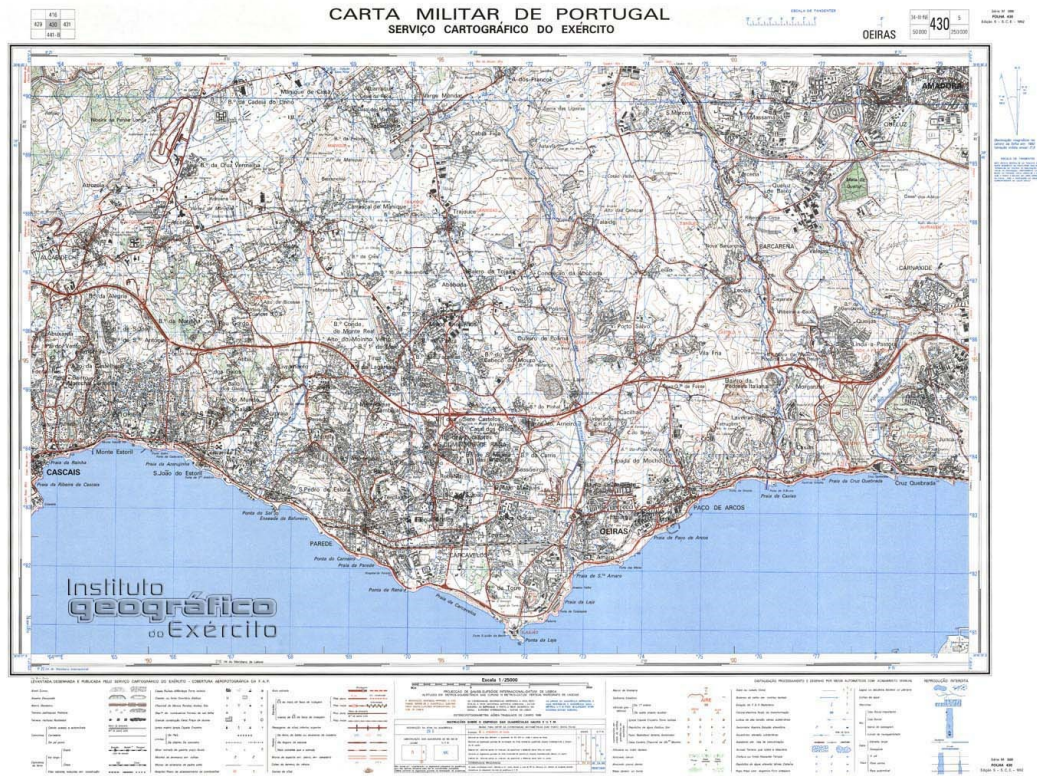
[fig.4] 1948, autor desconhecido - Plano de urbanização: Parede e Carcavelos.



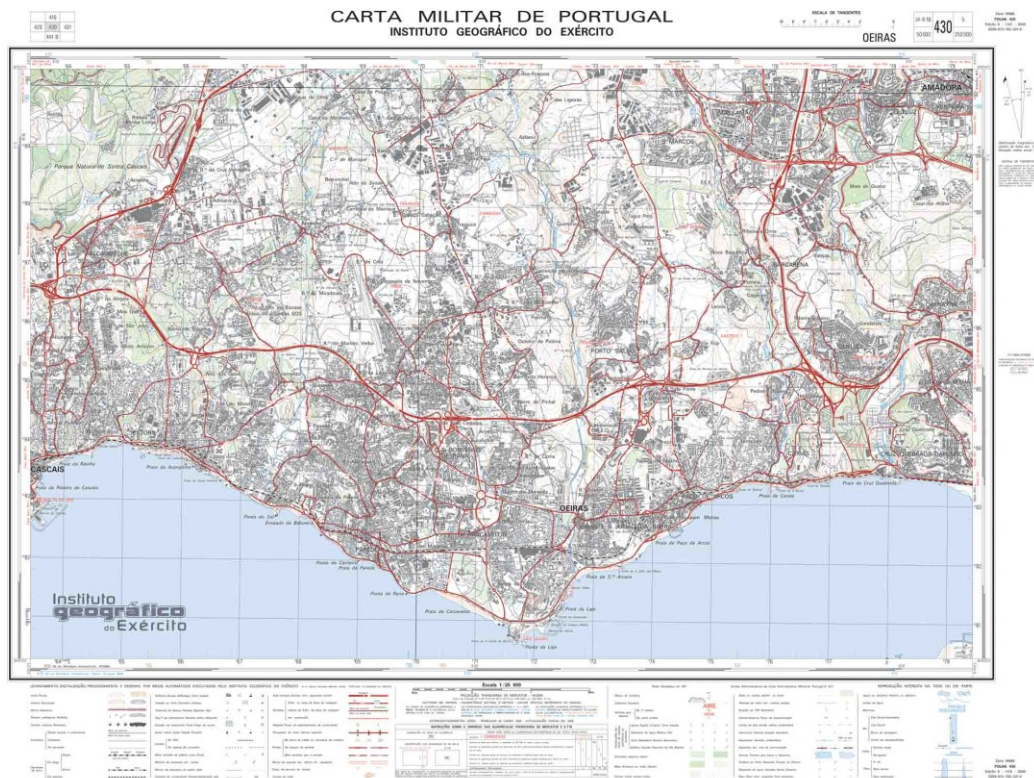
|fig.5| 1954, autor desconhecido - Carta Militar de Portugal, Oeiras – Cascais. In Instituto geográfico do exército.



|fig.6| 1970, autor desconhecido - Carta Militar de Portugal, Oeiras – Cascais. In Instituto geográfico do exército.



[fig.7] 1992, autor desconhecido - Carta Militar de Portugal, Oeiras – Cascais. In Instituto geográfico do exército.

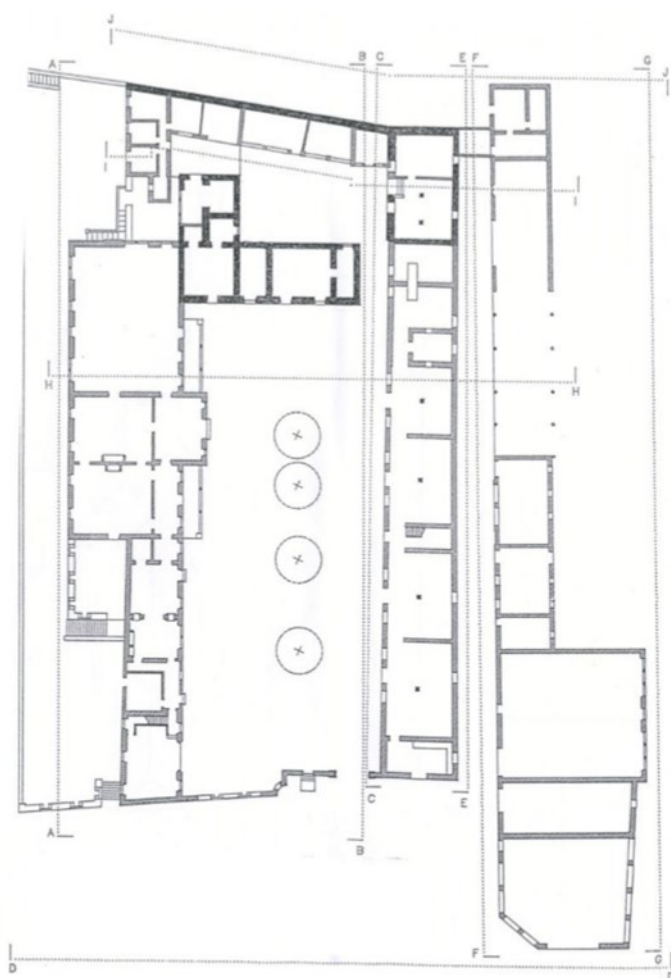


[fig.8] 2009, autor desconhecido - Carta Militar de Portugal, Oeiras – Cascais. In Instituto geográfico do exército.



[fig.9]

Quinta da Torre d'Aguilha, Cadastro Geométrico da Propriedade Rústica. In Direção Geral do Território



[fig.10]

Planta do piso 0 Quinta da Torre d'Aguilha, após alterações do arq. Guilherme Rebello de Andrade.

1.2 | NOTÍCIAS DA QUINTA DA TORRE D'AGUILHA



[fig.11]

Guilherme Rebello De Andrade.
Tôrre da Guilha, A Casa Portuguesa
- Ilustração, nº 4, Abr 1926, p.20.
CAIM 467.



[fig.12]

José d' Encarnaçao, Cantinhos da
Região, Out 2000. P.13. CAIM 469.

Velho palácio poderá ser restaurado para fins turísticos

Torre da Aguilha escapa à demolição

PERO CURIA



Turismo ou habitação de luxo irão preservar a bela quinta

CAIM 468/1

José António Cerejo

A memória da aristocracia rural poderá ser salvaguardada entre Lisboa e Cascais. À beira da auto-estrada e de São Domingos de Rana, a velha Quinta da Torre da Aguilha mantém-se de pé e parece que já ganhou a batalha contra o betão. Valeu-lhe a inoperância de uma Câmara e a mudança de ideias de um proprietário.

A construção de uma unidade turística de alto nível, vocacionada para acolher eventos sociais e reuniões de empresas, é uma das hipóteses em estudo para a recuperação do Palácio da Torre da Aguilha, um importante conjunto arquitectónico rural, situado junto à portagem de Carcavelos, na Auto-Estrada de Cascais. O actual proprietário, que ali pretende construir também um condomínio fechado de luxo, não exclui, contudo, a possibilidade de vir a optar pela transformação do velho palácio num lar para idosos com poses.

Imponente, com as suas mansardas, chaminés e palmeiras, a Quinta da Aguilha sobressai na paisagem, como marca de um outro tempo, rural e senhorial. A estrutura do conjunto, vista de longe, mantém-se quase intacta, com uma zona habitacional à esquerda e com uma vasta área edificada anexa, para apoio à actividade pecuária e agrícola.

Mais de perto, percebe-se

PUBLICO 31-5-95

PUBLICO

que o palácio, remodelado sob a direcção do arquitecto Guilherme Rebelo de Andrade no princípio deste século, se encontra em ruínas e sem tecto. O resto da quinta está igualmente abandonado, desde que, há meia dúzia de anos, foram vendidas as suas vacas, ovelhas e porcos.

Conhecida já no século XVI pelo mármore vermelho que então produzia, a Torre da Aguilha encontrava-se na posse da Condessa de Camaride, quando, no século passado, foi vendida a uma família inglesa. Foram estes proprietários, os Norton, que procederam à reconstrução do antigo palácio, transformando-o num lugar mundano, frequentado pela gente endinheirada de Oeiras e Cascais.

Comprado em 1948 pelos Padres do Espírito Santo, o palácio ainda acolheu durante alguns anos o seminário da congregação, o qual foi transferido em 1967 para novas instalações, entretanto construídas numa outra zona da mesma quinta. A partir daí, o imóvel não voltou a ser habitado em permanência, acabando por ver todo o o recheio e grande parte do seu interior devorados por um incêndio provocado acidentalmente por um dos religiosos.

Comprado para urbanizar

Já em 1983, os imóveis da antiga quinta e 20 dos seus 60 hectares foram comprados por Fernando Costa Santos, um empresário de construção civil interessado em urbanizar a propriedade. Durante alguns anos, o novo proprietário ainda manteve uma intensa actividade agro-pecuária, mas as 50 vacas, 50 vitelos e 300 porcos que então possuía foram vendidos há cinco ou seis anos. "Faltava o pessoal e meu objetivo era construir", reconhece Fernando Costa Santos, admitindo que, nessa altura, "ainda não dava o devido valor" ao aspecto paisagístico e patrimonial da quinta.

Só que a Câmara de Cascais nunca clarificou a sua posição em relação às intenções do industrial e as sucessivas abordagens que este foi fazendo à autarquia nunca surtiram efeito. "A Câmara antiga causou insatisfação a muita gente e a mim também. Queria fazer ali qualquer coisa e eles não atavam nem desatavam", recorda Fernando Santos. Até que, em 1988, o empresário se resolveu a apresentar directamente ao Fundo de Turismo um projecto para construir umas estalagem e um centro de recepções. O projecto foi aprovado, o turismo remeteu-o à Câmara de Cascais e o silêncio voltou a envolvê-lo. "Não me deram resposta nenhuma e o processo acabou por se perder por lá", diz o empresário.

Convençado de que não conseguiria fazer nada, Fernando Santos entrou em negociações com a imobiliária Big Fast, que lhe fez uma proposta quase irrecusável. "Estive quase a fechar negócio com eles, o preço era mais que satisfatório, mas não consegui vender porque gosto muito daquilo".

Valorizada pela abertura da auto-estrada, a hipótese de aproveitamento turístico da quinta voltou, entretanto, aos planos do proprietário. "Estou a discutir com a Câmara o restauro de tudo aquilo que lá está, mantendo a traça do palácio, e as coisas estão a correr bem."

Sem ter uma ideia definitiva quanto ao que poderá surgir na Torre da Aguilha, Fernando Santos está mais inclinado para a transformação do palácio e instalações anexas num conjunto turístico de qualidade, virado para a realização de seminários e encontros de empresas, banquetes e recepções. No empreendimento haveria uma área de hotelaria de apoio aos eventos que ali se realizassem e na parte de trás seria erigido um condomínio fechado de luxo, por forma a garantir a rentabilidade do projecto.

Uma outra alternativa, igualmente compatível com os estudos arquitectónicos em curso, permitiria a transformação do palácio numa casa de repouso de grande qualidade, para idosos, com cerca de 200 quartos. Esta solução, que implicaria a construção de novos edifícios nas traseiras e inviabilizaria o condomínio, está ainda em análise, mas não entusiasma o promotor. "A gestão de uma unidade desse tipo levanta muitos problemas, pelo que estão a ser feitos estudos adicionais", adianta Fernando Santos.

Com uma solução ou com outra, o proprietário está agora convencido de que a Torre da Aguilha vai ser preservada. "A Câmara quer ver aquilo restaurado e eu não vejo razão nenhuma para não o fazer. Se tudo correr bem, espero que já lá haja obras daqui por dois anos."

NOCHES DE COLOMBIA

GASTRONOMIA E MÚSICA

31 Maio / 3 Junho

Sheraton Lisboa HOTEL & TOWERS

COM O APOIO DA EMBAXADA DA COLOMBIA

solférias

VIA

GOLDEN BEER


Preço por pessoa: Esc. 4.500,00 Reservas: 57 57 57

PUBLICO

CAIM 468/2

[fig.13] e [fig.14] José Cerejo. Torre da Aguilha escapa à demolição, Jornal Público, Mai 1995. CAIM 468/1, CAIM 468/2.

DAS ANTIGAS QUINTAS DE RECREIO AOS NOVOS POLOS DE CENTRALIDADE
Reabilitação da Quinta da Torre d'Aguilha como Espaço Cultural e Comercial

|  | | 19-11-2007 C M Cascais Maria José Almeida | | | | | | | | | | | | |
|---|--|---|-----------------|----------------|---|-----------------------------|--|--------------|-----------|--|---|--|------------|---|
| Inventário : Imóveis | | | | | | | | | | | | | | |
| Nº imóvel Tipo imóvel Designação Descrição C.N. Sítio | 4090 Património arqueológico Torre da Aguilha A identificação deste sítio arqueológico baseia-se na recolha à superfície de materiais arqueológicos (fragmentos de cerâmica carenada e lascas de sílex), no âmbito da Carta Arqueológica do Concelho de Cascais. Na publicação desta obra em 1991 refere-se que o sítio se encontra "destruído pela auto-estrada". Trabalhos de prospeção realizados na suposta área de implantação não puderam identificar nenhuns vestígios arqueológicos à superfície. A localização estimada baseia-se na referência a um posto de alta tensão que pode ser identificado em cartografia antiga. | | | | | | | | | | | | | |
| Informação específica | | | | | | | | | | | | | | |
| Cronologia <table border="1"> <thead> <tr> <th>Data inicial</th> <th>Data final</th> <th>Época</th> <th>Data textual</th> <th>Parte descrita</th> <th>Justificação</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td>Proto-história/Idade do Bronze</td> <td></td> <td></td> <td>Cronologia inferida a partir de fontes documentais, baseada na tipologia dos materiais arqueológicos recolhidos à superfície.</td> </tr> </tbody> </table> | | | Data inicial | Data final | Época | Data textual | Parte descrita | Justificação | | | Proto-história/Idade do Bronze | | | Cronologia inferida a partir de fontes documentais, baseada na tipologia dos materiais arqueológicos recolhidos à superfície. |
| Data inicial | Data final | Época | Data textual | Parte descrita | Justificação | | | | | | | | | |
| | | Proto-história/Idade do Bronze | | | Cronologia inferida a partir de fontes documentais, baseada na tipologia dos materiais arqueológicos recolhidos à superfície. | | | | | | | | | |
| Tipologias <table border="1"> <thead> <tr> <th>Tipologia</th> <th>Justificação</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Indeterminada</td> <td></td> </tr> </tbody> </table> | | | Tipologia | Justificação | Indeterminada | | | | | | | | | |
| Tipologia | Justificação | | | | | | | | | | | | | |
| Indeterminada | | | | | | | | | | | | | | |
| Disposições legais <table border="1"> <thead> <tr> <th>Dispos. legal</th> <th>Documento</th> <th>Data</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>PDM/património arqueológico</td> <td>Resolução do Conselho de Ministros 96/97</td> <td>1997-06-19</td> </tr> </tbody> </table> Notas: art.º 63 | | | Dispos. legal | Documento | Data | PDM/património arqueológico | Resolução do Conselho de Ministros 96/97 | 1997-06-19 | | | | | | |
| Dispos. legal | Documento | Data | | | | | | | | | | | | |
| PDM/património arqueológico | Resolução do Conselho de Ministros 96/97 | 1997-06-19 | | | | | | | | | | | | |
| Estados <table border="1"> <thead> <tr> <th>Estado</th> <th>Parte descrita</th> <th>Descrição</th> <th>Cond. especiais</th> <th>Data estado</th> <th>Data revisão</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Destruido</td> <td></td> <td>A destruição do sítio é inferida a partir de fontes documentais; trabalhos de prospeção realizados na suposta área de implantação não puderam identificar nenhuns vestígios arqueológicos à superfície.</td> <td></td> <td>2007-11-09</td> <td></td> </tr> </tbody> </table> | | | Estado | Parte descrita | Descrição | Cond. especiais | Data estado | Data revisão | Destruido | | A destruição do sítio é inferida a partir de fontes documentais; trabalhos de prospeção realizados na suposta área de implantação não puderam identificar nenhuns vestígios arqueológicos à superfície. | | 2007-11-09 | |
| Estado | Parte descrita | Descrição | Cond. especiais | Data estado | Data revisão | | | | | | | | | |
| Destruido | | A destruição do sítio é inferida a partir de fontes documentais; trabalhos de prospeção realizados na suposta área de implantação não puderam identificar nenhuns vestígios arqueológicos à superfície. | | 2007-11-09 | | | | | | | | | | |
| Inventariantes <table border="1"> <thead> <tr> <th>Inventariante</th> <th>Data</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Maria José de Melo Henriques de Almeida</td> <td>2007-11-09</td> </tr> </tbody> </table> | | | Inventariante | Data | Maria José de Melo Henriques de Almeida | 2007-11-09 | | | | | | | | |
| Inventariante | Data | | | | | | | | | | | | | |
| Maria José de Melo Henriques de Almeida | 2007-11-09 | | | | | | | | | | | | | |

| Localizações | | | | | | | | |
|---|---|--------------------------|--|--------------------------|----------|------------------|------------------|-----|
| Local administr. | Topónimo | Morada | Data | C. N. Sítio | Altitude | Longitude | Latitude | UTM |
| Portugal/Lisboa/Cascais/S. Domingos de Rana | Bairro Mata da Torre | | 2007-11-09 | | 71 | 09° 19' 52.68" W | 38° 42' 30.24" N | |
| Notas: WGS84 lat/long degrees Localização estimada a partir de fontes documentais | | | | | | | | |
| Numerações | | | | | | | | |
| Número | Tipo numera. | Data numeração | | | | | | |
| 157 | Publicação | 1991-00-00 | | | | | | |
| Notas: p.83 | | | | | | | | |
| Fichas relacionadas | | | | | | | | |
| Tipo de ficha | Dados da ficha | Inf. específica | Dados Inf. específica | Tipo relação | | | | |
| Análisis de Periódicos | Guilherme Cardoso - Carta Arqueológica de S. Domingos de Rana. Jornal da Costa do Sol: semanário dos concelhos de Cascais e Oeiras . Cascais 1964. Nº 895 de 27 de Setembro de 1984, 23. | Referência bibliográfica | | | | | | |
| Estudos e Projectos | 147 EIA - Centro Comercial do Arneiro | Responsabilidade | Coordenador de trabalhos arqueológicos Paula Alexandra Chagas Perdigão | Intervenção arqueológica | | | | |
| Imóveis | 4093 Património arqueológico Casa da Bouça | | | Depósito de solos | | | | |
| Monografia | Guilherme Cardoso - Carta arqueológica do Concelho de Cascais . Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 1991. ISBN 972-637-018-3 | | | Referência bibliográfica | | | | |
| Notas: p.83 | | | | | | | | |
| Estudos e Projectos | 148 EIA - Projecto de Regularização do Troço Superior da Ribeira de Sassoelros, Cascais | Responsabilidade | Coordenador de trabalhos arqueológicos Pedro Manuel da Costa Ventura | Intervenção arqueológica | | | | |
| Estudos e Projectos | 149 Carta Arqueológica do Concelho de Cascais | Responsabilidade | Coordenador de trabalhos arqueológicos Guilherme Cardoso | Projecto de investigação | | | | |

[fig.15] e [fig.16] 2007, Inventário de Imóveis in Câmara Municipal de Cascais, departamento da cultura.

1.3 | FOTOGRAFIAS AÉREAS SÃO DOMINGOS DE RANA





|fig.17| |fig.18| e |fig.19| In. Google Earth.

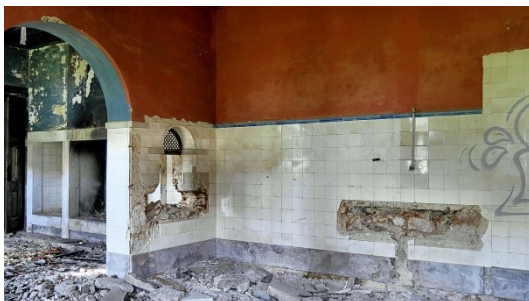
1.4| FOTOGRAFIAS DA QUINTA DA TORRE D'AGUILHA



[fig.20|a] fig.29| Vistas exteriores da Quinta da Torre d' Aguilha

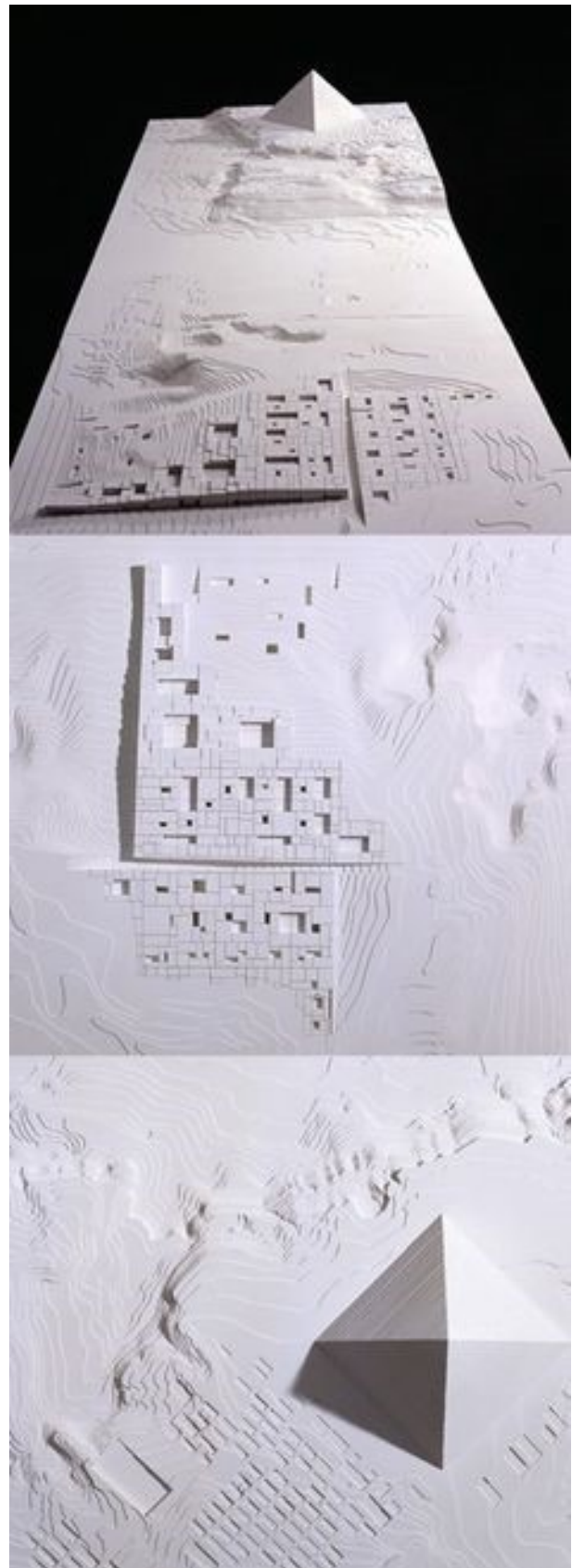


[fig.30] a [fig.36] Vistas interiores dos antigos armazéns agrícolas e pecuários



|fig.37| a | fig.41| Vistas interiores da antiga cozinha da casa

ANEXOS |2| PROJETOS DE REFERÊNCIA



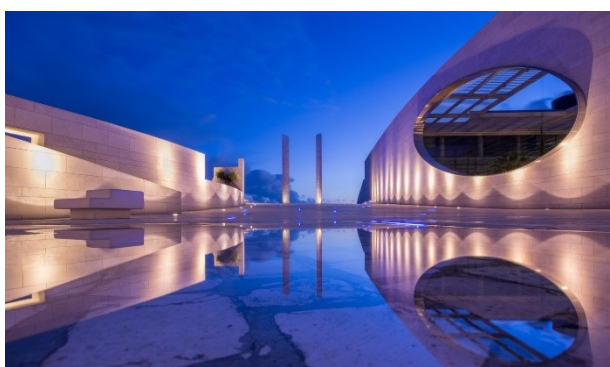
ARQUITETURA ESCAVADA

Museu do Cairo, Egípto – Aires Mateus



RELAÇÃO COM A PAISAGEM

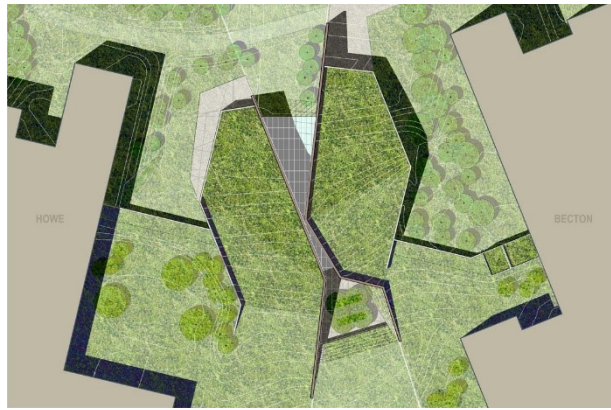
Fundação Champalimaud, Lisboa - Charles Correa.



CONTINUAÇÃO DO ELEMENTO ÁGUA

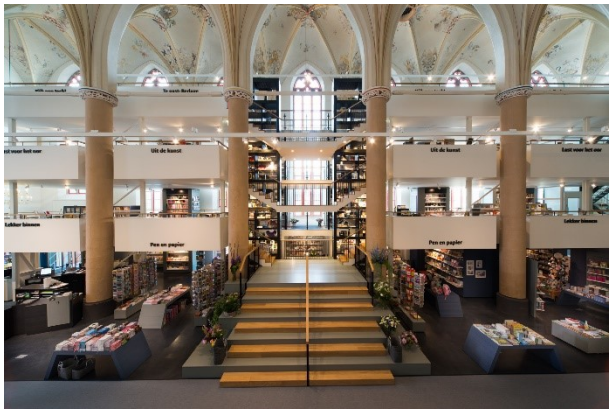
Fundação Champalimaud, Lisboa - Charles Correa.

DAS ANTIGAS QUINTAS DE RECREIO AOS NOVOS POLOS DE CENTRALIDADE
Reabilitação da Quinta da Torre d'Aguilha como Espaço Cultural e Comercial



COBERTURA AJARDINADA NIVELADA
COM A RUA

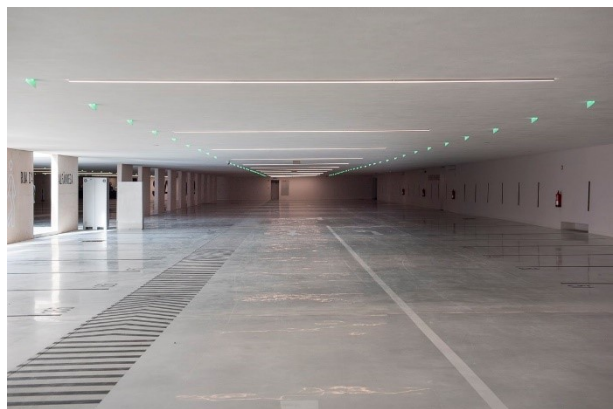
Becton Dickinson Campus Center,
Franklin Lakes, NJ, USA – RMJM.



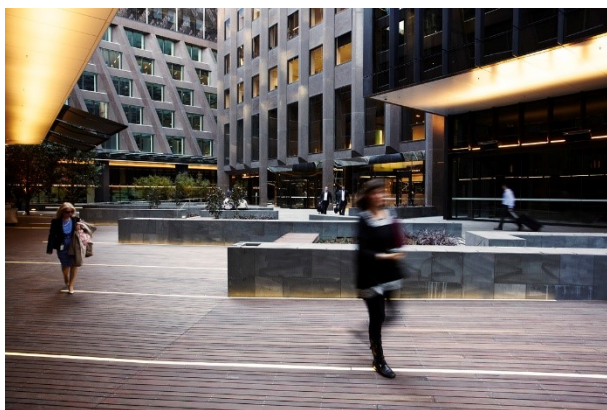
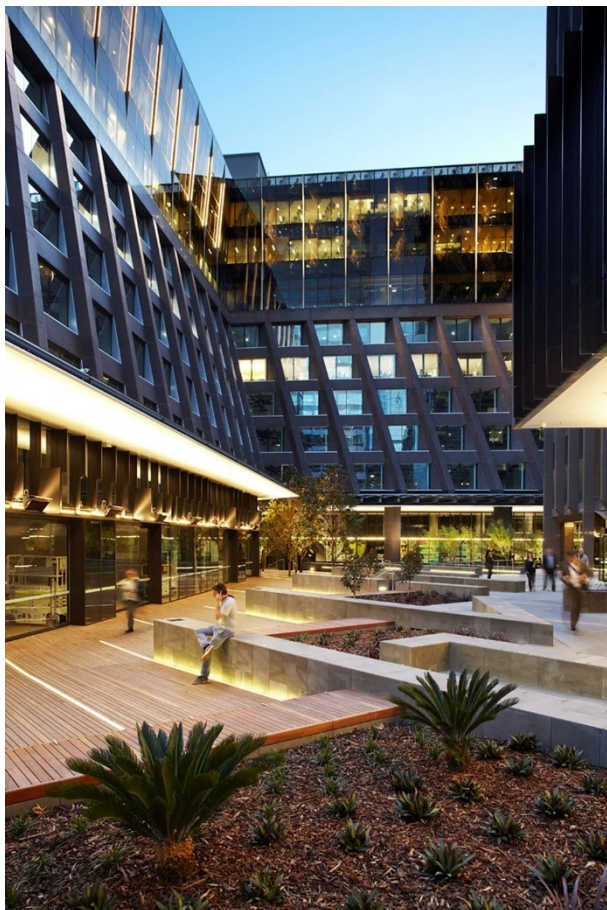
PROGRAMA NOVO NUM ANTIGO
COMPLEXO

Waanders, Broeren, Netherlands - BK.
Architecten.

Fotografias por Joop van Putten, Hans
Westerink.



ESTACIONAMENTO - ACABAMENTOS
Campo das Cebola, Lisboa - Carrilho da Graça.

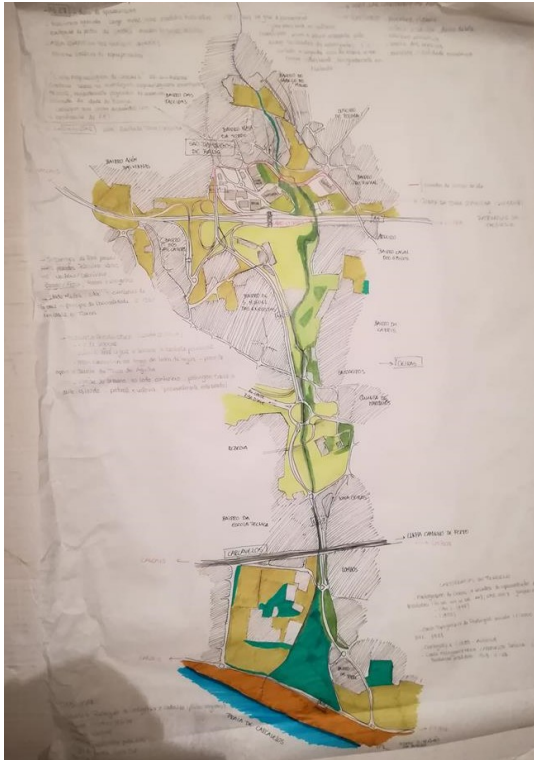


JARDIM – ELEMENTOS URBANOS

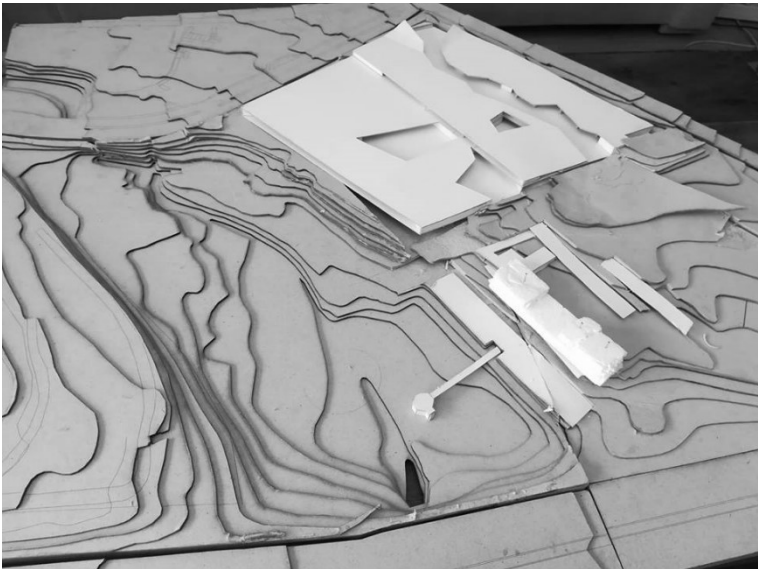
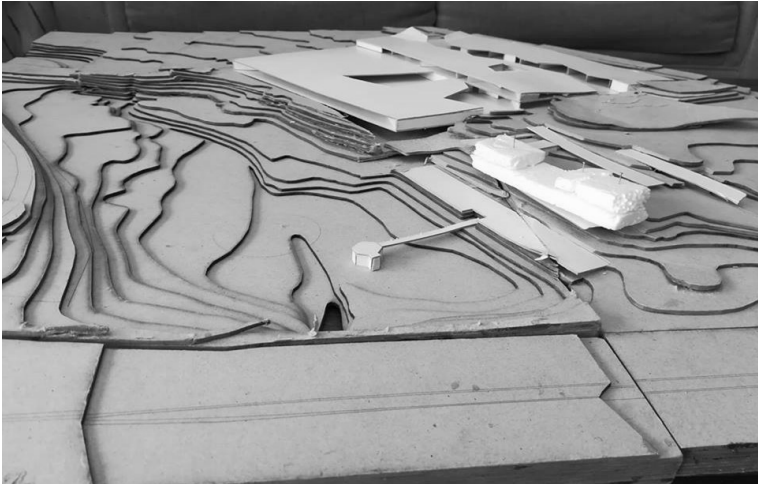
St. James Plaza, Melbourne,
Victoria, Australia - ASPECT Studios.

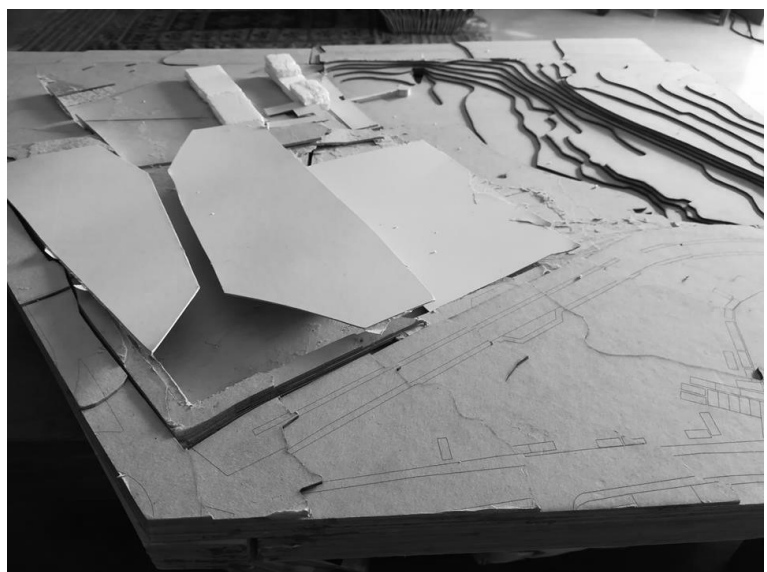
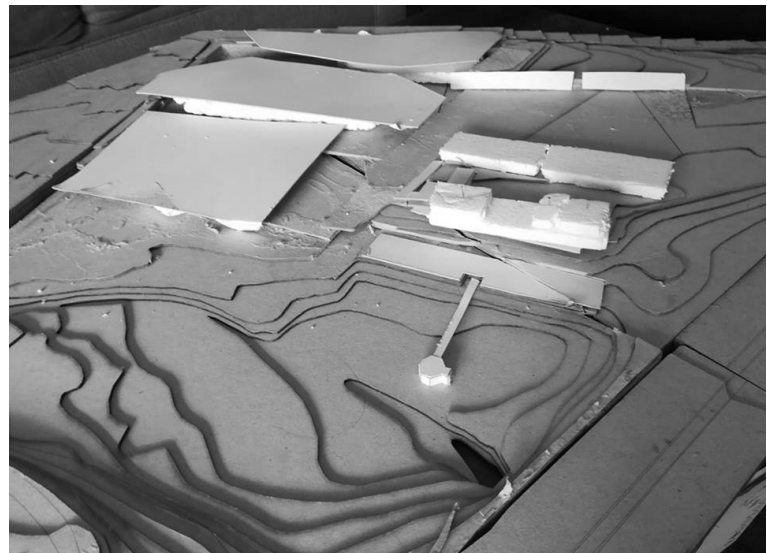
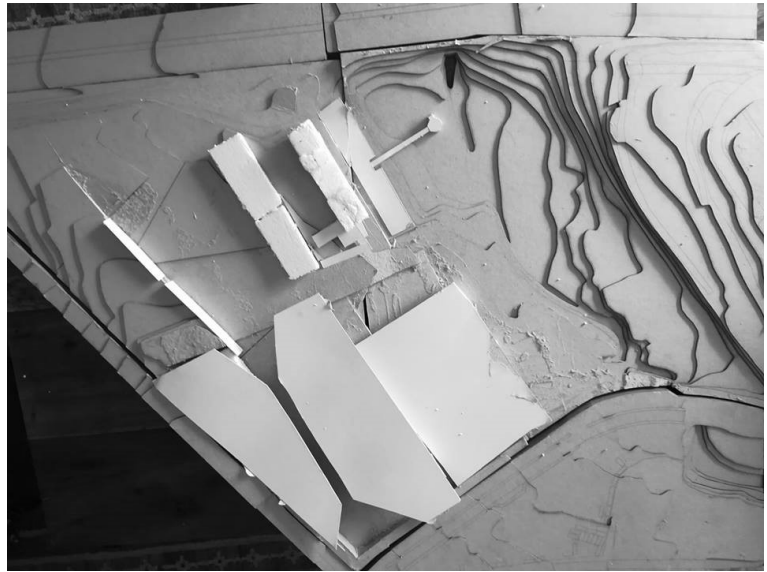
Fotografia por Andrew Lloyd.

3.1 | ESQUISSOS E DESENHOS



3.2 | MAQUETAS DE ESTUDO





ANEXOS | 4 | PEÇAS DESENHADAS

| P1 |

| P2 |

| P3 |

| P4 |

| P5 |

| P6 |

| P7 |

| P8 |

| P9 |

| P10 |

| MAQUETAS |

